

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO

**OS TEMPLOS EVANGÉLICOS, SUAS CONFIGURAÇÕES ESPACIAIS E SEU
VALOR PARA OS USUÁRIOS EM MACEIÓ, ALAGOAS**

Vivian Kruger Geier

MACEIÓ
2012

VIVIAN KRUGER GEIER

**OS TEMPLOS EVANGÉLICOS, SUAS CONFIGURAÇÕES ESPACIAIS E SEU
VALOR PARA OS USUÁRIOS EM MACEIÓ, ALAGOAS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Dr^a Adriana Capretz Borges da Silva Manhas

MACEIÓ
2012

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Fabiana Camargo dos Santos

G312t Geier, Vivian Kruger.

Os templos evangélicos, suas configurações espaciais e seu valor para os usuários de Maceió, Alagoas / Vivian Kruger Geier. – 2012.
153 f. : il., color.

Orientador: Adriana Capretz Borges da Silva Manhas.
Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo : Dinâmicas do Espaço Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2012.

Bibliografia: f. 125-129.

Apêndices: f. 130-161.

1. Arquitetura religiosa. 2. Templos evangélicos. 3. Maceió. I. Título.

CDU: 726.5

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Os Templos Evangélicos, suas configurações espaciais e seu
valor para os usuários em Maceió, Alagoas**

Vivian Kruger Geier

Orientadora: Dr^a Adriana Capretz Borges da Silva Manhas

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Prof^a Dr^a Adriana Capretz Borges da Silva Manhas 

Examinadores: Edin Sued Abumanssur 
Josemary Omena Passos Ferrare 
Augusto Aragão de Albuquerque 

MACEIÓ
2012

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo apoio em todos os momentos;

À minha orientadora, pelo auxílio imprescindível, pelas dicas e correções;

Ao programa de mestrado, pelo apoio ao meu trabalho, aos professores pelos ensinamentos e ajuda em diversos momentos;

Às igrejas analisadas, pela confiança no acesso e na concessão de informações;

Aos fiéis entrevistados, pela disponibilidade e informações;

Aos amigos, pela compreensão nos momentos de ausência.

RESUMO

Com uma enorme diversidade e em número crescente, os templos evangélicos se apresentam cada vez mais numerosos nas cidades contemporâneas. Partindo de exemplares em Maceió (Alagoas), esta dissertação tem por objetivo analisar a arquitetura dos templos evangélicos a partir de sua configuração espacial e de seu valor para os usuários destes espaços, levando em consideração os diversos grupos existentes (tradicionalistas, pentecostais e neopentecostais). O trabalho busca compreender as influências na formação destes espaços tendo como critérios de análise sua tipologia, escala das edificações e sua inserção no meio urbano, além da simbologia atrelada às mesmas. Também se busca analisar a construção do lugar nos templos evangélicos, levando em consideração o método fenomenológico. Por fim, procura-se analisar a importância destes templos para os usuários da cidade de Maceió, utilizando-se de entrevistas que revelam o ponto de vista do indivíduo que frequenta estes espaços. Através deste trabalho busca-se compreender as representações e o valor do espaço evangélico na atualidade.

Palavras chaves: Arquitetura religiosa. Templos evangélicos. Maceió.

ABSTRACT

With some diversity, and in the growing number, the evangelicals temples are presents each time many more in the contemporary city. Starting from the copies in Maceió (Alagoas), this dissertation have the objective analyze the architecture of the evangelicals temples, from the your spatial configuration and the your value for the users of this space, taking into account the various existing usergroups (tradicional, pentecostals, charismatic...). The work search to understand the influence in the formation of this spaces, having as criteria for analysis your typology, the scale of building and your insertion in the urban, eyond the symbolism tied to the same. Also searches analysin the place construction in the evangelicals temples, taking into account the phenomenological method. Lastly, seek to analyze the importance of this temples for the users of Maceió city, using interviews that reveal the point of view of the individuals who attends this spaces. By this work, search to understand the representation and the value of the evangelical space in the news.

Key words: Religious Architecture. Evangelicals temples. Maceió.

LISTA DE FIGURAS

	Pg.
Figura 01 – Esquema de casa cristã em Dura-Europos.	20
Figura 02 – casa cristã em Dura-Europos.	20
Figura 03 – catacumba de Priscila, Roma.	21
Figura 04 – interior do Mausoléu de Sta. Constanza, Roma.	21
Figura 05 – esquema da basílica romana de Constantino, com entrada lateral.	22
Figura 06 – planta da basílica cristã, com descrição de suas partes.	22
Figura 07 – Imagem externa do templo da Igreja de San Vitale, em Ravena.	23
Figura 08 – planta da Igreja de San Vitale, Ravena.	23
Figura 09 – Igreja de San Vitale, Ravena.	24
Figura 10 – Planta baixa da Igreja de Saint Sernin.	25
Figura 11 – deambulatório da catedral de Chartres, França.	26
Figura 12 – planta da Catedral de Chartres, França.	26
Figura 13 – corte esquemático mostrando a sustentação das abóbadas através dos arcobotantes e contrafortes.	27
Figura 14 – Exterior da Catedral de Chartres, França.	27
Figura 15 – Imagem externa da Catedral de Beauvais.	28
Figura 16 – Planta baixa, centralizada, da Basílica de São Pedro, Roma, em estilo renascentista.	29
Figura 17 – exterior da Basílica de São Pedro, Roma.	29
Figura 18 – ilustração do interior do templo de Lyon, Paradis, França.	31
Figura 19 – desenho exterior do templo de Lyon, em Paradis.	31
Figura 20 – destaque do púlpito do templo de Paradis, França.	31
Figura 21 – templo de Charenton, França.	32
Figura 22 – ilustração exterior do templo Rouen Quevilly, França, com plano centralizado.	34
Figura 23 – planta baixa do templo Rouen Quevilly, com plano centralizado.	34
Figura 24 – Catedral de St. Paul, em Londres.	34
Figura 25 – planta da Catedral de St. Paul, Londres.	34
Figura 26 – interior da Igreja de St. Martin-in-the-Fields, Londres.	35
Figura 27 – exterior da Igreja de St. Martin-in-the-Fields, Londres.	35
Figura 28 – planta baixa do templo Frauenkirche, Alemanha.	35
Figura 29 – vista interna do templo Frauenkirche, Alemanha.	35
Figura 30 – vista do exterior da igreja Frauenkirche, em Dresden, Alemanha.	36

Figura 31 – exterior da Igreja de Madeleine, Paris.	37
Figura 32 – interior da Igreja Oberlim, Ohio, EUA.	39
Figura 33 – exterior da igreja Congregacional de Perrysburgh, EUA, assemelhando-se às casas dos fiéis.	40
Figura 34 – Catedral da Se, São Paulo.	40
Figura 35 – Prédio original da Primeira Igreja Batista de Maceió.	43
Figura 36 – Igreja Presbiteriana do Centro de Maceió, século XX.	43
Figura 37 – exterior da igreja Notre-Dame-du-Raincy, França.	45
Figura 38 – interior da igreja Notre-Dame-du-Raincy, França.	45
Figura 39 – Templo de Provença, Marselha.	45
Figura 40 – croqui esquemático com a combinação de púlpito, coro e batistério conforme sugeriu Lingerfelt.	47
Figura 41 – planta baixa mostrando esquema apresentado por Lingerfelt.	47
Figura 42 – imagem aérea da Igreja Batista do Farol.	48
Figura 43 – batistério do antigo templo da Primeira Igreja Evangélica Batista de Maceió.	48
Figura 44 – pinturas no interior da Assembléia de Deus de Bangu, SP.	48
Figura 45 – Exterior do antigo prédio da Primeira Igreja Evangélica Batista de Maceió.	49
Figura 46 – Interior do antigo prédio da Primeira Igreja Evangélica Batista de Maceió.	50
Figura 47 – Igreja Presbiteriana no bairro do Farol, Maceió.	50
Figura 48 – Catedral de Cristal, EUA.	50
Figura 49 – Igreja Universal do Reino de Deus, em Maceió.	50
Figura 50 – Igreja Bíblica Glória de Cristo, em Maceió.	51
Figura 51 – Igreja Universal do Reino de Deus.	53
Figura 52 – Igreja Universal do Reino de Deus, bairro Mangabeiras.	54
Figura 53 – mapa de Localização da Igreja Universal do Reino de Deus e Mundial do Poder de Deus.	54
Figura 54 – Igreja Assembléia de Deus, no bairro Stella Maris.	55
Figura 55 – Mapa de parte da cidade de Maceió, com a localização das igrejas selecionadas para aplicação do questionário.	91
Figura 56 – Exterior da Igreja Batista Cinco de Maio.	92
Figura 57 – Interior da Igreja Batista Cinco de Maio.	92
Figura 58 – Exterior da Igreja Batista do Farol.	92
Figura 59 – Interior da Igreja Batista do Farol.	92
Figura 60 – Exterior da Igreja Assembléia de Deus da Ponta Grossa,.	93

Figura 61 – interior da Igreja Assembléia de Deus da Ponta Grossa.	93
Figura 62 – exterior da Igreja Assembléia de Deus do Stella Maris.	93
Figura 63 – interior da Igreja Assembléia de Deus do Stella Maris.	93
Figura 64 – Igreja Assembléia de Deus Sede, no bairro do Farol.	104
Figura 65 – Igreja Assembléia de Deus da Jatiúca.	104
Figura 66 – Igreja Assembléia de Deus do Tabuleiro.	104

LISTA DE QUADROS E TABELAS

	Pg.
Quadro 01: esquema representativo das ramificações protestantes ao longo dos séculos, destacando diferentes algumas vertentes evangélicas presentes no Brasil.	17
Tabela 01: Relação das respostas dadas à questão sobre o que os entrevistados levariam de suas igrejas, caso precisassem ir para outra igreja.	102
Tabela 02: Respostas sobre a satisfação dos entrevistados quanto à fachada de suas igrejas, com relação dos aspectos positivos e negativos citados.	103
Tabela 03: Relação das sensações descritas pelos entrevistados em cada igreja analisada quando estes se encontram no templo.	105
Tabela 04: Respostas dadas pelos fiéis quando questionados sobre o que é um templo para eles.	107
Tabela 05: Relação das igrejas apontadas como muito bonitas pelos entrevistados.	108

SUMÁRIO

	Pg.
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - OS TEMPLOS DOS PRIMEIROS CRISTÃOS AOS EVANGÉLICOS ATUAIS	19
1.1 Os primeiros templos cristãos	20
1.2 A Igreja na Idade Média	24
1.3 Os templos cristãos do Renascimento ao Barroco	29
1.4 O Protestantismo nos séculos XVIII e XIX	36
1.5 Os templos evangélicos a partir do século XX	44
1.6 Qual o valor dos templos evangélicos na atualidade?	55
CAPÍTULO 2 - O ESPAÇO EVANGÉLICO PERCEBIDO	57
2.1 O método fenomenológico e a arquitetura	58
2.1.1 O habitar e a criação do lugar em arquitetura	60
2.2 A questão do lugar no templo evangélico	65
2.2.1 O sagrado e o lugar	65
2.2.2 O templo evangélico como lugar	67
2.2.3 Existe não lugar nos templos evangélicos?	71
2.3 A produção do lugar no templo evangélico	74
2.4 Considerando a importância do templo evangélico	78
CAPÍTULO 3 - O USÁRIO E OS TEMPLOS EVANGÉLICOS	80
3.1 A linguagem interna dos templos evangélicos	81
3.2 Questionando o usuário sobre o espaço	84
3.2.1 Elaboração do questionário	85
3.3 A escolha das igrejas	89
3.3.1 As igrejas e seus templos	92
3.4 Análises das respostas dos questionários	94
3.5 A percepção nos templos evangélicos	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	119
APÊNDICES	123

INTRODUÇÃO

O Brasil possui uma grande variedade cultural, resultado da miscigenação de povos e raças que o compõe, contando com uma imensa diversidade de grupos religiosos. Pesquisas apontam que no ano 2000, o país contava com cerca de 89% de cristãos, dos quais a maior parte declarou-se católica (73,6%), enquanto cerca de 15% se declarou evangélica (segundo o IBGE, Censo Demográfico, 2000). Em um país de tradição católica, os evangélicos têm apresentado um crescimento notável (em comparação com outros grupos religiosos), principalmente a partir do final do século XX. O crescimento numérico dos evangélicos foi acompanhado também por uma diversificação de vertentes denominacionais, que atualmente abrangem os mais variados segmentos sociais.

Em meio aos muitos evangélicos encontrados atualmente, pode-se pensar que constituam um grupo homogêneo, mas uma análise um pouco mais demorada pode revelar vários grupos diferentes. A diversidade, além de refletir-se na gama diversa de igrejas¹, se expressa no campo doutrinário, na liturgia, na forma arquitetônica e também na escolha do local de implantação do templo. Cada segmento evangélico utiliza-se de estratégias próprias e diferenciadas para adequar-se ao meio urbano, consolidar-se como igreja e conquistar novos fiéis.

Neste contexto, o templo construído por estes grupos religiosos torna-se uma ferramenta fundamental que reflete algumas das características dos grupos e serve como atrativo aos usuários destes espaços. A variedade dos templos abrange desde os mega templos, os edifícios cuidadosamente projetados para variadas funções litúrgicas, até os mais simples galpões adaptados ao uso religioso. Em cada caso, a configuração arquitetônica dos templos difere e reflete dinâmicas diferenciadas, resultado de suas características identitárias.

A localização destas edificações também se revela diferenciada. Alguns segmentos concentram-se em zonas periféricas, enquanto outros adquirem maior relevância em regiões centrais e movimentadas das cidades. Tais templos procuram se adaptar à complexa realidade urbana de formas diferenciadas.

¹ O termo igreja, neste trabalho, será usado para se referir a uma comunidade cristã, sobretudo, às instituições religiosas em questão neste trabalho, comunidades que possuem uma mesma fé, princípios e orientação espiritual.

As diferentes configurações dos templos também podem contribuir para refletir, em parte, o valor² que tais edificações possuem para os usuários que usufruem destes espaços. As igrejas podem funcionar como pontos de apoio estáveis e seguros para o fiel diante do caos da sociedade contemporânea, fazendo surgir lugares significativos. Assim, o valor do templo evangélico, além de sua forma física, poderia estar relacionado também ao uso do espaço, constituído lugar significativo através da apropriação feita por seus usuários.

Ao mesmo tempo, novos templos proliferam nas cidades brasileiras surgindo repentinamente com grande facilidade. Surge a dúvida se essa variedade de soluções arquitetônicas, aliadas à grande quantidade de templos não estaria contribuindo para torná-los indiferentes aos olhos da população. Deste modo, o desafio encontra-se em compreender a dinâmica destes espaços religiosos e o valor que eles possuem para o homem, em especial para o frequentador destes templos.

Portanto, a presente dissertação objetiva analisar os templos evangélicos a partir de sua configuração espacial e seu valor para os usuários destes espaços, considerando a realidade deste segmento religioso em Maceió, Alagoas. Os objetivos específicos desta pesquisa são: compreender as influências na formação dos espaços religiosos evangélicos; analisar a construção do lugar nos templos evangélicos; além de analisar o valor destes templos para seus usuários na cidade.

Existem inúmeras possibilidades de se abordar questões referentes à arquitetura dos templos evangélicos, seja por análise puramente física, seja pelo viés funcionalista, por critérios estéticos ou outras possibilidades. Nesta dissertação, optou-se por trabalhar estes templos através de seu valor para os frequentadores. Outras possibilidades de estudo em relação aos templos evangélicos poderão ser traçadas em pesquisas posteriores.

Os estudos relacionados aos evangélicos tendem a concentrar-se, no Brasil, no campo da Antropologia, Ciências Sociais e da Religião abordando, sobretudo, aspectos ligados à teologia, crenças e doutrinas, ou mesmo sobre a identidade dos fiéis que fazem parte deste segmento religioso. No entanto, muito pouco tem sido feito em relação ao espaço utilizado por estes grupos e sua importância, sobretudo no campo das pesquisas arquitetônicas. Assim, este trabalho mostra-se relevante ao trazer uma análise preliminar sobre estes templos religiosos que vêm adquirindo cada vez mais espaço nas cidades brasileiras. Os estudos em

² O valor, para esta dissertação, relaciona-se ao apreço que se tem por determinada coisa; a algo que é estimável e possui um significado relevante; refere-se a algo que possui importância e tem reconhecidas suas qualidades. O valor a ser identificado nos templos evangélicos refere-se a identificar o apreço que se tem por estes espaços, para os usuários, com o reconhecimento de suas qualidades.

Ciências da Religião também têm ampliado suas abordagens para se relacionarem à música, imagens e também à arquitetura. Cada vez mais se tem dado atenção a imagens e práticas religiosas (ENGLER, 2007). Deste modo, esta pesquisa também busca contribuir para este campo de estudo, ao analisar a arquitetura voltada para o fim religioso em suas imagens e valor para seus usuários.

Talvez pela falta de unidade, ou mesmo de expressão arquitetônica nos templos evangélicos, pouco se têm estudado estas edificações. Este estudo também não se fixa apenas nos aspectos físicos dos templos, mas na forma como estes aspectos podem influenciar a percepção destes espaços por seus usuários. Os espaços destinados a manifestações religiosas tendem a adquirir importância por se tornarem *locus* do encontro do fiel com a divindade, por abrigarem manifestações culturais e incentivarem a sociabilidade entre seus frequentadores. Deste modo, esta dissertação pode contribuir também para identificar características e elementos que contribuam para uma melhor utilização destes espaços, para que futuros templos evangélicos venham a levar em consideração alguns estímulos arquitetônicos que podem contribuir para uma melhor relação entre o usuário e o lugar que ele frequenta.

Outra dificuldade refere-se à carência de estudos específicos sobre as origens e transformações dos templos evangélicos brasileiros ao longo da história. Neste sentido, buscando um conhecimento mais apurado sobre a arquitetura construída pelos evangélicos, a fim de melhor analisar os templos existentes atualmente na cidade de Maceió, foi construído o primeiro capítulo desta dissertação. O capítulo primeiro serve para visualizar a variedade de templos evangélicos existentes, procurando compreender a configuração espacial destes edifícios a partir dos primeiros templos cristãos até os atuais templos evangélicos brasileiros. Partindo do referencial bibliográfico existente sobre arquitetura religiosa, busca-se compreender a evolução arquitetônica destes templos, mostrando a influência na formação dos espaços religiosos evangélicos.

A presente pesquisa também busca analisar o valor dos templos evangélicos. Busca-se reconhecer que as edificações não são importantes apenas por seus atributos físicos, mas o espaço entre as paredes que compõem o edifício também é importante. Este valor, que vai além do aspecto físico das construções ou de suas configurações espaciais, vincula-se ao que torna aquele espaço um lugar diferenciado para aqueles que o frequentam. Assim, o segundo capítulo busca compreender como os templos evangélicos podem adquirir valor, no que tange à relação entre o templo e seus usuários. O capítulo buscou subsídios na fenomenologia, que apresenta importantes contribuições sobre a forma como o homem percebe os ambientes,

identificando estímulos que proporcionam aos usuários do espaço as condições para o *habitar* (HEIDEGGER, 1954). Assim, busca-se analisar a importância dos templos evangélicos enquanto lugares definidos como significativos para seus usuários.

O capítulo três também versa sobre o valor dos templos evangélicos, buscando analisá-lo a partir da ótica dos usuários do espaço. Foram escolhidos alguns exemplares de templos evangélicos em Maceió, Alagoas, que serviram para a abordagem de fiéis através da aplicação de questionários. Buscou-se compreender como o templo torna-se significativo e quais aspectos físicos interferem na percepção daquele espaço. Assim, o capítulo final da dissertação traz subsídios para compreender a importância dos templos enquanto espaços construídos socialmente, como lugares significativos para seus usuários. Deste modo, mediante a opinião dos usuários, será possível aferir qual a relevância destes templos para a arquitetura, que vai além de seu aspecto estético ou de seu projeto arquitetônico formal, mas que versa sobre deixar o homem habitar ou fazer surgir o lugar.

Para a realização do capítulo primeiro, a pesquisadora utilizou-se de referências bibliográficas, principalmente da área de Arquitetura. Foram analisados autores conhecidos no ramo da história da arquitetura, autores que trabalham a arquitetura protestante (em sua maioria, estrangeiros), além de fontes que retratam os evangélicos brasileiros atualmente. Ao mesmo tempo, procurou-se exemplificar estas informações com templos evangélicos existentes em Maceió. Com esta revisão bibliográfica, objetivou-se visualizar a evolução dos templos cristãos ao longo dos séculos, identificando características que influenciaram a formação dos templos evangélicos e ainda hoje se fazem presentes em algumas edificações, além de compreender a simbologia existente em elementos e configurações presentes nestes edifícios. Foi possível, ainda, obter uma visão geral de como se configuram os templos evangélicos atualmente, subsidiando as análises dos capítulos subsequentes.

O segundo capítulo, semelhantemente ao anterior, também foi elaborado a partir uma revisão bibliográfica, utilizando-se fontes de diversas áreas, como das Ciências Sociais, buscando maiores informações relacionadas à fenomenologia, à construção do lugar e sua relação com a arquitetura. Ao longo do capítulo, buscou-se relacionar tais conceitos aos templos evangélicos. Com o uso da fenomenologia e a relação com o conceito de lugar aplicado à arquitetura, buscou-se compreender como tais conceitos podem ser aplicados ao objeto de estudo desta dissertação, identificando como ocorre a apropriação destes espaços e como os mesmos adquirem valor perante seus usuários.

No capítulo final, a pesquisa adquire um aspecto mais prático ao voltar-se para templos evangélicos em Maceió. O capítulo inicia-se com uma revisão bibliográfica acerca de sensações que a arquitetura pode gerar em seus usuários, pautando-se nas ideias de Pallasmaa (1986), objetivando analisar como pode ocorrer a apropriação dos templos e como os mesmos podem adquirir valor para seus usuários, além de identificar alguns aspectos físicos que podem ser relevantes para os frequentadores destas igrejas. O autor faz uma ligação entre a arquitetura e como ela pode ser percebida fenomenologicamente, identificando sensações que podem ser obtidas pelos usuários, no espaço.

Após esta revisão, foi elaborado um questionário, pautando-se nas sensações descritas por Pallasmaa (1986). O questionário foi aplicado a usuários de alguns templos evangélicos existentes em Maceió. Através do mesmo buscou-se conhecer como os usuários se sentem em relação ao espaço dos templos evangélicos, identificando aspectos físicos relevantes e conhecendo o valor que eles possuem para os fiéis. Para a aplicação do questionário foram selecionadas quatro igrejas (entre tradicionais e pentecostais), levando-se em consideração a variedade arquitetônica de templos encontrada na cidade. Com a aplicação do questionário em diferentes igrejas tornou-se possível verificar se existem diferenças de compreensão de aspectos físicos nos templos, bem como características físicas que podem ser relevantes na apropriação do espaço. A análise dos questionários aplicados foi realizada separadamente em cada igreja, identificando características que se sobressaem em cada templo, e também comparando as respostas obtidas em diferentes templos, identificando diferenças de percepção influenciadas pela variedade física e denominacional. Assim, através do capítulo buscou-se identificar como se processa a relação entre os usuários e os templos evangélicos.

Antes de dar início aos capítulos, cabe uma breve elucidação sobre as origens dos evangélicos brasileiros, oriundos do protestantismo histórico do século XVI. Estes, protestavam contra alguns abusos do catolicismo, apregoando uma volta aos ideais do cristianismo primitivo, sem a pompa e cerimônia construídas ao longo dos séculos. Os primeiros reformadores como Lutero, Calvino e outros acabaram por influenciar diversos grupos e fizeram surgir diversas ramificações cristãs.

Dentre as características mais marcantes destes primeiros grupos estava a ênfase na palavra – compreendendo as Escrituras Sagradas e o sermão educativo. Devido a esta característica, muitos grupos eliminaram qualquer distração que impedisse transmissão da mensagem aos fiéis. Além disso, os protestantes prezavam pela racionalidade (WEBER, 1904), removendo aspectos supersticiosos de suas práticas. Isso acarretou em algumas

peculiaridades no espaço religioso utilizado por estes protestantes como a simplificação, ou mesmo eliminação de muitos elementos visuais e litúrgicos outrora utilizados pelo catolicismo.

Do século XVI em diante, surgiram várias denominações ditas protestantes; em meados do século havia três principais vertentes cristãs na Europa: além do tradicional catolicismo, havia o Luteranismo e o Calvinismo (JOHNSON, 1976). Luteranos e calvinistas concentraram-se no norte europeu, de onde surgiram as primeiras manifestações protestantes (os luteranos concentraram-se em parte da Alemanha, os calvinistas se originaram em Genebra, na Suíça). Na Inglaterra e nos países baixos também havia expressivos protestantes. Do norte europeu, expandiram-se principalmente para o restante da Europa e América do Norte. Nos Estados Unidos o protestantismo ganhou força, dando ao país a fama de maior nação protestante do mundo. O início do trabalho protestante brasileiro tem forte relação com os norte-americanos. Missionários norte-americanos, bem como de outras nacionalidades, contribuíram fortemente para a expansão do trabalho protestante no Brasil com grupos como presbiterianos e batistas, já no século XIX.

Do período colonial ao século XIX, os protestantes que chegaram ao Brasil não conseguiram se estabelecer expressivamente e por longos períodos³, havendo essa possibilidade somente quando se instalaram no país condições político-sociais favoráveis (MENDONÇA, 1995). No entanto, entre muitos imigrantes europeus que chegaram ao país no período também havia protestantes, principalmente entre aqueles que se instalaram no sul e sudeste do país. Entre esses grupos a intolerância católica não gerava grandes problemas, pois sua religião restringia-se aos estrangeiros. As maiores dificuldades estavam entre aqueles missionários que vinham ao país com o intuito de converter brasileiros ao protestantismo. Foi o caso de alguns missionários batistas, que tiveram de retornar aos seus países de origem devido a represálias (PRADO, 2008).

Foi com a vinda da família real ao país no século XIX e, conseqüentemente, com a abertura dos portos, que se criaram condições favoráveis para uma expansão protestante mais expressiva no país. As mudanças na Constituição brasileira em 1824 e 1891 também favoreceram a chegada dos protestantes, dando-lhes maior liberdade de expressão e culto, ao reduzir a ligação do Estado com o catolicismo (MENDONÇA, 1995). Assim, através de

³ Dentre as tentativas mais expressivas de inserção protestante no Brasil, vale apontar a presença dos holandeses reformados que chegaram ao nordeste do país (MENDONÇA, 1995).

imigrantes anglo-saxões e missionários estrangeiros, os protestantes foram adquirindo maior expressividade e liberdade no Brasil a partir do século XIX.

Atualmente os protestantes são conhecidos como evangélicos, termo que abrange as denominações nascidas com a Reforma Protestante e as que delas descenderam (MARIANO, 1999). Pela diversidade que estes grupos impõem na atualidade, torna-se difícil classificá-los. No entanto, pesquisadores têm dividido os evangélicos brasileiros geralmente em três vertentes. Para Ricardo Mariano (2005), eles podem ser divididos em: protestantes históricos, pentecostais e neopentecostais.

Os protestantes históricos, ou evangélicos tradicionais, são grupos originados mais diretamente da Reforma Protestante, compreendendo denominações mais antigas e tradicionais como a Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana, Metodista e Batista (MARIANO, 1999). Todas possuem origem estrangeira, sendo trazidas ao país predominantemente no século XIX por missionários e imigrantes, pelo que tais grupos também são conhecidos como protestantes de missão.

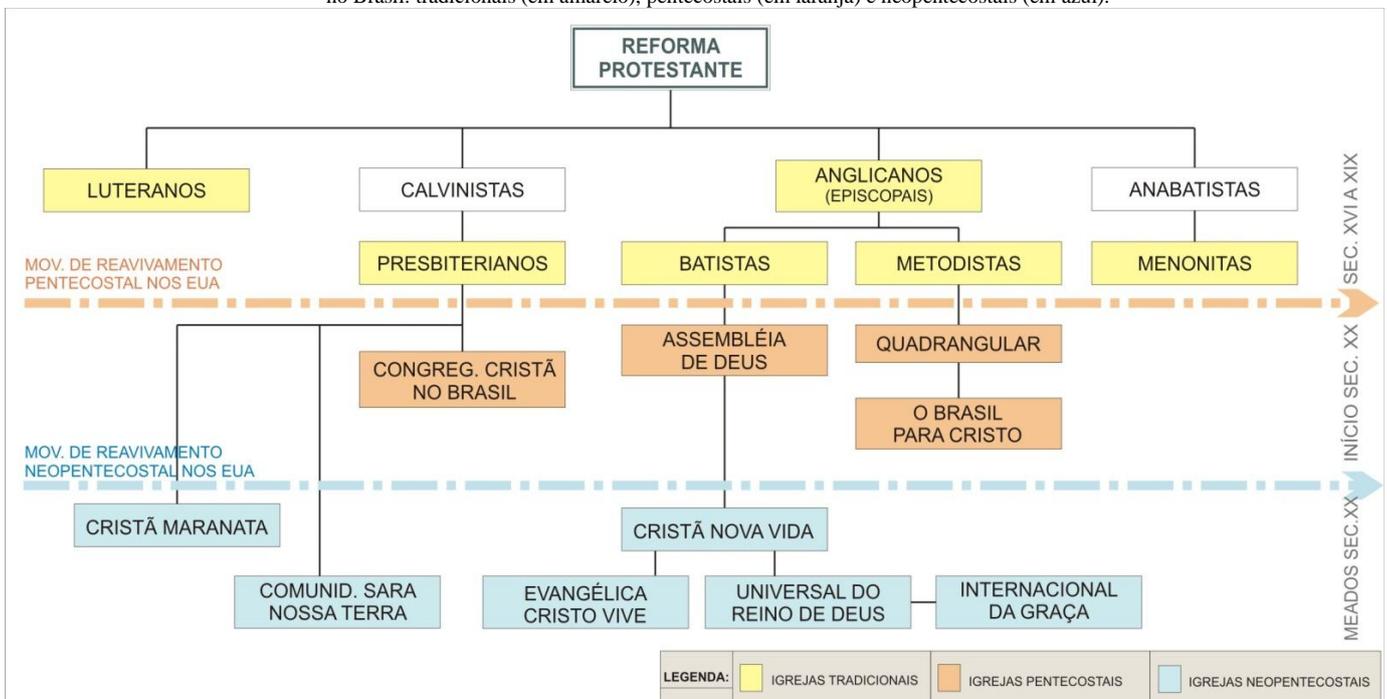
Os pentecostais compreendem as denominações surgidas no Brasil no início do século XX. O pentecostalismo é um fenômeno de amplitude mundial, que obteve ênfase entre os norte-americanos no início do século XX, desenvolvendo-se de forma surpreendente na América Latina, sobretudo no Brasil, ganhando caráter de protestantismo popular (MARIANO, 1999). As igrejas tidas como pentecostais clássicas são a Congregação Cristã e a Assembléia de Deus. Outros grupos também tiveram origem em meados do século XX, como as denominações Quadrangular, o Brasil para Cristo e Deus é Amor.

A partir da década de 1970 se originaram os grupos evangélicos brasileiros mais recentes e polêmicos. Chamados de neopentecostais, abrangem a maior diversidade denominacional entre os evangélicos brasileiros, tendo como expoentes mais significativos as igrejas Internacional da Graça e Universal do Reino de Deus (FREESTON *apud* MARIANO, 1999). As igrejas neopentecostais caracterizam-se por um público flutuante, sendo marcadas pela busca de prosperidade material e cura divina (MARIANO, 1999; MAFRA, 2001). De um modo geral, uma das mais notáveis diferenças entre as denominações históricas e as pentecostais (incluindo as neopentecostais) está na ênfase das últimas nos dons do Espírito Santo, mais especificamente os de línguas, cura e discernimento de espíritos (MARIANO, 1999).

O esquema mostrado a seguir (Quadro 01) mostra algumas das ramificações protestantes mais expressivas surgidas desde a Reforma até alguns grupos evangélicos brasileiros mais recentes. Em amarelo são mostradas as principais denominações evangélicas tradicionais existentes no Brasil. Destas, se originaram algumas denominações pentecostais já no início do século XX, destacadas em laranja. Sua origem foi influenciada pelo movimento de reavivamento pentecostal nos Estados Unidos, representado pela linha tracejada laranja. Já em meados do século XX, outra onda de reavivamento pentecostal teve lugar nos Estados Unidos, atingindo as igrejas brasileiras e dando origem a novas denominações, os grupos neopentecostais, destacados em azul.

Vale salientar que alguns grupos recentes tiveram origem a partir da iniciativa individual de um membro dissidente de uma igreja mais antiga, ou de um pequeno grupo, trazendo princípios doutrinários e práticas litúrgicas por vezes muito divergentes de suas denominações de origem. No entanto, muitas das práticas originadas nos grupos recentes têm sido utilizadas por grupos mais tradicionais, influenciados pela mídia ou para manterem-se na busca por novos fiéis.

Quadro 01: esquema representativo das ramificações protestantes ao longo dos séculos, destacando algumas vertentes evangélicas presentes no Brasil: tradicionais (em amarelo), pentecostais (em laranja) e neopentecostais (em azul).



Fonte: autora, segundo dados de Mafra (2001) e Mariano (1999).

Tendo tomado ciência da diversidade evangélica existente no país e de suas origens, o primeiro capítulo buscará explanar como se deu a evolução dos templos cristãos ao longo da história, até que se chegue aos templos evangélicos atualmente encontrados nas cidades brasileiras.

CAPÍTULO 1

OS TEMPLOS DOS PRIMEIROS CRISTÃOS AOS EVANGÉLICOS ATUAIS

Este capítulo busca proporcionar uma visão geral dos templos cristãos a partir do viés histórico, compreendendo a formação de tais templos ao longo dos séculos e o modo como estas edificações foram sendo construídas e modificadas. Assim, busca-se identificar características próprias das edificações cristãs que ainda hoje influenciam a construção de diversos templos evangélicos. Através deste estudo procurar-se-á compreender as edificações evangélicas arquitetonicamente, abordando aspectos que lhe dão sentido.

Além de apresentar os templos cristãos a partir de suas características físicas, também serão levados em consideração aspectos funcionais e simbólicos, com configurações que carregam significados e podem conduzir à existência de formas ou elementos específicos em alguns templos. Os templos serão abordados a partir de períodos históricos específicos, partindo dos templos iniciais do cristianismo primitivo até a atual configuração atual das edificações destinadas ao culto evangélico.

A partir do século XVI, quando ocorreu a Reforma Protestante que influenciou, de maneira mais direta, a formação dos evangélicos atuais, as descrições históricas se voltam para o universo protestante. Deste modo, como este trabalho aborda a vertente evangélica, a partir deste momento as atenções serão focadas na arquitetura protestante. No entanto, ainda serão pontuados alguns aspectos concernentes ao catolicismo, já que este continuou a influenciar as obras arquitetônicas protestantes, ainda que sua relevância para o presente estudo seja menor.

Na atualidade, são apresentadas as variadas configurações que as edificações voltadas para o culto evangélico apresentam, revelando sua diversidade. Além disso, são mostradas suas formas de inserção no meio urbano, onde os templos se fazem mais numerosos a cada dia.

1.1 Os Primeiros Templos Cristãos

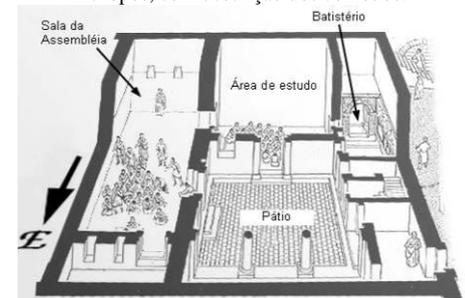
Os primeiros cristãos, assim nomeados em Antioquia por volta do ano 60 d.C, não possuíam edificações exclusivamente destinadas ao uso religioso. Grande parte de suas reuniões eram realizadas nas casas dos fiéis, conforme relatos bíblicos (Rm 16,5; Cl 4,15). Algumas, no entanto, sofriam alterações físicas, adequando-se às funções sacras. As diversas perseguições vivenciadas pela igreja primitiva durante o Império Romano também contribuíam para dificultar a construção de uma edificação específica para o culto cristão.

Somente no século III o cristianismo recebeu reconhecimento do Império Romano através do imperador Constantino, sendo instituído como religião oficial do Império pouco tempo depois. A partir deste período passou-se a construir templos específicos para as celebrações cristãs, devido ao aumento do número de fiéis e à necessidade de uma edificação que simbolizasse a nova religião oficial. Após os primeiros exemplares de templos cristãos construídos pelo Império, logo houve inúmeras remodelações e alterações de templos que melhor se adequassem às necessidades de cada região.

As casas inicialmente utilizadas para o culto cristão eram geralmente pequenas e de aspecto irrelevante (GOMBRICH, 1972). No entanto, quando as comunidades cresciam havia necessidade de ampliações para abrigar mais fiéis durante as celebrações e algumas destas ganhavam cômodos maiores, sendo chamadas de *domus ecclesiae* (VIOLA, 2005). Um exemplo é a casa encontrada em Dura-Europos, Síria, do século III, que serviu a cerca de cinquenta pessoas (Figuras 01 e 02) (ESTRADA, 1999). Exteriormente semelhante às demais, em seu interior uma sala foi ampliada com a demolição de uma parede entre dois quartos, além de haver ali um batistério (tanque onde era realizado o batismo por imersão).

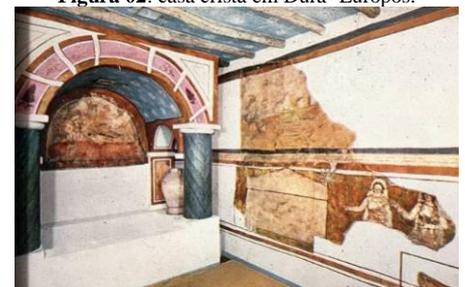
As adaptações nestas casas iam desde a demolição de paredes para ampliar o espaço de reunião, até a construção do batistério utilizado no cerimonial de introdução ao cristianismo (Figura 02). Do mesmo modo, a transmissão dos ensinamentos cristãos era facilitada pela existência de pinturas nas paredes, ilustrando relatos bíblicos, com o intuito de educar quem não sabia ler.

Figura 01: Esquema da casa cristã em Dura-Europos, com descrição dos cômodos.



A sala de assembléia correspondia ao templo propriamente dito. Fonte: Topics in Medieval Art.

Figura 02: casa cristã em Dura-Europos.



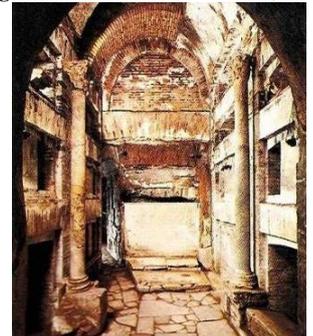
À esquerda, pequeno tanque decorado servindo como batistério. Nas paredes, trechos de pinturas com cenas bíblicas. Fonte: Topics in Medieval Art.

As casas utilizadas para as reuniões, ainda que por motivos práticos, também traziam significados intrínsecos. Não era por acaso que as comunidades cumprimentavam-se como famílias, chamando uns aos outros de irmãos (como em Cl 4,15). Em meio às ondas de perseguição e rodeados por uma cultura pagã, os cristãos, mesmo inconscientemente, tinham essas casas como abrigo da comunidade cristã, proporcionando acolhimento e proteção. A fé cristã mantinha um forte sentimento de pertencimento à comunidade cristã e a relação com as coisas sagradas, para eles, não estava atrelada ao espaço físico (VIOLA, 2005), pois eles compreendiam que a igreja era a própria comunidade. No Novo Testamento bíblico a palavra que faz alusão a igreja – *eklesia* – referia-se à reunião de pessoas, e não ao espaço físico⁴. O simbolismo cristão estava presente em suas crenças e práticas, como na eucaristia⁵, que fazia alusão ao corpo e sangue de Cristo sacrificado na cruz.

A crença cristã na ressurreição contribuiu para o cuidadoso sepultamento dos corpos após a morte. Por vezes utilizou-se, para tanto, cemitérios com corredores subterrâneos, as catacumbas (Figura 03). Elas não eram destinadas a reuniões litúrgicas, mas isso pode ter ocorrido quando as perseguições aos cristãos foram mais severas. A crescente veneração aos mortos, a partir do século II, levou à construção de mausoléus sobre algumas catacumbas, dando origem, posteriormente, a pequenos templos chamados *celas memoriae*, indicando a existência de um túmulo importante na parte inferior. A partir dessas capelas surgiram os templos funerários, que foram adquirindo proporções maiores (GOITIA, 1995). Quanto ao partido de planta, estes templos podiam ser retangulares ou circulares como o de Santa Constança, em Roma (Figura 04).

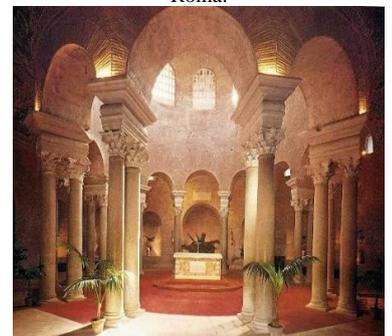
Até o século IV, a localização dos espaços destinados ao culto cristão não era explícita no meio urbano. Sem a proteção legal, muitas reuniões eram clandestinas, e pode-se supor que os cristãos procurassem lugares menos visíveis, fora do controle romano ou das cidades. Nos períodos de perseguição, é possível

Figura 03: Catacumba de Priscila, Roma.



Fonte: Goitia, 1995.

Figura 04: interior do Mausoléu de Sta. Constança, Roma.



No centro do espaço o altar com uma câmara dando acesso aos restos dos mártires. Fonte: Goitia, 1995.

⁴ Segundo Viola (2005), a palavra igreja começou a ser usada para designar um lugar de culto somente por volta do ano 190 d.C., com Clemente de Alexandria.

⁵ Sacramento utilizado pela Igreja lembrando a morte e ressurreição de Cristo, também denominado Comunhão ou Santa Ceia.

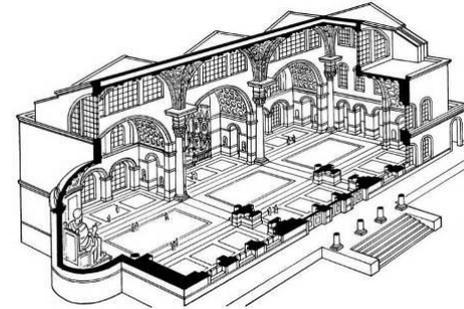
que algumas das catacumbas tenham servido para culto, evitando qualquer comprometimento à integridade do grupo.

Benévolo (1960) afirma que os primeiros templos de igrejas surgiram nos bairros periféricos da cidade, como reflexo de uma religião popular, longe dos centros monumentais. Alguns dos primeiros templos foram construídos sobre túmulos, fora dos muros da cidade.

Após a oficialização do cristianismo pelo Império Romano, foi iniciada a construção oficial de templos cristãos. Segundo Viola (2005), o cristianismo foi formalizado e moldado conforme as necessidades do Império Romano, pois uma religião oficial necessitava de uma tipologia específica para suas atividades litúrgicas. Os primeiros templos tomaram como modelo edificações públicas romanas, as basílicas (Figura 05), que funcionavam como mercados e locais para audiências públicas (GOMBRICH, 1972). Dentre as modificações realizadas pelos cristãos para a adequação das basílicas ao serviço cristão está a supressão de uma das absides, deslocando a entrada para o lado em que ela foi suprimida, acentuando o eixo longitudinal (ZEVI, 1978).

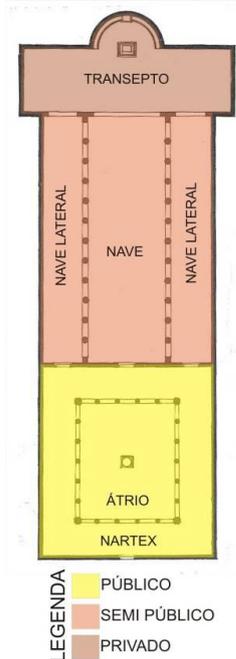
O espaço interior das basílicas cristãs dividia-se em três partes principais: pública, semi-pública e privada (Figura 06) (GOITIA, 1995). A parte pública era composta pelo átrio, um grande pátio de entrada que por vezes possuía uma fonte ao centro, cercado por um corredor com colunatas, dando acesso ao templo, onde ocorriam as celebrações (GOITIA, 1995). A parte semi-pública consistia no corpo da edificação, acessada pelos batizados, podendo possuir de uma a cinco naves separadas por colunas e cobertas por teto de madeira. A parte privada era destinada ao clero, o presbitério elevado com altar-mor e um comprido banco destinado ao clero e ordens maiores que presidiam as celebrações. No centro do presbitério localizava-se, por vezes, uma câmara subterrânea com os restos dos mártires (GOITIA, 1995). Era esse o foco visual da edificação, para onde os fiéis voltavam seus olhares e onde se realizava a cerimônia cristã (GOMBRICH, 1972).

Figura 05: esquema da basílica romana de Constantino, com entrada lateral.



Fonte: Topics in Medieval Art.

Figura 06: planta esquemática da basílica cristã, com descrição de suas partes.



Fonte: modificação sobre original de GOITIA, 1995.

O eixo longitudinal da entrada do templo em direção ao altar guiava o observador. Segundo Ferrare, “a igreja surgia como um vasto salão, obrigando os olhos e espíritos dos fiéis a voltarem-se apenas para o púlpito e o altar-mor” (FERRARE, 2006). Para Zevi (1978), os olhos eram guiados ao longo do espaço em direção ao altar. Assim, “toda a concepção planimétrica e espacial e, por isso, toda a decoração têm uma única medida de caráter dinâmico: a trajetória do observador” (ZEVI, 1978, pg. 55). Para Zevi, a arquitetura destes templos possuía um ritmo, guiado por toda concepção do edifício, que acompanhava o fiel em sua trajetória até o altar.

A basílica cristã, segundo Viola (2005), também serviria para legitimar e formalizar a religião, tornando-a digna de ser a religião oficial do Império. Também por isso, a liturgia cristã passou a ser mais rígida no período, com uma maior hierarquização do clero e do espaço de culto (GOITIA, 1995). A importância da parte privada nos templos era sublinhada pela presença das relíquias no altar. O eixo longitudinal, direcionado para o altar, também contribuía para focar a atenção dos fiéis para a parte do templo onde a liturgia cristã era celebrada pelo clero e afirmada pelo Império.

Com o passar dos séculos, além da tipologia basilical surgiram variações regionais, expressas desde o século IV, com plantas em cruz latina e centralizada (GOITIA, 1995). Além das diferentes culturas locais, a vasta extensão territorial do Império Romano dificultava uma unidade formal na tipologia templária, facilitando o surgimento de variações regionais.

Na parte oriental do Império a arquitetura cristã sofreu influência da arquitetura do oriente (BENÉVOLO, 1960). Uma das diferenças em relação aos ocidentais foi o uso da abóbada como cobertura, além da cúpula. O partido de planta mais difundido na região era um plano centralizado coberto por abóbadas, permitindo a construção de edifícios mais espaçosos e de aspecto monumental (UPJOHN, 1979). Um exemplo é o templo da Igreja de San Vitale, em Ravena (Figuras 07 e 08), com planta octogonal, núcleo abobadado e interior ricamente adornado (JANSON, 1996).

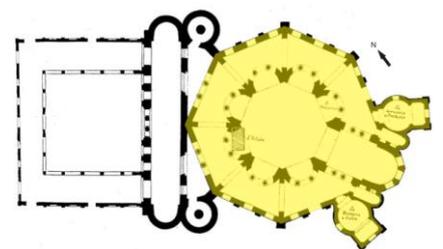
A ligação com o Estado era forte no Império Romano do Oriente, caracterizado pelo cesaropapismo – unindo os poderes

Figura 07: Imagem externa da Igreja de San Vitale, em Ravena.



Fonte: Goitia, 1995.

Figura 08: planta da Igreja de San Vitale, em Ravena.



Em destaque, a área correspondente ao templo.
Fonte: Oberlin, s/d.

secular e religioso. O controle sobre o poder espiritual, no Oriente, era mantido pelo poder secular. Isso se refletiu, por exemplo, no Movimento Iconoclasta do século VIII: além do perigo de veneração, alegado pelos iconoclastas, a proibição das imagens foi uma forma de diminuir a influência dos mosteiros na sociedade. Naquele período, os mosteiros haviam se tornado focos de peregrinações, por manterem diversas relíquias. Com isso, atraíam multidões de fiéis, angariavam fortunas em ofertas, além de atraírem jovens ao monastério, afastando-os do exército e vida civil, o que reduzia as receitas estatais (HAUSER, 1994). No momento em que as imagens foram proibidas⁶ os mosteiros perderam grande parte de seu prestígio, pois elas eram seu principal meio de divulgação.

Após a oficialização do Cristianismo, no fim do século IV, alguns templos passaram a ter maiores dimensões, refletindo a grandiosidade imperial. No Oriente, por exemplo, a igreja de San Vitale (Figura 09), do século VI, mostra-se em maior escala e situa-se em meio ao aglomerado urbano, sobressaindo-se sobre as demais edificações por sua altura.

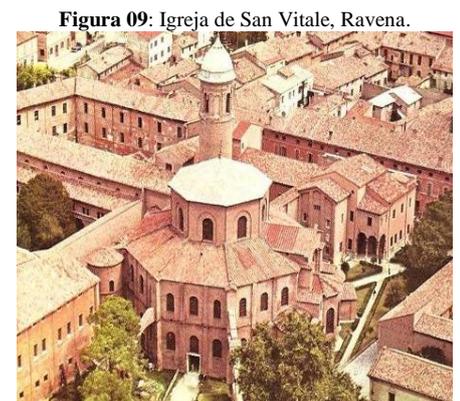


Figura 09: Igreja de San Vitale, Ravena.

Apesar de seu revestimento assemelhar-se às construções de seu entorno, sua escala a faz sobressair ligeiramente sobre o restante das edificações. Fonte: Goitia, 1995.

1.2 A Igreja Na Idade Média

A partir do século V, o Ocidente foi marcado pelas invasões bárbaras, levando à queda do Império Romano do Ocidente. A desestabilização levou à decadência econômica e ao declínio das cidades, pois se tornou difícil manter uma unidade e proteger as fronteiras imperiais (JOHNSON, 1976). Quando o Estado mostrou-se incapaz de proteger a população, os grandes senhores rurais o fizeram, protegendo seus servos e dando origem ao sistema feudal (HAUSER, 1994).

Com a dispersão do poder secular, a Igreja era a única instituição que proporcionava unidade aos povos europeus sob o regime feudal, passando a controlar as artes e a educação através dos mosteiros (HAUSER, 1994). No período, conhecido como Românico, cresceu consideravelmente o culto às relíquias, localizadas em templos e mosteiros, ampliando as

⁶ As imagens sacras foram reintroduzidas na Igreja oriental em 867, sendo vistas com intuito educativo e como reflexos do sobrenatural (GOMBRICH, 1972; HAUSER, 1994).

peregrinações a estes locais (JOHNSON, 1976). Algumas localidades ganhavam importância como centros de peregrinação pela presença de restos mortais de mártires notáveis, como Roma.

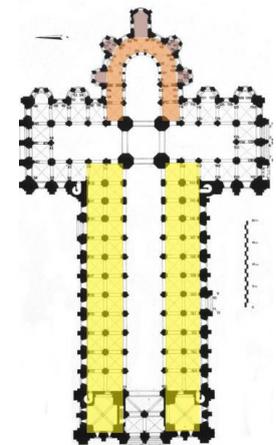
No período Românico os templos apresentavam inúmeras configurações, revelando a falta de unidade européia e ressaltando as diversas experimentações para melhorias estruturais (BENÉVOLO, 1960). Esses experimentos tornavam-se visíveis na diversidade de partidos de planta (circulares, octogonais ou retangulares). As paredes, mais espessas, acentuavam o peso e sustentação, salientado pelo uso de materiais brutos e ásperos (ZEVI, 1978), além de haver poucas aberturas. As coberturas de madeira foram sendo substituídas, aos poucos, por abóbodas em pedra.

Os templos românicos eram, com frequência, os únicos edifícios de pedra da região, constituindo-se complexos maciços, com poucas aberturas, lembrando as fortalezas medievais e, por isso, chamadas fortalezas de Deus (HAUSER, 1994). As premissas para a construção dessas edificações eram a solidez, a durabilidade e a monumentalidade (RAMALLO, 1992). Fora da proteção das muralhas, os templos e mosteiros deveriam proporcionar segurança aos fiéis contra as invasões bárbaras. Com o enfraquecimento da vida urbana, os templos eram construídos no campo, sobressaindo sob os arredores desabitados como refúgios contra os ataques bárbaros.

No período, toda vida cultural e artística era controlada pela Igreja, consequência de uma “clericalização absoluta da vida” (HAUSER, 1994, p.188). Assim, todas as coisas representavam a essência divina, de algum modo. Diferentemente do classicismo, a arte românica procurava proporcionar uma sensação transcendental, onde as formas adquiriam caráter de símbolos e signos, obedecendo “não a lógica da experiência sensorial, mas a da visão interior” (HAUSER, 1994, p.192). O ambiente possuía uma maior profundidade, uma complexidade tridimensional que solicitava maior compreensão psicológica (ZEVI, 1978).

Já no século XI as experimentações levavam, geralmente, à construção de templos retangulares, com coberturas abobadadas. As mudanças no ritual religioso, devido às peregrinações e cultos às relíquias, levaram a alterações espaciais, como ao aumento da importância das naves laterais e

Figura 10: Planta baixa da Igreja de Saint Sernin.



As naves laterais (amarelo) dão acesso ao deambulatório (laranja), e as capelas radiais (marrom) contêm as relíquias. Fonte: modificação sobre original de Oberlim, s/d.

deambulatório, facilitando o acesso às relíquias sem interromper as cerimônias (RAMALLO, 1992). As edificações destinadas à peregrinação geralmente possuíam mais de uma nave, além de deambulatório, como a Igreja de Saint-Sernin, em Toulouse (Figura 10), e a Catedral de Chartres (Figura 11), com deambulatório com diversas capelas (UPJOHN, 1979).

No final da Idade Média, no período Gótico por volta dos séculos XII e XIII, a economia ocidental retomou sua força. Foi período de grandes Cruzadas e também em que os Estados passaram a organizar-se, fazendo ressurgir a economia, aumentando a produção e trazendo de volta a vitalidade urbana (JOHNSON, 1976). Com isso, Hauser (1994) afirma que houve também uma secularização da cultura, outrora dominada somente pela Igreja. O vernáculo penetrou em escolas para leigos das grandes cidades e a Igreja procurava deter o processo de secularização, que diminuía seu poder e influência (HAUSER, 1994).

Naquele momento, para manter e demonstrar seu poderio, a Igreja construía grandes catedrais góticas que expressavam a magnitude da religião cristã. Muito das quantias pagas em penitências e na compra de indulgências era utilizado para financiar a construção das grandes catedrais do período. Havia inclusive certo grau de competição entre as cidades, cada uma buscando construir a catedral mais grandiosa (UPJOHN, 1979).

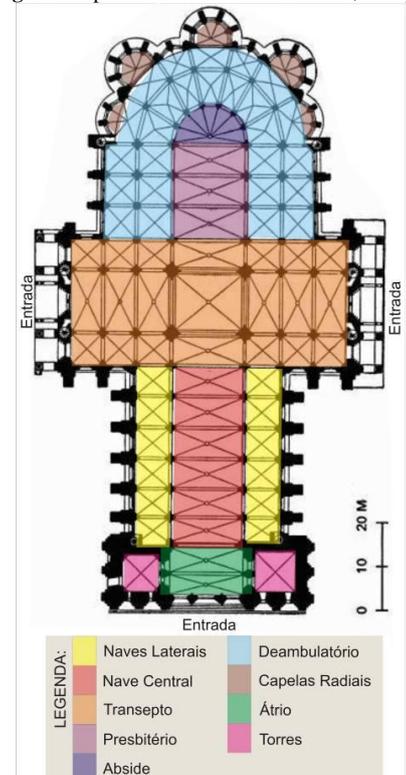
Surgido no século XII, o estilo Gótico se expandiu pela Europa, a partir da França (GOMBRICH, 1972). As sólidas espessuras e materiais românicos foram sendo substituídos por estruturas menos densas. O partido de planta gótico seguia a cruz latina, com três a cinco naves, com cruzeiro e cabeceira para onde convergiam as capelas (Figura 12). A nave central geralmente era mais alta que as laterais, que se prolongavam além do transepto formando, atrás do altar-mor, o deambulatório. Por vezes o coro possuía várias capelas ao longo do deambulatório (GOZZOLI, 1978). O campanário, no período foi colocado como torre e o batistério foi reduzido a uma pia

Figura 11: deambulatório da catedral de Chartres, França.



Fonte: Fotopedia.

Figura 12: planta da Catedral de Chartres, França.



As cores indicam as principais áreas existentes em igrejas góticas. Fonte: modificação sobre original em Great Buildings.

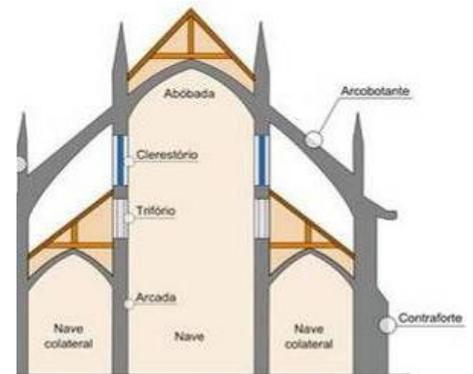
batismal à entrada do templo (RAMALLO, 1992).

As coberturas, em pedra, possibilitaram o uso de abóbodas, predominantemente ogivais. Utilizava-se com maior frequência o partido de planta retangular ou em forma de cruz (GOMBRICH, 1972). Para facilitar a construção das abóbodas elas foram divididas em tramos unidos por nervuras, que auxiliavam na distribuição das cargas diretamente aos pilares (RAMALLO, 1992). Visando diminuir a pressão exercida pelas abóbodas sobre os pilares, foram criados os arcobotantes e contrafortes no exterior da edificação, que descarregavam as cargas das abóbodas diretamente no solo (Figura 13) (RAMALLO, 1992). Liberando a carga das paredes, sua função estrutural desapareceu e elas deram espaço a imensos vitrais coloridos. Com aberturas espalhadas por toda edificação, a iluminação era mais uniforme, não havendo grandes zonas de sombra, mas uma limpidez característica do gótico (BENÉVOLO, 1960).

O uso dessas novas estruturas de sustentação aparentes (nervuras, pilares, contrafortes e outros) modificou também o aspecto exterior da edificação, deixando à mostra sua estrutura, tornando o edifício semelhante a “uma gaiola de vidro e pedra” (UPJOHN, 1979, p.193). As fachadas eram ricamente adornadas, enriquecidas por grandes portais escultóricos. Na catedral de Notre-Dame de Chartres (Figura 14), a fachada principal dividia-se em três planos: o inferior aberto com portais, o médio com grandes janelas que iluminam o interior e o superior com uma rosácea ao centro (GOZZOLI, 1978). As torres acentuavam a verticalidade das edificações, sendo arrematadas por flechas que, por vezes, não eram concluídas (UPJOHN, 1979). Exteriormente, a impulsão para o alto era ainda enfatizada com o uso de pináculos e agulhas dispostos por todo perímetro das fachadas, dando a impressão de uma estrutura mais leve e permeável que as sólidas paredes românicas (GOZZOLI, 1978).

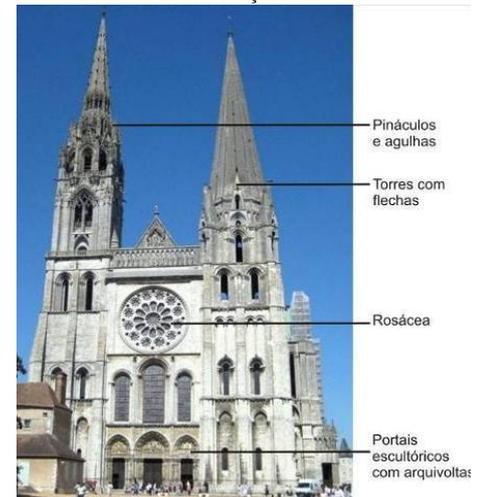
No período gótico, Gombrich (1972) afirma que os construtores selecionaram o repertório românico, retirando tudo de pesado, terreno e trivial, dando-lhe uma leveza e emocionalismo que fizeram da arte gótica uma espécie de confissão de fé pessoal (HAUSER,

Figura 13: corte esquemático mostrando a sustentação das abóbodas através dos arcobotantes e contrafortes.



Fonte: site *Luciandalex*.

Figura 14: Exterior da Catedral de Chartres, França.



A fachada mostra diversos elementos característicos do gótico, como torres com flechas agudas, rosáceas, portais escultóricos, além da acentuada verticalidade. Fonte: Fotopedia.

1994). A altura e a profusão de elementos nas catedrais expressavam o entusiasmo religioso e fervor da época (UPJOHN, 1979). O espaço das edificações góticas transmitia um estado de desequilíbrio, com um grande contraste dimensional entre as diretrizes vertical e longitudinal (ZEVI, 1978). A verticalidade era enfatizada com todas as linhas voltando-se para o alto (aberturas, portais, arcos e estátuas). Assim, dava-se a impressão de uma estrutura mais leve e permeável que as sólidas paredes românicas (GOZZOLI, 1978).

Outra característica que acentuava o caráter transcendental das catedrais góticas era a iluminação. Os vitrais não possuíam apenas intenção decorativa, mas a luz multicolorida filtrada pelos vitrais criava uma atmosfera cálida e transmitia um sentimento de êxtase ao fiel (GOZZOLI, 1978). Do mesmo modo, a escultura, ricamente utilizada nos portais, não servia somente para narrar histórias bíblicas, mas também para edificação e admiração dos fiéis (GOMBRICH, 1972). Havia ainda uma parcela de superstição nas representações de animais fantásticos colocados em gárgulas sobre os parapeitos no exterior das catedrais: eles intimidavam os fiéis, demonstrando a necessidade de adentrar no edifício para adquirir segurança. A necessidade de salvação também era sublinhada pelos temas retratados nas artes figurativas, como o juízo final (GOZZOLI, 1978).

Nas complexas cidades do período gótico, os edifícios religiosos se sobressaíam. Na cidade medieval, a catedral gótica funcionava, juntamente com a guilda e o mosteiro, como elemento formador do meio urbano (MUMFORD, 1961), sendo uma das principais edificações da cidade, expressando o forte sentimento religioso da época.

A fé cristã era externada com as grandiosas edificações, orgulhando o clero e os ricos burgueses das grandes cidades. Havia até mesmo certa competição entre os centros urbanos por possuir a maior catedral (GOZZOLI, 1978). Contribuindo para acentuar a presença marcante das catedrais na cidade medieval, elas geralmente possuíam uma praça à sua frente (Figura 15), servindo para a concentração dos peregrinos, além de festividades religiosas.

Figura 15: Imagem externa da Catedral de Beauvais.



Sobressaindo sob a paisagem por sua escala e grandiosidade, em frente à Catedral é possível notar sua praça, servindo como estacionamento. Fonte: Oberlim.

1.3 Os Templos Cristãos do Renascimento ao Barroco

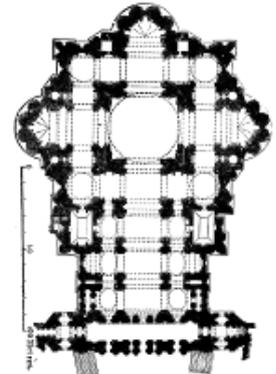
No século XVI, período do Renascimento, a arquitetura resgatou elementos e regras clássicos. Duas características que se destacaram na época: o Individualismo, que contribuiu para afirmação da autoconsciência e autoconfiança; e o Humanismo, que influenciou o aprendizado e desenvolvimento científico, desligando-se dos aspectos religiosos (JANSON, 1996). Quanto mais se distanciava do religioso, mais a sociedade e a arte se voltavam para considerar a realidade à sua volta, deixando o sentimento religioso em segundo plano (HAUSER, 1994). O período foi marcado por inúmeras descobertas, como as científicas e os descobrimentos de novas terras.

A Arquitetura Renascentista buscou ordenar o espaço segundo uma métrica racional, tornando o conjunto compreensível. Ela caracterizou-se por um novo sentido de volumetria, adquirindo um tom consistente com um equilíbrio estático e formal (ZEVI, 1978). Elementos greco-romanos eram utilizados em diversas composições, com arcos plenos, regras compositivas e com cúpulas, realçando as proporções e a centralização do edifício, como na Basílica de São Pedro, em Roma (Figuras 16 e 17) (GOITIA, 1995).

O Renascimento teve como centro irradiador a Itália, berço do classicismo. No norte europeu, onde não havia exemplares clássicos para serem vistos, a arquitetura renascentista não teve grande respaldo. Gombrich (1972) acredita que a pequena aceitação se deve tanto à realidade religiosa, com o protestantismo em formação, quanto pela inexistência uma tradição neste sentido. Demorou certo tempo até que os construtores do norte assimilassem o novo estilo ao gótico com que estavam acostumados. Mesmo assim, não foi adotado completamente, sendo comum o uso de elementos clássicos atrelados a elementos góticos (GOMBRICH, 1972).

A arquitetura classicista, em sua racionalidade e coerência, com suas regras e componentes mensuráveis, correspondia às aspirações do homem racional da época. Assim, ela adquiriu um novo sentido espacial, equilibrado e estático,

Figura 16: Planta baixa, centralizada, da Basílica de São Pedro, Roma, em estilo renascentista.



Fonte: site Clipart Etc;

Figura 17: exterior da Basílica de São Pedro, Roma.



Em estilo renascentista, a igreja retomou elementos como o arco pleno, entablamento e o frontão, além do equilíbrio formal. Fonte: Fotopedia.

com um tom consistente, coerente com o momento que vivia a sociedade (ZEVI, 1978). Com o espaço ordenado segundo uma métrica racional, o conjunto edificado tornou-se compreensível. Conhecendo com precisão as medidas e regras necessárias à construção das edificações, o homem aprendeu o segredo do edifício, ditava suas regras acentuando o controle sobre o espaço, pois “já não é o edifício que possui o homem, mas este que, aprendendo a lei simples do espaço, possui o segredo do edifício” (ZEVI, 1978, p.73).

A grande inovação dos templos renascentistas foi o uso da cúpula, que se não apresentou na cobertura das edificações apenas como elemento estrutural, mas como símbolo de representação do espaço em sua totalidade. Além de representar a abóbada celeste, ela efetuava a ligação com o céu no interior das edificações, trazendo-o para o interior do ambiente. Seu ponto central, a lanterna para onde convergiam suas linhas “efetua[va] de fato a passagem do céu físico ao empíreo, ou, mais precisamente, ao simbólico” (ARGAN, 1984, p.101).

Já no século XVII, as obras arquitetônicas deixaram de lado a clareza e racionalidade renascentistas para se expressar em construções irregulares e contorcidas em estilo Barroco (JANSON, 1996). Retomando os elementos renascentistas e levando-os a um grau elevado de representação, o Barroco caracterizou-se por ser ricamente adornado e emotivo, estendendo-se até meados do século XVIII.

Ainda durante o período renascentista ocorreu a Reforma Protestante, no século XVI, que obteve maior êxito no norte europeu. Através dela, surgiram os diversos grupos chamados protestantes ou reformados. Estes, com forte oposição ao catolicismo, inicialmente também repudiaram a arquitetura utilizada pela Igreja Católica. No início do movimento reformador o simbolismo dos templos protestante foi radicalmente alterado, pois a ênfase dos reformadores estava na palavra escrita e verbal (através da Bíblia Sagrada e dos sermões proferidos pelos reformadores).

No século XVI, os templos protestantes conservavam uma simplicidade radical. Já no século XVII, quando começaram a se expandir por diversos países do norte europeu, o reconhecimento dos grupos levou à criação de templos de maior expressão, como na Inglaterra. Enquanto as edificações barrocas se mostravam ricamente adornadas, muitos edifícios protestantes do período conservaram uma simplicidade semelhante aos primeiros templos do século XVI.

Dois tipos de templos protestantes foram construídos no período entre os séculos XVI e XVII: o primeiro adequava-se ao serviço divino com uma simplicidade radical; o segundo combinava elementos estilísticos góticos e renascentistas com formas relativamente mais rebuscadas. Do primeiro tipo tem-se o prédio da Igreja francesa de Lyon, em Paradis, com planta circular e rústica simplicidade, de meados do século XVI (Figuras 18 e 19).

A principal modificação efetuada pelos protestantes nos templos do século XVI relacionou-se à ênfase dada à palavra: o púlpito, de onde a palavra seria proferida, deveria ser o centro do culto. Deste modo, ele foi colocado no centro dominante da edificação, ao invés da mesa do altar (VIOLA, 2005), substituindo a missa ritual pela pregação bíblica. Em algumas vertentes, como o Calvinismo, a ênfase foi mais radical e eliminou quaisquer elementos que pudessem distrair a atenção dos fiéis, o que levou ao iconoclastismo, com “paredes caiadas, janelas transparentes, mobília muito simples, [e] nada de órgãos” (COLLINSON, 2003, p.95).

Mesmo quando era possível o uso de antigos edifícios católicos, evidenciava-se que os mesmos não foram projetados para o foco protestante da mensagem auditiva. Com a forma predominantemente basilical e um altar na extremidade da abside, a voz dos clérigos dificilmente seria ouvida por toda a congregação. Além disso, o revestimento em pedra das paredes e piso contribuía para ampliar o tempo de reverberação do som, dificultando a audibilidade (KILDE, 2002). Deste modo, os protestantes sentiram a necessidade de mudanças, iniciando as alterações a partir do mobiliário, substituindo o altar pelo púlpito.

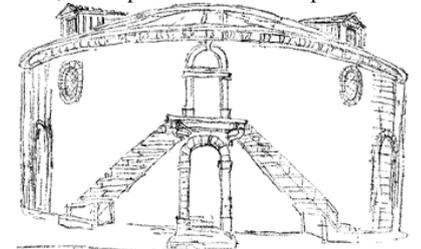
Os púlpitos protestantes dos séculos XVI e XVII eram de enormes proporções, esculpidos e elevados (Figura 20). Deste modo, melhorava-se a acústica e a visibilidade do ministro, contribuindo também para acentuar sua autoridade perante os fiéis (KILDE, 2002). Colocados acima da congregação, os púlpitos possuíam um fechamento superior, objetivando

Figura 18: ilustração do interior do templo de Lyon, Paradis, França.



No centro, em destaque, o púlpito, ponto focal do espaço. Fonte: Musée Protestant.

Figura 19: desenho exterior do templo de Lyon, em Paradis, com aspecto austero em um plano circular.



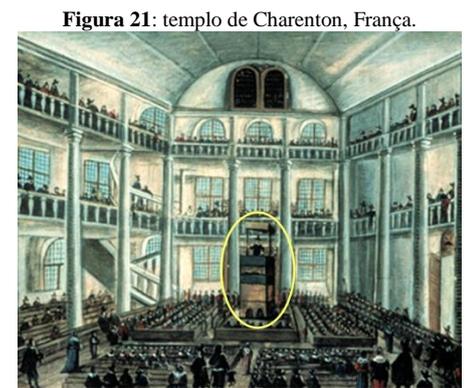
Fonte: Musée Protestant.

Figura 20: destaque do púlpito do templo de Paradis, França.



Elevado sob a congregação e com fechamento superior, a voz era projetada mais facilmente a todos os ouvintes. Fonte: Musée Protestant.

melhor conduzir a voz do ministro em direção aos fiéis. A colocação de bancos para os fiéis, voltados para o púlpito, foi outra alteração que enfatizava a mensagem falada. Deste modo, o púlpito foi destacado como ponto focal no espaço (KILDE, 2002). O templo de Charenton, na França (Figura 21), reflete claramente esse ideal protestante: simplicidade (na ausência de imagens sacras), racionalidade (clareza na arquitetura, centralizada para ser mensurada com maior facilidade) e destaque para a palavra (no púlpito).



Templo com organização espacial evidenciando o púlpito, destacado em amarelo. Fonte: Musée Protestant.

No movimento reformador, podia-se dizer que “a reforma ficou inundada de palavras [...] elas transbordavam sem cessar da boca e da pena de Martinho Lutero” (COLLINSON, 2003, p.49). Muitos afirmavam que o único meio de salvação era ouvir a pregação, baseados no texto bíblico que diz que “a fé vem pelo ouvir, e ouvir da palavra de Deus” (Rm. 10,17). Ao invés de usar as artes visuais, como na Igreja Católica, os reformadores deram primazia aos ouvidos sobre os olhos. Foi justamente o foco auditivo que guiou as principais alterações na arquitetura dos templos protestante. Enfatizando a palavra, qualquer outra representação que pudesse tirar esse foco era abolida. Deste modo, os reformadores retiraram as artes visuais do templo, considerando a palavra até mesmo como uma “pintura falante” (COLLINSON, 2003, p.211).

Das demais artes, somente a música conseguiu sobreviver à radicalização artística protestante, sendo ainda utilizada por parte dos reformadores (COLLINSON, 2003). A abolição de imagens foi mais branda no luteranismo, pois Lutero considerava que elas já faziam parte do imaginário popular, crendo que, ao destruí-las destruiria também o objeto da crença, pois a imagem do santo era o próprio santo para o fiel (COLLINSON, 2003). Já o calvinismo eliminou qualquer menção a imagens figurativas, temendo a veneração a elas, o que era considerado idolatria (COLLINSON, 2003).

Essa simplificação formal, radicalizada pelos calvinistas, também foi resultado do caráter racional científico, que fazia parte do homem renascentista e influenciou os líderes reformadores. Para Weber (1904), a Reforma aumentou a ênfase no trabalho e na racionalização da vida, tornando-a mais sistemática. A simplicidade e despojamento de alguns locais de culto protestante refletiam que eles eram “meros receptáculos para a Palavra salvadora” (COLLINSON, 2003, p.75).

Foi principalmente com Calvino que as atividades ganharam justificação moral. O ideal puritano via a mão de Deus em tudo, assumindo uma completa cristianização da vida (WEBER, 1904). Mas esse puritanismo afastava o homem de tudo que ele considerava profano, que não glorificasse a Deus. Assim, até as artes e esportes chegaram a ser vistos como dispensáveis, pois não serviam para glória divina, mas aos “prazeres da carne”. Com a eliminação da magia, desapareciam também o cerimonial e os rituais complexos utilizados pelo catolicismo (WEBER, 1904).

Enquanto o catolicismo considera o batismo um sacramento necessário para o fiel inserir-se na comunidade religiosa, para o protestantismo o batismo é uma ordenança bíblica e serve como confirmação da participação do fiel na comunidade. A disposição do batistério em ambos os grupos esclarece tal questão: para o catolicismo, o batistério ou pia batismal durante muito tempo conservou-se à entrada do templo ou em uma edificação separada. No entanto, o protestantismo conserva a pia batismal ou batistério inserido internamente na parte posterior do templo, próximo ao púlpito (por vezes uma pia colocada na lateral desta plataforma que contem o púlpito, ou mesmo com um tanque com água colocado na parede posterior ao púlpito).

Em relação ao partido de planta dos templos protestantes, desde o século XVI havia templos com plantas circulares, elípticas, quadradas e octogonais, convergindo internamente para o púlpito, como o templo de Lyon (KILDE, 2002). Muitos continuaram a seguir o plano retangular utilizado no período gótico, simplificando-o (ARCHIMON, 2010).

O barroco, nos séculos XVII e XVIII, se revelou sem a unidade geométrica característica do renascimento, com partidos de planta predominantes centralizados, tendendo à elipse. Nas fachadas, adquiriram importância elementos escultóricos e sobreposições, alternando superfícies côncavas e convexas (KOCH, 1996). Uma tipologia muito difundida no período, estendendo-se pela Europa e diversas colônias de países católicos, foi a dos templos construídos pelos jesuítas. O Brasil, assim como outras colônias, conserva ainda diversos exemplares dos séculos XVII e XVIII com características semelhantes. Nestes, o partido de planta retangular prevaleceu, possuindo um interior ricamente adornado, com volutas e torres sineiras coroando as fachadas.

Os templos protestantes do período barroco mostraram partidos de planta de circulares a retangulares. Um exemplo é o templo Petit-Quevilly, em Rouen (Figuras 22 e 23),

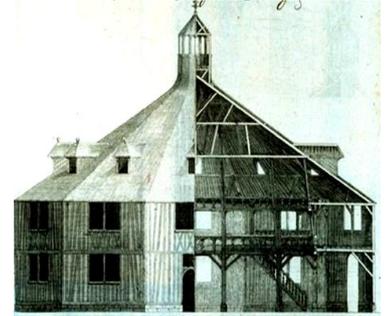
concluído em 1601, com planta centralizada com 30m de comprimento por 22m de largura, com organização interna evidenciando o púlpito (MUSÉE PROTESTANT, 194-?).

Na Holanda, diversos templos protestantes foram construídos por Hendrick de Keiser entre os séculos XVI e XVII, com influência ainda maneirista e plantas em formatos diversos (ARCHIMON, 2010). Já em Londres, na protestante Inglaterra, após um incêndio ocorrido em 1666, boa parte das edificações públicas e religiosas teve de ser reconstruída. Ali, Christopher Wren foi o responsável pela construção de mais de 50 templos no período, influenciados pelo barroco classicista francês (UPJOHN, 1979). Um exemplo foi a catedral de Saint Paul (Figuras 24 e 25), com uma cúpula e planta em cruz latina, três naves, cruzeiro e presbitério, e fachada com duas torres, o que, contraditoriamente, tornava-a sobremodo tradicional, “dentro do mais puro esquema católico e contra-reformístico” (GOITIA, 1995, p.68).

As catedrais construídas por Wren demonstraram um variedade imensa entre cúpulas, abóbadas de berço, tetos planos e diversas combinações. Com uma cidade altamente adensada, o exterior de seus templos era pouco visível, mas se destacavam os campanários, como o de St. Mary-the-Bow, com base quadrada (UPJOHN, 1979). Os templos ingleses construídas no século XVIII ainda conservaram influência das obras de Wren, como na Igreja de St. Martin-in-the-Fields, reconstruída entre 1721 e 1726 por James Gibbs (Figuras 26 e 27) (UPJHON, 1979).

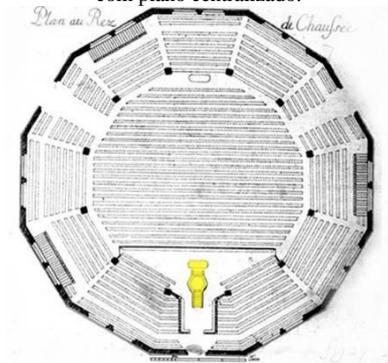
Na Alemanha restaram poucos exemplares barrocos protestantes. Um exemplar foi a Igreja Die Frauenkirche, em Dresden (Figuras 28 e 29), com uma planta centralizada, coberta por uma grande cúpula. Simétrico, o interior é um octógono, de estilo barroco, influenciado pelos exemplares católicos jesuítas existentes no país. A organização espacial interna seguia uma

Figura 22: ilustração exterior com corte do templo Rouen Quevilly, França, com plano centralizado.



Fonte: site Musée Protestant.

Figura 23: planta baixa do templo Rouen Quevilly, com plano centralizado.



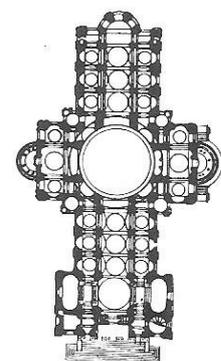
O destaque amarelo mostra o púlpito para onde se voltavam os bancos da congregação. Fonte: Musée Protestant.

Figura 24: Catedral de St. Paul, em Londres.



Fonte: Fotopedia.

Figura 25: planta da Catedral de St. Paul, em Londres.



Fonte: Koch, 1996.

lógica semelhante à tipologia utilizada em teatros, com bancos dispostos circularmente ao redor do púlpito, que proporcionavam um aspecto dinâmico ao ambiente, com um corredor central. Rodeando a sala, outras fileiras de bancos formavam galerias (KILDE, 2002).

A organização espacial dos teatros facilitava a liturgia protestante e isso também pôde ser visto nos templos de Lyon, Charenton e outros. O arranjo interno enfatizava o diálogo entre os fiéis e o pregador, pois a disposição centralizada e em diferentes níveis permitia uma melhor audição da mensagem e uma boa visão do ministro. Deste modo, o pregador mantinha contato visual com os fiéis, facilitando seu trabalho de conquistar a atenção dos congregantes, mantendo a audiência atenta (KILDE, 2002).

O barroco protestante conservou muito da simplicidade dos templos do século XVI. No entanto, mesmo com a eliminação da elaborada ritualística católica, os protestantes mantiveram alguns elementos e criaram novas soluções para ajudar a melhor ouvir, ver e centralizar a autoridade do ministro (KILDE, 2002). A atenção dada ao púlpito contribuía para focar a atenção do fiel àquele ponto, evitando distrações.

Assim como exteriormente os templos anglicanos ingleses e luteranos alemães mantiveram visíveis influências estilísticas utilizadas no barroco francês e jesuítico, a liturgia dessas duas vertentes conservou alguns elementos visuais nas celebrações. Entre eles, as vestimentas clericais, o altar elaborado, copos e pratos de comunhão adornados, além das ornamentadas fontes batismais (KILDE, 2002). No entanto, entre calvinistas e puritanos esses elementos foram grandemente simplificados (KILDE, 2002).

A localização das construções barrocas católicas através dos jesuítas seguia várias prescrições, pois seus templos serviam

Figura 26: interior da igreja de St. Martin-in-the-Fields, Londres.



Fonte: site Wikipedia, s/d.

Figura 27: Exterior da igreja de St. Martin-in-the-Fields, Londres.



Fonte: site Wikipedia, s/d.

Figura 28: planta baixa do templo Frauenkirche.



Destaque para o púlpito, em laranja. Fonte: Kilde, 2002.

Figura 29: vista interna do templo Frauenkirche, Alemanha.

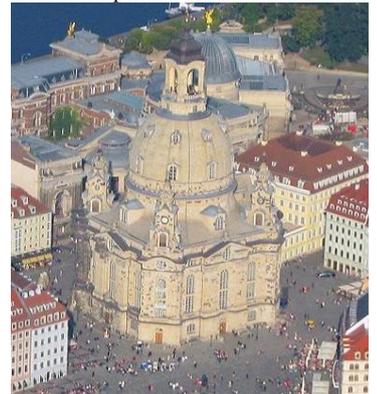


O púlpito é destacado em amarelo. Fonte: Wikipedia.

como elemento fundador de novas vilas. No centro das vilas, eles orientavam o espaço ao seu redor, organizando a vida social da comunidade e guiando o traçado urbano (PASSOS & GUERRIERO, 2004). Era ao redor dos templos que a cidade se constituía e concentravam-se as principais edificações e serviços necessários ao funcionamento da urbe. Em frente aos templos barrocos surgia o adro, um espaço aberto que servia tanto para as atividades religiosas – como procissões e quermesses – como que para demarcar a entrada do templo, destacando-o no meio urbano.

Não há muitos relatos sobre a localização urbana dos templos protestantes construídos durante os séculos XVII e XVIII. No entanto, é possível que, onde o protestantismo tenha sido religião dominante, tais edificações ocupassem o lugar antes destinado aos templos católicos, como na Igreja de Dresden (Figura 30). Mas, onde o protestantismo era minoria, acredita-se que os templos se estabelecessem em regiões periféricas, afastados do poder católico, ou mesmo fora das cidades, como na França. Nesse país, que sofreu durante décadas com conflitos entre catolicismo e protestantismo, foi criado o Edito de Nantes⁷, no fim do século XVI, permitindo a construção de templos protestantes, desde que distantes ao menos cinco léguas de Paris. Ademais, esses templos não poderiam possuir elevações, nem mesmo torres ou campanários, como o templo de Paradis (MUSÉE PROTESTANT).

Figura 30: vista do exterior da igreja Frauenkirche, em Dresden, Alemanha, com aspecto tipicamente barroco.



Fonte: Wikipedia.

1.4 O Protestantismo nos Séculos XVIII e XIX

Em meados do século XVIII houve uma reação ao modo de vida barroco do século anterior. Houve um retorno aos ideais clássicos que ganhou força com as revoluções e os ideais iluministas, trazendo à tona a importância da razão (KOCH, 1996). A atitude objetiva intelectual encontrou espaço numa tendência à simplicidade e grandeza serena do classicismo, renovando o espírito da antiguidade. O classicismo passou a representar as concepções dos

⁷ O Edito de Nantes, assinado em 1598, permitia tolerância para com os protestantes na França. O mesmo foi revogado em 1685, resultando em perseguições. Com isso, muitos templos protestantes foram destruídos no século XVII e muitos protestantes migraram para outros países (ARCHIMON, s/d).

ideais revolucionários, como patriotismo e heroísmo, em uma sociedade que aos poucos se desvinculava do barroco rococó (HAUSER, 1994).

Com o neoclássico os templos evidenciavam elementos como frontões, pórticos e colunas, pilastras e cornijas aliadas a sinuosos ornamentos inspirados na Grécia clássica, ao lado de rosáceas e guirlandas (KOCH, 1996). Uma das edificações com características neoclássicas é a Igreja de Madeleine, em Paris (Figura 31). Construída no século XVIII, com planta retangular, sua fachada apresenta elementos clássicos, como pórtico, colunas e frontão (KOCH, 1996).

Figura 31: exterior da Igreja de Madeleine, Paris.



Fonte: site Great Buildings.

Entre os séculos XVIII e XIX, não apenas o classicismo, mas diversos estilos antigos foram reutilizados pela arquitetura, caracterizando historicismos que buscavam retomar características de estilos de séculos anteriores. Os diferentes estilos eram usados para diferenciar as funções das edificações. Assim, enquanto os templos seguiam o gótico, pois havia expressado melhor o sentimento religioso, aos teatros e óperas era recomendado o barroco, que suscitava as emoções e a teatralidade (GOMBRICH, 1972).

No século XIX, o neogótico obteve destaque, fazendo uma releitura das características góticas que foi muito utilizado por católicos e protestantes. Assim, quase todos os templos de igrejas católicas e protestantes eram construídos em estilo gótico, “porque este predominara no que foi chamada a Era da Fé” (GOMBRICH, 1972, p.396). No norte europeu, o neogótico ganhou espaço na construção de inúmeros edifícios religiosos. Na Inglaterra, por exemplo, seu retorno se apresentou com extrema força (JANSON, 1996). Em meados do século XIX tanto os anglicanos ingleses quanto protestantes norte-americanos adotaram o neogótico como estilo oficial para a construção sacra (KILDE, 2002). Mas já no fim do século XIX, a unidade artística desapareceu e deu lugar ao ecletismo, misturando estilos de diferentes épocas.

A onda de inovações técnicas alavancadas pela Revolução Industrial também trouxe mudanças nos modos de produção, cedendo o lugar da produção artesanal à mecanização e à fábrica (GOMBRICH, 1972). Essas inovações influenciaram a arquitetura do século XIX em novas técnicas construtivas e uso de materiais industrializados, como ferro, concreto e uso mais amplo do vidro. Mas levou tempo até que tais inovações pudessem ser visíveis na arquitetura, pois muitas permaneciam escondidas sobre o concreto e os ornamentos dos antigos estilos históricos.

Com a Revolução Industrial, houve um rápido crescimento das cidades, atraindo milhares de trabalhadores para as novas indústrias. As cidades cresceram rapidamente e sem planejamento, gerando diversos problemas (HAUSER, 1994). Neste meio, os templos religiosos também sofreram mudanças quanto à sua forma de inserção nos centros urbanos.

Entre os séculos XVIII e XIX, as denominações protestantes já haviam se diversificado, espalhando-se por toda Europa e outros continentes. No entanto, com o crescimento das cidades devido à industrialização, a aglomeração urbana aumentou, e com ela, o número de templos localizados em uma mesma região da cidade. Jeanne Kilde (2002) afirma que surgiram cidades pontilhadas por torres, que manifestavam a presença cristã, a diversidade, mas também a concorrência entre diferentes grupos cristãos.

No século XVIII a Inglaterra, por exemplo, não possuía apenas a Igreja oficial Anglicana, mas também presbiterianos, congregacionais, batistas e alguns metodistas disputando o espaço urbano (HURLBUT, 1967). No século XIX, a adoção do gótico servia como ferramenta para destacar a edificação religiosa nesse espaço urbano em constante transformação e crescente aglomeração. Assim, acreditava-se que uma construção neogótica em grande escala poderia atrair mais fiéis (KILDE, 2002). Com isso, as paisagens religiosas inglesa e, conseqüentemente, a norte-americana, foram tomadas por centenas de templos neogóticos.

No século XVIII o culto protestante sofreu inúmeras alterações, com práticas de culto incrementadas e mudanças na participação da congregação durante as reuniões. No século XVII a liturgia protestante proporcionava participação dos fiéis nas reuniões com leituras bíblicas alternadas, além da liberdade de questionamentos sobre o sermão por parte dos leigos. Mas aos poucos essas participações foram sendo diminuídas e, no século XVIII, o clero passou a concentrar a maior parte das reuniões. Talvez para minimizar essa perda democrática, leituras bíblicas foram sendo substituídas por participações musicais, com a congregação cantando hinos e salmos (KILDE, 2002).

Com isso, o papel da música no culto protestante foi ampliado e realçado. Nesse período, por exemplo, um fiel da Igreja Congregacional difundiu o uso do hinário⁸, o que deu enorme impulso à música (KILDE, 2002). Com importância crescente, a música trazia novas necessidades. Uma delas foi a introdução de cantores ou regentes. Aos poucos surgiam também os coros formados por membros voluntários (KILDE, 2002). Com isso, também

⁸ Pequeno livreto composto por uma coletânea de músicas a serem cantadas nas reuniões (KILDE, 2002).

novos instrumentos eram incorporados às celebrações, como órgão e instrumentos de corda (KILDE, 2002).

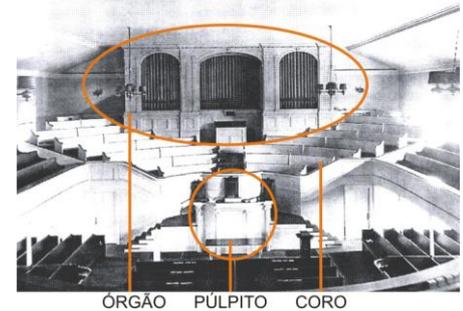
Tais mudanças nas celebrações afetaram também a organização espacial dos templos. O uso de órgãos e de outros instrumentos musicais contribuiu com que se criasse um espaço específico para esta função. Já no século XIX, os instrumentos passaram a se localizar próximos ao pregador, aos lados ou por trás do púlpito (KILDE, 2002). Assim, o que era a abside ganhou uma plataforma com púlpito no lugar do altar, além de uma galeria elevada para o coro com um órgão com tubos por trás do púlpito (Figura 32). Para acomodar mais fiéis, muitos templos optavam por plantas longitudinais (KILDE, 2002).

Nas edificações neogóticas do século XIX, frequentemente utilizados elementos que reconstituíam a tipologia medieval, com o mesmo partido de planta, verticalidade e outros aspectos. Nos Estados Unidos, folhetos ilustrativos com modelos de templos neogóticos foram publicados por diversos grupos protestantes, oferecendo modelos para a construção de novas edificações (KILDE, 2002).

A adoção do gótico em templos teve raízes numa busca dos teólogos protestantes por uma nova liturgia e práticas que refletissem os anseios cristãos. Por volta da década de 1830 surgiu o movimento Eclesiológico, analisando antigas ruínas medievais na Inglaterra. O movimento reformou o papel do clero, os sacramentos, as práticas de adoração e o estilo das edificações religiosas. Como resultado, uma volta ao gótico foi tomada não apenas pelos anglicanos, mas também por outros grupos protestantes na Inglaterra e outros países, como os Estados Unidos (KILDE, 2002). O gótico, diziam eles, foi aclamado como o estilo arquitetônico capaz de encarnar os princípios cristãos, considerando-o como reverente e piedoso. Eles uniram as proporções góticas, sua estrutura francamente visível e a relação de transparência entre interior e exterior à verdade cristã, considerando que o gótico estava intimamente ligado ao cristianismo e ao anglicanismo. Justificavam que o catolicismo havia abandonado as formas góticas pelas renascentistas, o que os havia afastado do verdadeiro espírito cristão (KILDE, 2002).

No conturbado cenário sociopolítico norte-americano de meados do século XIX, com conflitos escravistas e Guerra Civil, as igrejas protestantes buscaram formar um grupo unido e

Figura 32: interior da Igreja Oberlim, Ohio, EUA..



Templo com disposição de púlpito, seguido pelo coro, tendo ao fundo o órgão, destacados em amarelo. Fonte: modificação sobre original em Kilde, 2002.

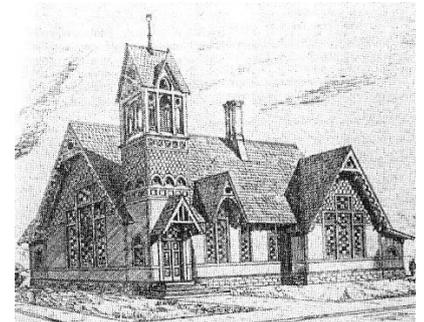
coeso que pudesse fortalecer a apaziguar a sociedade. O foco da missão destes grupos estava no fortalecimento da fé dos cristãos, promovendo a comunhão e adoração entre os membros das igrejas. Eles acreditavam que, se os protestantes se mantivessem unidos no período, o país também se manteria. Assim, surgiram estratégias para manter a unidade entre os diferentes grupos, dentre as quais a mais visível foi a adoção do neogótico em templos de diferentes denominações (KILDE, 2002). Buscando uma unidade cristã, os protestantes imaginaram uma forma arquitetônica genérica, que não fosse católica ou protestante, mas simplesmente cristã. Enquanto alguns questionavam essa união, argumentando que o (neo)gótico era católico, e lamentaram a inexistência de um estilo próprio aos protestantes (KILDE, 2002), outros acreditavam que, no contexto urbano da época, uma construção neogótica grandiosa poderia dar-lhes vantagem na disputa por fiéis (KILDE, 2002).

A partir de meados do século XIX, com o ecletismo, os pormenores de vários estilos eram combinados, por vezes resultando em formas extravagantes (UPJOHN, 1979). O ecletismo não trazia inovações no espaço interior, mas apenas variações de gosto (ZEVI, 1978). Na França, por exemplo, o ecletismo surgiu em uma vida artística que se resumia a uma “produção fácil e agradável, destinada à burguesia comodista e de espírito lento”, segundo Hauser (1994, p.790).

No período eclético, a partir da década de 1870, muitas edificações protestantes norte-americanas foram erigidas inspirando-se em diversos estilos. O eclético levou igrejas menores à construção de templos que se assemelhavam às residências dos próprios fiéis onde esses edifícios se instalavam (KILDE, 2002). Exemplo disso é a Igreja Congregacional de Perrysburgh, Ohio, EUA (Figura 33), procurando proporcionar acolhimento aos fiéis.

Templos maiores, no entanto, continuaram a utilizar o neogótico, ou até mesmo o neoromânico, que proporcionavam um aspecto visual mais marcante na paisagem, utilizando amplamente os revestimentos em pedra (KILDE, 2002). No Brasil, o fim do século XIX e início do século XX presenciaram ainda a construção de diversas edificações em estilo neogótico

Figura 33: exterior da igreja Congregacional de Perrysburgh, EUA, assemelhando-se às casas dos fiéis.



Fonte: Kilde, 2002.

Figura 34: Catedral da Se, São Paulo.



Construída em estilo neogótico no início do século XX, assemelha-se às catedrais góticas da Idade Média. Fonte: Wikipedia.

(católicas e protestantes). Dentre as católicas, vale ressaltar a Catedral da Sé (Figura 34), de São Paulo, reconstruída em com características neogóticas no início do século XX.

No período final do século XIX, os diferentes estilos históricos foram aproveitados simultaneamente, combinando elementos (UPJOHN, 1979). Entre os templos protestantes do período, alguns foram erigidos ecléticos, por vezes assemelhando-se às residências dos cristãos das proximidades em que estavam instaladas, acolhendo os fiéis como em suas casas (KILDE, 2002). Outros, de maior porte, concorriam por fiéis com outras, notadamente por pessoas das classes média e alta que poderiam contribuir para o sustento da edificação e, para tanto, suas edificações deveriam sobressair sobre a paisagem. Visando impressionar, adotavam o modelo neogótico, com marcante presença visual externa. No interior, estes templos admitiam variações entre o arranjo espacial utilizado pelos protestantes durante os séculos anteriores e adaptações inspiradas na organização de auditórios teatrais, o que fora adotado por alguns grupos para dar maior liberdade de participação para os fiéis (KILDE, 2002).

Neste período, os construtores novamente tomaram ciência das necessidades das novas construções, às quais os estilos históricos não respondiam satisfatoriamente, o que contribuiu para acentuar a crise do ecletismo. Nesse período surgiram diversos questionamentos sobre a utilidade do uso de modelos históricos nas obras arquitetônicas. Iniciou-se uma renovação artística com movimentos de vanguarda que reivindicaram a liberdade do artista quanto aos modelos e técnicas passadas (BENÉVOLO, 2004). As últimas décadas do século XIX evidenciaram um período de racionalismo, reflexão e análise, evidenciando a busca de soluções para os problemas técnicos. Naquela época a técnica desenvolvia-se rapidamente permitindo inovações nas edificações. Aos poucos, movimentos inovadores como o Art Nouveau, a “Deutscher Werkbund”, a Bauhaus e outros criaram novas soluções que se desvincilhavam das tradicionais formas historicistas (BENÉVOLO, 2004).

Ainda no século XIX, após um período conturbado, as edificações religiosas norte-americanas apresentaram uma peculiar tendência para a inserção urbana. O país passou por uma fase de grande crescimento econômico, com modernização e melhoria da qualidade de vida, alterando o modo de vida, valores e classes sociais, o que também afetou o cenário religioso. Os bairros centrais das cidades enchiam-se de estabelecimentos comerciais e de uma nova classe urbana trabalhadora, o que levou as classes média e alta a se mudarem para zonas periféricas, com melhores condições de habitabilidade.

Conseqüentemente, muitos templos localizados nos centros urbanos foram afetados pela perda de membros que ajudavam na manutenção dos serviços, pois eles sustentavam financeiramente a igreja. Desde modo, em muitos casos, tais igrejas se mudaram, com seus fiéis, para as novas zonas residenciais. Isso levou à construção de novas edificações monumentais nas zonas periféricas, feitas para atrair pessoas de classes mais abastadas (KILDE, 2002). Assim, na segunda metade do século XIX, a localização do templo deveria se adequar à localização das residências dos seus membros, facilitando seu acesso às celebrações.

No Brasil, o protestantismo começou a chegar durante o século XIX, trazido por missionários estrangeiros. Até o final do século XIX, não havia liberdade para que os protestantes construíssem seus templos como lhes agradasse. Apesar da tolerância dada pela Constituição Brasileira, permitindo cultos de outras religiões, que não a católica, havia restrições à aparência dos locais de culto e às práticas religiosas, permitindo-lhes apenas reuniões internas. Os templos não deveriam ter aparência exterior que os diferenciasses das demais construções, nem mesmo sinos para anunciar os serviços religiosos (ABUMANSUR, 2001). Segundo a Constituição vigente na época do Império, "Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo" (BRASIL, 1824, art.5º).

Eis o porquê de muitas das edificações não católicas construídas durante o século XIX não possuírem forma de templo, ou não possuírem templo próprio, reunindo-se em casas. A situação só se modificou com a nova Constituição de 1891, separando a Igreja do Estado e permitindo a liberdade religiosa a todos os credos (PASSOS & GUERRIERO, 2004). Mas é preciso destacar que, mesmo havendo liberdade garantida pela Constituição, a sociedade da época não estava habituada a mudanças, o que fez com que muitos sofressem discriminação durante o fim do século XIX e início do XX, como afirma Abumanssur:

É difícil dizer se essa interdição, no início da presença evangélica no Brasil, tornou-se a razão de uma tradição arquitetônica entre os protestantes de origem missionária, mas o fato é que, mesmo depois da interdição ter sido levantada no período republicano, eles continuaram, em muitíssimos casos, a se reunir em templos com *aparência exterior de habitação* (ABUMANSUR, 2001, pg. 135, grifo do autor).

Após 1891, quando os evangélicos obtiveram liberdade para construir templos, e até as primeiras décadas do século XX, havia manifestações de intolerância religiosa para com os

membros destes grupos, reflexo da acentuada religiosidade católica (MEIN, 1929). Por esse motivo os evangélicos, com sua identidade e costumes próprios, tinham dificuldade em adaptar-se à realidade brasileira (PASSOS; GUERRIERO, 2004).

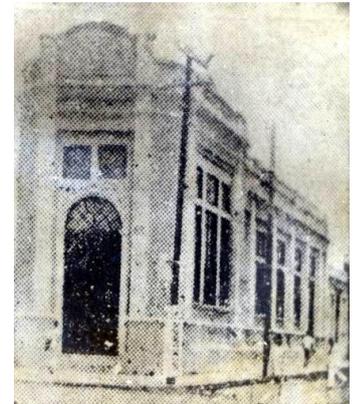
Ainda nas primeiras décadas do século XX, o ecletismo encontrava-se em alta na arquitetura brasileira. Muitos templos protestantes, construídos nesse período apresentavam características ecléticas, como o prédio da Primeira Igreja Evangélica Batista de Maceió (Figura 35), construída em 1923.

Outras edificações evangélicas ainda mantinham características neogóticas, como na primeira Igreja Presbiteriana em Maceió (Figura 36).

Durante o século XIX, quando o protestantismo começou a se estabelecer no Brasil através de denominações como Presbiterianos, Luteranos, Metodistas e Batistas, o país ainda apresentava uma série de restrições à construção de templos não católicos. Assim, muitos desses primeiros templos tornaram-se possivelmente indiferenciáveis na paisagem urbana em que se inseriam – tanto em relação ao seu porte quanto à tipologia. Em alguns casos, eles chegavam mesmo a alugar imóveis para servir aos serviços religiosos nos anos iniciais de formação do trabalho em novas localidades. Foi o que aconteceu com os primeiros evangélicos que chegaram a Maceió, Alagoas. Em 1885, quando foi fundada a Primeira Igreja Evangélica Batista de Maceió, a mesma funcionou em três locais diferentes, instalando-se definitivamente em prédio próprio em 1923 (MEIN, 1929).

Devido à intolerância religiosa nos tempos do Brasil Império, dificilmente os evangélicos teriam liberdade para construir seus templos em zonas centrais da cidade, estabelecidas pelo catolicismo. Muitos dos templos de igrejas evangélicas do século XIX instalaram-se em zonas de crescimento urbano que se tornaram, décadas depois, zonas centrais, como no caso da primeira igreja evangélica a fixar-se em solo alagoano, a Primeira Igreja Batista de Maceió, que se fixou no bairro da Levada no início do século XX, que se

Figura 35: Prédio original da Primeira Igreja Batista de Maceió, com características ecléticas.



Fonte: acervo Primeira Igreja Batista de Maceió.

Figura 36: Igreja Presbiteriana do Centro de Maceió, do século XX, com características góticas.



Fonte: acervo pessoal, 2010.

apresentava como zona com tendência de crescimento residencial e comercial. Atualmente, o bairro é região central de Maceió, apesar de menos valorizado do que anteriormente.

1.5 Os Templos Evangélicos a Partir Do Século XX

Nas duas primeiras décadas do século XX aceleravam-se as discussões que deram origem ao movimento moderno, influenciado pelas inovações técnicas e pelo progresso da máquina. Com as guerras mundiais, surgia também a necessidade de reconstrução rápida, possibilitada pela máquina (BENÉVOLO, 2004). Objetivando coerência e racionalidade, as obras modernistas tomam impulso a partir de 1927, com expoentes como Walter Gropius e Le Corbusier (BENÉVOLO, 2004). No Brasil, o modernismo ganhou força na arquitetura a partir da década de 1930, através de Lucio Costa e Oscar Niemeyer.

Já a partir de meados do século XX, com a pós-modernidade, a razão foi destituída de seu lugar e a verdade passou a ser relativa. O movimento pós-moderno trouxe críticas sobre os ideais modernos: a homogeneidade do estilo internacional, a valorização da funcionalidade, a rejeição à tradição, dentre outros. No entanto, apesar de romper com o modernismo, o pós-modernismo não o rejeitou por completo. Atualmente diversas correntes buscam conciliar a funcionalidade moderna com a sensibilidade e individualidade dos pressupostos pós-modernos. No Brasil, por exemplo, o rompimento com o modernismo não se mostrou tão enfático, e diversos arquitetos optaram por conciliar os pressupostos modernos com o pensamento pós-moderno, como também aconteceu em várias partes do mundo.

A arquitetura moderna não se fixou em uma tipologia única, mas apresentou-se como um movimento diversificado que prezava pela racionalidade. As obras modernas recusavam o ornamento superficial, evidenciando as estruturas e materiais em seu estado natural, privilegiando a funcionalidade. Alguns exemplares religiosos se destacaram no período, como um dos primeiros templos cristãos que utilizou os novos materiais, a igreja católica francesa de Notre-Dame-du-Raincy (Figuras 37 e 38), concluída em 1923, projetada por Auguste Perret. Nela, foi utilizado concreto aparente em toda estrutura, com uma planta retangular e paredes com imensos vitrais (FRADE, 2007). Ainda que sua aparência remeta à verticalidade gótica em sua estrutura aparente e uso dos vitrais, ela mostrou uma inovação que passou a ser

aceita aos poucos pelo catolicismo⁹. No Brasil, ganhou destaque a Igreja de São Francisco de Assis, na Pampulha, Belo Horizonte, projetada por Niemeyer em 1953. Com suas curvas sinuosas, novidade na época, o templo chocou as autoridades clericais (FRADE, 2007).

O modernismo, com sua rejeição à tradição, veneração à funcionalidade, teve uma relutância inicial em ser aceito no meio cristão – católico e protestante – devido à ruptura do movimento com a tradição. Os grupos cristãos temiam que a adoção de um estilo inovador afastasse os valores tradicionais cristãos impregnados em sua cultura que, acreditavam eles, estavam intrínsecos nas antigas formas arquitetônicas dos templos (BUGGELN, 2004).

Diversas igrejas protestantes, ainda nas primeiras décadas do século XX, continuaram a adotar o neogótico em suas construções (BUGGELN, 2004). Mas ao contrário das grandes catedrais do período anterior, por volta da década de 1940 muitas buscavam construir edificações menores, que proporcionassem maior integração entre os fiéis (BUGGELN, 2004). Assim como com a resistência inicial católica, muitos grupos protestantes se recusaram a adotar o moderno, vendo-o como receio por sua inovação e ruptura com a tradição (BUGGELN, 2004). No entanto, alguns exemplares protestantes modernos foram construídos a partir de meados do século XX, como o templo de Provença, em Marselha, França (Figura 39), construído em 1954 (MUSÉE PROTESTANT, 194-?).

Com a racionalidade moderna, o funcionalismo foi elevado a elemento primordial na concepção do espaço arquitetônico. Retirando todos os excessos historicistas, as obras modernas buscavam inovar adequando-se à época e técnica

Figura 37: exterior da igreja Notre-Dame-du-Raincy, França.



Templo projetado por Auguste Perret, com acabamento em concreto aparente, plano retangular e simplificação de formas. Fonte: GreatBuildings.

Figura 38: interior da igreja Notre-Dame-du-Raincy, França.



Fonte: site GreatBuildings.

Figura 39: Templo de Provença, Marselha,



Construído em meados do século XX, em concreto aparente com características modernistas. Fonte: Musée Protestant.

⁹ Com o Movimento Litúrgico católico, iniciado em 1909, estabeleceu-se “uma nova relação entre a liturgia e a arquitetura moderna religiosa” (FRADE, 2007, p.96), e aos poucos a liturgia renovada católica passava a se alinhar com a arquitetura moderna.

disponíveis no início do século XX. O uso do concreto armado e de materiais em seu aspecto natural, além de possibilitar uma enorme variedade construtiva, reduzia os custos das obras. Em diversos templos protestantes, esse foi o fator motivador para a aceitação de princípios modernos, já que permitia menores gastos na construção, com os templos adquirindo um aspecto mais austero e simplista sem prejuízo à função religiosa (BUGGELN, 2004).

O barateamento das obras foi uma vantagem do uso dos pressupostos modernos, tornando-o aceito por pequenos grupos protestantes norte-americanos, pois, para suas práticas religiosas lhes era necessário apenas uma sala com paredes lisas, o que era mais acessível economicamente. Na segunda metade do século XX já era possível encontrar diversos exemplares religiosos modernistas, mas por vezes eles eram coroados com elementos ou formas históricas que simbolicamente remetiam à tradição cristã, como torres ou arcos ogivais (relembrando as catedrais góticas).

Com o passar do tempo, já em meados do século XX, diversos templos passaram a privilegiar a funcionalidade, optando por plantas retangulares, de mais fácil construção, materiais em seu estado natural, simplicidade de formas, ausência de adornos superficiais, dentre outras características. Mesmo com a aceitação tardia e relutante, muitos exemplares cristãos experimentaram aliar as vantagens da funcionalidade modernista à tradição cristã. No entanto, muitas das vezes isso levou ao surgimento de edificações com resultados estéticos que não agradavam as comunidades (BUGGELN, 2004).

Mesmo com a restrição inicial, aos poucos a racionalidade moderna foi vinculada à racionalidade protestante e o modernismo foi adotado como reflexo de um estilo que bem representava sua primazia pelo conhecimento das Sagradas Escrituras, pois “o racionalismo do Protestantismo está presente no advento da palavra” (NUNES, 2009, p.72). Assim, as paredes livres de ornamentos supérfluos, sublimavam a primazia da palavra falada, eliminando quaisquer distrações, como nos templos calvinistas mais rústicos do século XVI.

Nas igrejas que buscavam maior integração com os fiéis, as necessidades funcionais por vezes levavam à ampliação do programa de necessidades dos templos, que abrangiam diversas salas anexas para atender a atividades que extrapolavam os cultos semanais. Lingerfelt (194-?), conselheiro técnico para construções de templos batistas brasileiros por volta da década de 1940, recomendou alguns partidos de plantas para templos. Apesar da simplicidade e funcionalidade de suas plantas, as fachadas recomendadas ainda refletiam, com

formas e adornos, a forte tradição do neogótico, considerado pelo autor como o estilo cristão mais expressivo.

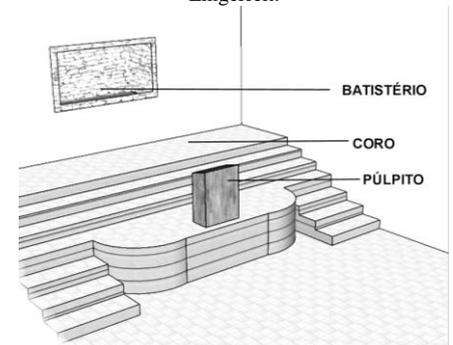
A intensificação da vida comunitária nos templos das igrejas, com o aumento da diversidade de atividades exercidas pelos grupos, gerou a necessidade de salas anexas para as mais diversas funções. Isso veio a incrementar o programa de necessidades de muitos templos evangélicos. Por volta da década de 1940 existem relatos de tais salas anexas em recomendações para a construção de templos evangélicos (LINGERFELT, 194-?). Lingerfelt (194-?) aponta para a necessidade de construção de salas para estudos bíblicos para diferentes faixas etárias, sala para o ministro, biblioteca, banheiros e cozinha.

Lingerfelt (194-?) também refletiu sobre a importância do conforto no ambiente de culto, dando atenção à ventilação, prevendo a construção de janelas grandes e altas. Outra recomendação é quanto à capacidade do templo, que deve acomodar satisfatoriamente todos os membros da igreja, prevendo ampliações sem que a edificação precisasse ser reconstruída.

Além disso, Lingerfelt (194-?) fala da disposição espacial interna no templo, privilegiando a palavra falada, centralizada no púlpito. Para o referido autor, atrás do púlpito deveria localizar-se o coro, e logo depois, o batistério (no caso de igrejas que realizam batismo por imersão). Deste modo solucionava-se o problema acústico, pois todos os sons – a palavra falada e a música – sairiam do mesmo ponto, direcionados à congregação. O esquema proposto por James Lingerfelt (Figuras 40 e 41) foi adotado por inúmeras igrejas, e a inda hoje se mostra eficaz para o funcionamento das atividades litúrgicas em diversos templos.

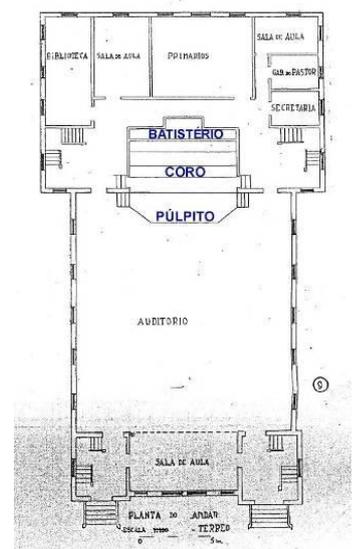
Em alguns projetos de templos com maior diversidade de atividades, as salas para atividades diversas excedem a área construída destinada ao espaço de culto. Essa proporção entre as áreas revela a importância dada à vida comunitária entre os fiéis. Um exemplo disso é o complexo construído pela Igreja Batista do

Figura 40: croqui esquemático com a combinação de púlpito, coro e batistério conforme sugeriu Lingerfelt.



Fonte: a autora.

Figura 41: planta baixa mostrando esquema apresentado por Lingerfelt.



Fonte; Lingerfelt, s/d.

Farol, em Maceió. Seu templo possui capacidade para 600 pessoas, e suas edificações anexas abrigam inúmeras salas que, além de estudos bíblicos, oferecem escola secular, aulas de música, quadra esportiva, salão para eventos, além de estacionamento (Figura 42).

No entanto, em construções pequenas, geralmente inseridas em comunidades de menor poder aquisitivo, por vezes os templos são construídos pelas próprias comunidades e as ampliações são feitas aos poucos, conforme a necessidade se apresenta. Isso leva a projetos que adquirem diversos problemas que vão ser sentidos com o uso daqueles espaços; como problemas de conforto térmico por falta de ventilação ou orientação errada das aberturas, ou falta de isolamento acústico, o que pode trazer incômodos à vizinhança.

Um elemento interno utilizado por alguns grupos evangélicos e que possui um forte simbolismo é o batistério, utilizado pelos grupos que praticam o batismo por imersão. Lugar onde o fiel simbolicamente recebe uma nova vida após descer às águas constitui elemento importante que se destaca no espaço, geralmente colocado atrás do púlpito. Algo muito comum há algumas décadas era a existência de ilustrações paisagísticas nas paredes que compunham o batistério dos templos. Geralmente contendo rios ou lagoas, as paisagens ilustravam o paraíso, sendo colocadas justamente onde se inicia essa nova vida com a certeza de que iria para o prometido paraíso (Figura 43). Outros tipos de pinturas dificilmente se encontravam em edificações protestantes, e quando apareciam restringiam-se a paisagens pitorescas ou trechos bíblicos, como na Assembléia de Deus (Figura 44) analisada por Clara Mafra (2007).

Em boa parte das igrejas evangélicas a música tem assumido uma importância cada vez maior, levando à ampliação e adequação dos espaços para instrumentos musicais e grupos vocais. Em templos maiores, além do tradicional espaço reservado ao coro – e em muitos casos, em substituição a este – necessita-se de uma plataforma mais extensa que comporte uma banda musical, geralmente colocada próxima ao púlpito.

Figura 42: imagem aérea da Igreja Batista do Farol.



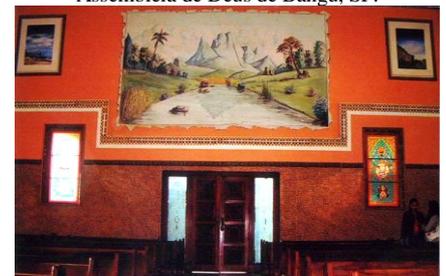
Em vermelho a área do templo, muito menor em comparação com a totalidade da área destinada a outras atividades, em amarelo. Fonte: modificação sobre original em GoogleMaps, 2010.

Figura 43: batistério do antigo templo da Primeira Igreja Evangélica Batista de Maceió.



Fonte: acervo Primeira igreja Evangélica Batista de Maceió.

Figura 44: pinturas paisagísticas no interior da Assembléia de Deus de Bangu, SP.



Fonte: MAFRA, 2007.

A música é uma manifestação que se difundiu entre os evangélicos como forma de participação dos fiéis nas celebrações, pois as pessoas que frequentam essas igrejas querem participar efetivamente das reuniões (MAFRA, 2007). Desde os tempos remotos da Reforma Protestante ela vem se destacando em detrimento do uso das artes visuais nos templos, expandindo seu alcance (COLLINSON, 2003).

Como forma de participação e expressão, a música é analisada por Paola Jacques (2007) como estado característico do *flâneur* (aquele que vaga, deriva e temporaliza o espaço). Esta experiência transcendental adquire um aspecto labiríntico, sobretudo nas igrejas pentecostais, permitindo uma participação mais livre dos fiéis. Os templos evangélicos são a base para estas experiências espirituais e com a música o fiel se manifesta e participa da liturgia. O entoar das canções, o bater de palmas, as mãos erguidas e os olhos fechados, que comumente podem ser vistos no momento em que as músicas são entoadas, são manifestações características do meio evangélico. Através da música o fiel se comunica com seu Deus, de forma mais ou menos espontânea, a depender da tradicionalidade da igreja.

A partir de meados do século XX, com o intenso crescimento populacional urbano, a tendência predominante para a localização dos templos deu-se nas cidades. Por volta da década de 1940, Lingerfelt (194-?) recomenda que os templos evangélicos tradicionais devam estar em lugar acessível, próximo às residências dos fiéis e que possibilite o crescimento do número de adeptos. Havia também preocupação em evitar conflitos territoriais com outras igrejas, evitando instalar-se em áreas muito próximas a outras edificações religiosas. O lugar deveria ser atraente, “livre de barulhos perturbadores, salubre, ruas limpas, casas boas”, além de ter um terreno que possibilitasse ampliações futuras (LINGERFELT, 194-?, p.08 e 09).

A partir da segunda metade do século XX, alguns exemplares evangélicos em Maceió adquiriram feições modernas, como pelo uso de linhas mais retas e cobogós. Exemplo é o antigo prédio da Primeira Igreja Batista de Maceió, reformado por volta da década de 1970 (GEIER, 2008). No entanto, ainda existiam elementos tradicionais, como a torre. Internamente, a plataforma elevada que continha o púlpito possuía uma moldura com pseudocolunas clássicas unidas por um arco pleno, que foi repetido no batistério (Figuras 45 e 46). Outro exemplo em Maceió é a Igreja Presbiteriana do Farol, com uma fachada

Figura 45: Exterior do antigo prédio da Primeira Igreja Evangélica Batista de Maceió.



Feições modernistas da década de 1970. Fonte: acervo Primeira Igreja Evangélica Batista de Maceió.

simples e com poucos adornos. No entanto, as janelas são contornadas superiormente por arcos plenos, denotando uma leve influência historicista (Figura 47).

Por volta das últimas décadas do século XX, surgiram as mega igrejas, com templos construídos para centenas ou milhares de fiéis. Eles apresentam uma tipologia que se assemelha a grandes teatros ou ginásios, tendo como ponto focal no interior o palco com o púlpito. Essa tipologia, utilizada no século XIX em templos de igrejas norte-americanas, tem sido retomada por grupos que buscam adesão em massa. Um dos mais marcantes mega templos construídos foi a Catedral de Cristal (Figura 48), de 1980, projetada por Philip Johnson na Califórnia, Estados Unidos.

Buggeln (2004) afirma que essas catedrais possuem influência da arquitetura de shoppings e edifícios comerciais, mas podem possuir referências historicistas (com elementos que remetam a estilos passados) ou simbólicas (com elementos tradicionalmente religiosos, como torres). Esses mega templos fazem referência à organização de teatros em seu interior, com assentos confortáveis voltados para um palco onde se desenvolvem as atividades religiosas. Ornamentos como vitrais e cruzes também costumam ser muito usados (BUGGELN, 2004).

Nos mega templos, ou catedrais, as atividades são restritas a variações de culto. Assim, esses templos necessitam apenas de um grande salão de cultos e algumas poucas dependências administrativas. É o caso das Catedrais da Fé construídas pela Igreja Universal do Reino de Deus em diversas cidades brasileiras, como em Maceió ao lado de um Shopping Center de grande porte (Figura 49).

Outra ocorrência que tem se tornado comum nas cidades brasileiras são os templos que utilizam edificações construídas para outras finalidades, adaptando-as para suas necessidades

Figura 46: Interior do antigo prédio da Primeira Igreja Evangélica Batista de Maceió.



Interior com arco contornado por pseudocolunas (199-). Fonte: acervo Primeira Igreja Evangélica Batista de Maceió.

Figura 47: Igreja Presbiteriana no bairro do Farol, Maceió.



Fachada simplificada e esquadrias contornadas superiormente por arcos plenos. Fonte: acervo pessoal, 2010.

Figura 48: Catedral de Cristal, EUA.



Mega igreja com arquitetura impactante por sua forma e aspecto estético. Fonte: Wikipédia.

Figura 49: Igreja Universal do Reino de Deus, em Maceió.



Edificação de grande porte ao lado de um Shopping Center e de avenida de grande circulação. Fonte: acervo pessoal, 2010.

religiosas. É o caso de igrejas que utilizam antigos cinemas, galpões ou salas comerciais desativadas, realizando poucas modificações internas para o uso sacro. Como exemplo tem-se a Igreja Bíblica Glória de Cristo (Figura 50), localizada em um dos galpões localizados às margens da Avenida Durval de Góes Monteiro, em Maceió.

Estas igrejas que utilizam outras tipologias necessitam realizar pequenas adaptações para adequar o espaço às funções religiosas. Isso leva a prejuízos com conforto acústico, ergonômico, térmico, além de possível inadequação da forma à função. Nestes casos, geralmente a vida comunitária dos fiéis resume-se à participação em variações de cultos, característica comum a igrejas neopentecostais, não havendo necessidade de construção de outras dependências anexas como é comum em templos de igrejas tradicionais e em algumas pentecostais.

Diferentemente do período gótico, em que as catedrais com características semelhantes disseminavam-se por toda Europa de modo praticamente homogêneo, atualmente os templos apresentam-se com tipologias diferenciadas, apesar de usarem organizações espaciais internas semelhantes, atendendo às funções religiosas.

Com a pós-modernidade, ou hipermodernidade, a razão foi destituída de seu lugar e a verdade passou a ser relativa, em um mundo onde “tudo é verdade e nada é verdade” (NUNES, 2009, p.63). A corrosão das bases racionais, com a relativização da verdade, gerando um estado de perda de sentido e irracionalismo, seria, para Nunes (2009), a mesma crise que estaria afetando o protestantismo tradicional. A fé estaria sendo introduzida nos mesmos princípios da lei de consumo, buscando recompensa com menores custos. Assim, o protestantismo histórico estaria sendo afetado pela perda de sentido da realidade presente, não conseguindo se comunicar com a sociedade do mesmo modo como antes o fazia (NUNES, 2009).

Os segmentos mais recentes – principalmente os neopentecostais – estariam se adequando a essa nova realidade, utilizando-se da flexibilidade, imediatismo e misticismo como ferramenta para inserir-se na sociedade contemporânea (NUNES, 2009). Isso explica o aumento das práticas simbólicas e místicas realizadas pelos segmentos evangélicos neopentecostais, com curas e milagres (MARIANO, 1999). Além disso, se utilizam de meios

Figura 50: Igreja Bíblica Glória de Cristo, em Maceió.



Templo ocupa um dos galpões às margens da Avenida Durval de Góes Monteiro. Fonte: acervo pessoal, 2010.

de comunicação em massa, estimulam a expressividade emocional, participam ativamente da política, pregam curas divinas e a prosperidade material (MARIANO, 1999).

A arquitetura dos templos ditos neopentecostais por vezes não é valorizada, como nos pequenos templos em regiões comerciais, sem a necessidade de grandes adaptações físicas no espaço, dando maior importância à celebração do que ao lugar de culto. No entanto, nos grandes templos a linguagem arquitetônica contribui para acentuar a grandiosidade da mensagem a ser transmitida, oferecendo proteção contra o “inimigo” e solução para todos os problemas. A Catedral construída pela Igreja Universal do Reino de Deus, em Maceió, já citada anteriormente, é um modelo que se repete em diversas cidades brasileiras. Fazendo referência clara a elementos clássicos como colunas, frontão e entablamento, unidos ao vitral gótico que remete ao transcendental, a igreja simboliza segurança e estabilidade, proporcionando uma solução grandiosa e confiável para a resolução dos problemas do frequentador (MAFRA, 2007).

Até o início do século XX, o monopólio católico marcava o espaço, mas atualmente os templos evangélicos têm modificado a paisagem urbana (THEIJE, 2006). Eles apresentam diferentes formas de inserção no meio urbano e a escala destas edificações também varia de acordo com a sua localização nas cidades, caracterizando e diferenciando os diversos grupos existentes. Com um número cada vez maior de grupos, cada um procura afirmar-se e atrair mais fiéis através de diferentes formas. Ao tempo em que a religiosidade procura se adequar ao mundo contemporâneo – procurando seu espaço, buscando novas estratégias para conquistar fiéis ou reconhecimento – ela contribui para transformar o espaço urbano. Essas dinâmicas levam à criação de novas formas de sociabilidade, tendo como meio necessário para isso o espaço urbano (STAN, 2008).

Se na época de formação das cidades brasileiras a igreja católica determinou a divisão fundiária das terras originadas de patrimônios eclesiásticos e a disposição de quadras e ruas em torno da igreja matriz, nos dias de hoje verifica-se que, embora a religiosidade ainda tenha um importante papel na cidade, não desempenha mais a função central na sociabilidade das pessoas. Desde a chegada dos primeiros grupos protestantes tradicionais, cujo caráter comunitário refletiu-se na conformação de seus templos, até a atual disseminação dos neopentecostais, os diversos segmentos evangélicos vêm crescendo a cada ano no país e passam a disputar com as demais religiões cada área que possa culminar na abertura de mais um templo.

Pesquisadores de ciências sociais (como ALMEIDA, 2004; STAN, 2008; CERVEIRA, 2008) enfatizam que no contexto urbano atual se destacam dois tipos de igrejas evangélicas. O primeiro corresponde àquelas instaladas no interior das comunidades, onde o poder aquisitivo é menor, gerando redes mais densas de sociabilidade entre os seus membros. O segundo tipo instala-se principalmente nas proximidades de locais de grande circulação, oferecendo apenas variações de reuniões que geram pouca sociabilidade entre os fiéis. Suas atividades geram um maior trânsito de pessoas que se deslocam facilmente de uma igreja a outra.

As igrejas que se inserem no interior dos bairros adquirem um caráter comunitário, gerando sociabilidade através de um programa de ações que vai além dos tradicionais cultos, com atividades que geram maior convivência entre os fiéis (ALMEIDA, 2004). Nesses ambientes, as denominações mais expressivas compreendem igrejas pentecostais e tradicionais, como Assembléia de Deus, Batista, Quadrangular, Congregação Cristã e outras. Evidencia-se seu crescimento mais expressivo entre a classe baixa na periferia das grandes cidades. Ali, muitas vezes as edificações religiosas são de escala reduzida, feitas com improvisações e construídas pelos próprios fiéis em regime de mutirão, distinguindo-se das demais edificações apenas por sua fachada.

Por outro lado, quando localizadas em locais de grande circulação, a relação com o meio urbano se diferencia (STAN, 2008). Esse tipo apresenta-se em muitas denominações neopentecostais, com templos geralmente instalados às margens de avenidas movimentadas em núcleos comerciais ou terminais de ônibus, onde há intensa circulação de pessoas. Segundo Almeida (2004), o objetivo para essa localização é visibilidade e adesão em massa. As atividades realizadas por esses grupos geralmente restringem-se a variações de cultos, que contribuem para acentuar o individualismo, presente na sociedade globalizada contemporânea (CARLOS, 2001). Deste modo, a sociabilidade que estas igrejas geram não cria laços fortes entre os fiéis, mas apenas relações impessoais com o espaço ou com o orador que pronuncia a mensagem a ser transmitida. Muitas vezes esses templos encontram-se abertos durante todo o dia, atendendo à demanda daqueles que circulam na região, funcionando como verdadeiros “prontos-socorros espirituais” (ALMEIDA, 2004). Sua diferenciação das demais edificações do entorno se faz através de um letreiro na fachada, semelhante ao utilizado por

Figura 51: Igreja Universal do Reino de Deus.



Ocupa edificação onde outrora funcionou um cinema, no bairro do Prado em Maceió. Fonte: acervo pessoal, 2011.

serviços comerciais.

No caso da Igreja Universal do Reino de Deus, é clara a relação entre o local onde a igreja se insere e o tamanho do templo. Em meio às comunidades carentes os locais de culto geralmente são pouco elaborados, adaptando-se um prédio existente às necessidades de uso. É o que mostra um exemplar da Igreja Universal do Reino de Deus, em Maceió (Figura 51), que ocupa atualmente uma edificação onde outrora funcionava um cinema. No entanto, em bairros nobres, onde é possível ter grande visibilidade, os templos da Igreja Universal do Reino de Deus são cuidadosamente projetados, fenômeno que se repete em diversas cidades brasileiras, geralmente com edificações de características e localizações similares.

Objetivando uma maior visualização das massas, muitos desses templos são construídos em enormes proporções (STAN, 2008). Ressalte-se também que os fiéis que frequentam esses templos dificilmente moram nas proximidades dos mesmos. É o caso das grandes catedrais construídas pela Igreja Universal do Reino de Deus, costumeiramente localizadas próximas a uma grande avenida ou centro comercial, conforme mostra a localização da catedral da Igreja Universal em Maceió (Figuras 52 e 53), localizado em uma avenida de grande fluxo entre um shopping e dois hipermercados, sendo visível neste entorno por sua escala monumental. Mafra (2001) afirma que a construção dessas edificações é uma forma de o grupo religioso impor sua autoridade e marcar presença no espaço urbano.

Figura 52: Igreja Universal do Reino de Deus, bairro Mangabeiras.



Edificação monumental situada em avenida de grande fluxo. Em primeiro plano à esquerda, placa indicativa da igreja Mundial do Poder de Deus, também neopentecostal. Fonte: acervo pessoal, 2011.

Figura 53: mapa de Localização da Igreja Universal do Reino de Deus, em laranja e Mundial do Poder de Deus, em amarelo.



Igrejas ambas inseridas em avenida de grande fluxo próximas a grandes empreendimentos. Fonte: modificação sobre mapa Google Earth 2011.

Diante da pluralidade religiosa atual, marcada por uma verdadeira competição entre igrejas, algumas denominações buscam estratégias que atraiam um maior número de fiéis. E os templos constituem-se obras projetadas que podem auxiliar a seduzi-los e atraí-los (MAFRA, 2001). A imagem ao lado (Figura 54) mostra uma igreja pentecostal inserida no meio urbano e com aspecto físico semelhante a muitos templos neopentecostais. Apesar de as igrejas desta denominação serem caracterizadas por sua inserção no interior dos bairros, neste exemplar a edificação aparece em uma avenida de grande fluxo, utilizando-se de localização e visibilidade comuns a igrejas neopentecostais.

Figura 54: Igreja Assembléia de Deus no bairro Stella Maris.



Igreja localizada em zonas de grande fluxo, com aspecto semelhante a igrejas neopentecostais.
Fonte: acervo pessoal, 2011.

Essas influências que estimulam trocas entre os diversos grupos religiosos são favorecidas pelas características da sociedade contemporânea, em que facilmente circulam fiéis, práticas, crenças e símbolos. Assim como o pentecostalismo tem influenciado a religiosidade brasileira, incentivando a inovação de métodos e inserção no meio urbano, este tem sido influenciado pelo meio em que se insere, pois “mais do que a expansão dos pentecostais, expandiu-se um jeito evangélico de ser religioso” (ALMEIDA, 2008, p.56).

1.6 Qual O Valor Dos Templos Evangélicos Na Atualidade?

Os evangélicos atualmente inserem-se nas cidades brasileiras sob diversas formas, conforme visto. Suas tipologias variam entre edificações cuidadosamente projetadas por profissionais a adaptações provisórias de edificações já existentes. No meio urbano, inserem-se sob os mais diversos modos, seja no interior das comunidades ou mesmo expondo-se em regiões de grande fluxo. Além disso, elementos, configurações ou mesmo organizações espaciais ainda possuem significados intrínsecos no meio protestante.

Alguns aspectos que puderam ser analisados nos templos cristãos, com particular atenção aos templos evangélicos, foram a tipologia das edificações, suas formas de inserção no meio, além da simbologia atrelada às obras arquitetônicas. No entanto, tais aspectos não determinam em si mesmos, a importância destes espaços. Zevi (1978) acredita que o estudo dos aspectos arquitetônicos, como os analisados neste capítulo, contribui para o entendimento

da obra arquitetônica, mas são ineficazes para entender o valor da arquitetura, que deve levar em consideração a essência arquitetônica, que é o espaço. A arquitetura não se constitui somente um conjunto de elementos construídos, mas engloba o espaço entre estes elementos, onde os homens andam e vivem. Para Zevi (1978), ela se diferencia das outras artes justamente por ser tridimensional e incluir o homem.

Bruno Zevi (1978) também fala que esse espaço não pode ser representado perfeitamente. As diversas representações arquitetônicas não conseguem exprimir o espaço de forma exata, o que só é possível ao percorrer estes ambientes. Ainda que se tenha descrito templos cristãos diversos neste capítulo, dificilmente captou-se a essência destas construções, contida no espaço. Para o autor, é o homem que habita estas edificações que pode dar realidade completa ao espaço, pois “é o homem que, movendo-se no edifício, estudando-o de pontos de vista sucessivos [...] dá ao espaço a sua realidade integral” (ZEVI, 1978, p.23).

Se o espaço que abriga os usuários é a parte mais importante a ser analisada nas obras arquitetônicas, isso não seria diferente para os templos evangélicos. No entanto, se esse espaço se apresenta de formas diversificadas fisicamente, onde estaria guardado seu valor? O capítulo a seguir revela alguns questionamentos e possibilidades sobre o valor dos templos evangélicos.

CAPÍTULO 2

O ESPAÇO EVANGÉLICO PERCEBIDO

Zevi (1978) afirmou que o espaço, onde habitam os homens, é o aspecto mais importante da arquitetura. Deste modo, o capítulo aqui apresentado busca analisar estas edificações a partir do seu espaço, em sua relação com seus usuários. Para além das suas formas, a arquitetura pode ser compreendida como um texto a ser lido que afeta todos os sentidos, e não apenas a visão (BROADBENT, 1978). Sob este ponto de vista, a obra arquitetônica pode ser entendida como comunicação, transmitindo sensações e relacionando-se com os usuários do espaço.

Pallasmaa fala sobre a capacidade de comunicação da Arquitetura. Para uma edificação ser comunicativa, ela depende da sua capacidade “de simbolizar a existência ou presença humana” (PALLASMAA, 1986, p.481). Para o autor, o significado não está contido nas formas, mas elas agem sobre os sentimentos por aquilo que representam, “nas imagens transmitidas pelas formas e na força emocional que elas carregam” (PALLASMAA, 1986, p.484). Desse modo, a arquitetura age sobre seus usuários despertando sensações e interpretações. Neste estudo sobre os templos evangélicos, pretende-se compreender a relação entre o espaço construído dos templos e os fiéis que usufruem destes espaços.

Para lidar com os efeitos da arquitetura nos usuários do espaço, são necessárias pesquisas sobre o que os signos ali existentes representam e causam nas pessoas, suas reações fisiológicas, psicológicas e sociais em relação ao ambiente edificado (BROADBENT, 1978). No caso dos templos evangélicos, uma opção para explicar estes aspectos seria avaliar até que ponto esses templos são significativos para os participantes das igrejas evangélicas. Para esta pesquisa, voltando-se para as relações com o espaço físico, procurar-se-á compreender algumas formas de relação que se estabelecem entre os evangélicos e seus templos.

Um dos métodos existentes que pode auxiliar a compreender a ocorrência da relação entre os espaços evangélicos e seus usuários é a Fenomenologia. Se um fenômeno representa o que é percebido pelos sentidos e consciência, a Fenomenologia estuda aquilo que é percebido, nesse caso, pelos usuários do espaço religioso evangélico. A arquitetura, deste modo, possui um potencial fenomenológico em sua capacidade de dar significado ao ambiente com a criação de lugares específicos (NORBERG-SCHULZ, 1976)

Na relação que esta pesquisa apresenta entre arquitetura e religião, as sensações dos usuários no espaço, estimuladas pelos sentidos humanos, fazem referência também ao campo estético, se levar-se em consideração que “o significado básico da ‘estética’ é o estudo dos sentidos” (ENGLER, 2007, p.214). Tal referência pode ser mais bem compreendida quando se considera que o valor da estética está relacionado à tentativa de entender a natureza do belo e sua percepção humana. Neste sentido, unindo o campo estético e o arquitetônico à religião, cabe aqui abordar aspectos físicos e sensoriais de templos religiosos.

Assim, este capítulo pretende analisar o espaço evangélico através da sua relação entre este espaço e os seus usuários. O método fenomenológico será utilizado como ferramenta para interpretar essa relação e melhor compreender o valor que os templos evangélicos possuem para os fiéis. Após apresentar o método fenomenológico, se discorrerá sobre o modo como a arquitetura é compreendida pela fenomenologia, passando à importância dos templos enquanto lugares e, por fim, a um modo de compreender o espaço evangélico em sua relação com os seus fiéis.

2.1 O Método Fenomenológico e a Arquitetura

A Fenomenologia passou a ser estudada com maior afinco a partir do século XX, sendo analisada por filósofos como Heidegger e Merleau-Ponty. Ela ocupa-se do estudo do fenômeno em si, buscando sua essência, sendo “a exploração e descrição dos fenômenos, fenômenos estes que se referem a coisas ou a experiências assim como as experimentam os seres humanos” (CASTELLO, 2007, p.13). A Fenomenologia pode ser entendida como uma investigação sistemática da consciência e seus objetos, sendo um método que exige um “retorno às coisas” (NORBERG-SCHULZ, 1976).

Heidegger buscou compreender a Fenomenologia voltada para a essência do ser, objetivando apreender o modo de ser. Com a Fenomenologia aplicada ao cotidiano, ele buscava a intencionalidade que era fundamental ao ser: seu “estar-no-mundo”. Com a Fenomenologia, Heidegger procurou interpretar o mundo a partir da consciência do sujeito, através da expressão de suas experiências. Ela enfatizava as construções de comportamento e

percepção, valorizando as sensações. Assim, os objetos são estudados pela Fenomenologia conforme são apreendidos pelo homem (NORBERG-SCHULZ, 1976).

Para Heidegger, todos os fenômenos concretos possuem uma localização para acontecer, podendo se relacionar ou compreender outros acontecimentos, e o espaço construído é um *lócus* para a ocorrência dos fenômenos. A partir disso, é possível aferir que a arquitetura constitui “uma experiência espacial e, portanto, tem a ver com a forma com que existimos no mundo e o percebemos na sua concretude, [pois] a existência é espacial” (CARSALADE, 2007, p.33).

A fenomenologia passou a ser relacionada aos estudos arquitetônicos com o pós-modernismo, em meados do século XX (CASTELLO, 2007). A arquitetura possui a capacidade de proporcionar significado ao ambiente, criando lugares específicos que proporcionem um “habitar” (NORBERG-SCHULZ, 1976). Deste modo, o método fenomenológico pode ser utilizado para compreender as relações entre o homem e o espaço arquitetônico, sendo possível apreender o espaço construído a partir da ótica de seus usuários, compreendendo como tal espaço é captado pelo ser. Aplicado ao objeto de pesquisa – o espaço religioso evangélico – o método permite compreender como estes templos são percebidos por seus fiéis.

Martin Heidegger (1954), apesar de não construir seus pensamentos fenomenológicos diretamente voltados para a arquitetura, escreveu um importante ensaio que pode ser aplicados ao ambiente construído, intitulado *Construir, Habitar, Pensar*, onde discorreu sobre a importância do habitar, que se constitui a maneira pela qual somos na terra. Para o autor, habitar é o objetivo da construção, pois significa estar em paz, num lugar seguro, sendo a característica fundamental do habitar o resguardo que ele proporciona. Habitar relaciona-se a “reunir, juntar, o mundo como uma construção concreta, ou uma coisa. [... Assim] O homem habita quando é capaz de concretizar o mundo em construções e coisas” (NORBERG-SCHULZ, 1976, p.458), pois essas coisas reúnem mundos em si, manifestando a presença do homem na terra.

Norberg-Schulz, que fez importante ligação entre a Fenomenologia de Heidegger e a Arquitetura, revela que o objetivo da arquitetura é dar “uma aparência às coisas” pela primeira vez, pois a arquitetura (compreendida como um tipo de linguagem) tem a capacidade de “dar às coisas o acesso à palavra e à aparência” (NORBERG-SCHULZ, 1976, p.466). Assim, a arquitetura deve fazer o mundo visível através da espacialidade, que se manifesta como um

lugar, revelando o mundo e permitindo que o ser habite poeticamente, no sentido tratado por Heidegger.

Heidegger entende que “os edifícios são coisas construídas que reúnem um mundo e permitem habitar” (HEIDEGGER, *apud* NORBERG-SCHULZ, 1976, p.468). Assim, através das construções a arquitetura aproxima a paisagem do ser humano, sendo uma auxiliadora no processo de habitar do homem. Essa paisagem caracteriza-se, para Norberg-Schulz (1976), por ser um espaço onde tem lugar a vida humana ou, em outras palavras, por ser um espaço vivido. Tais espaços vividos costumam ser chamados de lugares no campo arquitetônico, e a arquitetura tem por objetivo justamente a construção de lugares, ou seja, a produção de espaços que permitam o “habitar”.

Este habitar define a relação de experiência entre os homens e as edificações, abordando o modo pelo qual o ser sente-se em casa, protegido e em paz. O habitar, sendo a característica fundamental do homem no mundo, é mais do que abrigar o ser, é vê-lo como manifestação do ser no mundo. Sendo assim, a edificação destinada ao habitar deve possibilitar essa relação de experimentação do homem com o espaço (MALARD, 2001).

2.1.1 O habitar e a criação do lugar em arquitetura

Fenomenologicamente, habitar é demarcar um espaço e transformá-lo em lugar estabelecendo, deste modo, um espaço significativo (MALARD, 2001). Essa delimitação pode ser dar em um processo de qualificar e diferenciar espaços, gerando raízes e conexões com o mundo através destes espaços diferenciados. Apropriar-se de um espaço também é fazer surgir um lugar, pois ao ordenar e cuidar do espaço cria-se um lugar singular. Essa apropriação faz com que o ser humano possua “aderência ao lugar, ao seu passado e ao seu futuro; é também relacionada ao fenômeno de ambiência, que é a necessidade de se sentir confortável ao agir e ao cuidar” (MALARD, 2001).

Tal apropriação do espaço pode ser relacionada ao processo de construir definido por Heidegger (1954), pois para o autor é a partir do habitar que surge um lugar, proporcionando circunstância para determinar espaços e caminhos pelos quais se delimita um lugar significativo. É também o relacionamento entre o lugar e o homem que ali se demora que está na essência do que é o lugar, pois um lugar só existe quando o homem habita nele. Deste

modo, o construir deve ser justamente edificar lugares, pois “a essência de construir é deixar-habitar” (HEIDEGGER, 1954, p.09).

Para Heidegger (1954), os espaços cotidianos são frequentemente arrumados por lugares. Assim, “considerando-se com atenção a essas relações entre o lugar e os espaços, entre os espaços e o espaço, poderemos adquirir uma base para pensar a relação entre o homem e o espaço” (HEIDEGGER, 1954, p.07). Os homens necessitam do espaço, pois os mortais “são”, no entendimento do autor, e isso significa que “*em habitando* têm sobre si espaços em razão de sua demora junto às coisas e aos lugares” (HEIDEGGER, 1954, p.08). Ou seja, o homem só “é” quando habita determinados espaços, pois o lugar estabelece uma região definida onde o homem passa a existir significativamente através do habitar. Consequentemente, um lugar é originado e legitimado a partir dos grupos sociais que acomoda e representa. Deste modo, as estruturas arquitetônicas adquirem significados concretos que expressam os usuários do espaço, como afirma Frampton:

A receptividade e a sensível ressonância de um lugar – a saber, a percepção sensorial de sua validade como lugar – dependem, primeiro, de sua estabilidade cotidiana para os sentidos e, segundo, da adequação e riqueza da experiência sociocultural que ele proporciona (FRAMPTON, 1974, p.479).

Heidegger acredita que os lugares possuem vários graus de extensão e cercamento, reunindo o mundo e ligando-se ao exterior. Seguindo a mesma linha de raciocínio, para Norberg-Schulz (1976) um lugar é definido e cercado por suas fronteiras que, no entanto, não definem seu término, mas onde ele começa a se fazer presente; fronteira que poderia comparar-se a uma porta, que não significa o fim de um espaço fechado, mas é um elemento do lugar que une e separa o interior do exterior (NORBERG-SCHULZ, 1976). As fronteiras definem o lugar, relacionadas com a forma como o lugar foi construído.

Rossi (1966) cita o termo latino *genius loci*¹⁰ para definir uma identidade própria e específica de cada lugar. O lugar deve possuir a capacidade de receber diferentes conteúdos, sendo interpretado de modos diferenciados. No entanto, um lugar necessita possuir uma identidade conservada por determinado período de tempo, permitindo que ele adquira certa estabilidade. Deste modo, “no início, o lugar se apresenta como dado, espontaneamente

¹⁰ *Genius Loci* (*genius* = espírito; *loci*/pl. *lócus* = lugar) é um termo da antiguidade clássica, que corresponde ao “espírito do lugar”. Os antigos romanos acreditavam que todo ser possuía um *genius* (um espírito guardião) que determinava o caráter ou essência das pessoas e lugares (NORBERG-SCHULZ, 1983). Deste modo, o *genius loci* seria uma aura própria que caracteriza e guarda a identidade do lugar (CASTELLO, 2007).

vivido como uma totalidade e, ao fim e ao cabo, ele surge como um mundo estruturado, iluminado pela análise dos aspectos do espaço e do caráter” (NORBERG-SCHULZ, 1976, p.454).

Ao habitar, o homem localiza-se no espaço e expõe-se a determinado caráter do ambiente. O homem deve, então, identificar-se com o ambiente e ser capaz de orientar-se, o que assinala uma segurança emocional. Quando existe uma identificação com o espaço, ele adquire significado. Assim, as pessoas desenvolvem significação com determinadas propriedades e objetos concretos dos ambientes, o que faz surgir a identificação própria do lugar. Para Norberg-Schulz (1976), o homem necessita sentir-se pertencente ao mundo, pois a própria identidade de uma pessoa implica sua aproximação com o lugar, posto que é influenciada pelos espaços que o indivíduo frequenta. Deste modo, pode-se considerar que o ser humano necessita de lugares para habitar e sentir-se em casa; lugares que estabilizem o mundo à sua volta e proporcionem o habitar definido por Heidegger.

Apesar de a construção do lugar ser o objetivo último da arquitetura, Heidegger afirma que nem todas as edificações garantem um habitar, oferecendo um abrigo ao homem ou o fazendo-o sentir-se “em casa”. Heidegger (1954) criticou a arquitetura realizada em seu tempo, admitindo uma crise de habitações que se expressava não na falta de moradias, mas na necessidade humana de buscar novamente a essência do habitar. Enquanto as sociedades primitivas se prestavam a cada pequeno detalhe para construir essa imagem orientadora, nas sociedades modernas a atenção concentrou-se na função prática da orientação, deixando em segundo plano a identificação.

Para Malard (2001), as dimensões compreendidas no habitar referem-se tanto à funcionalidade, à questão da casa como abrigo para o homem, quanto aos atributos simbólicos e estéticos (separando e diferenciando os espaços). Com os ideais modernistas, o espaço construído adquiriu uma visão fortemente voltada à funcionalidade, com áreas destinadas a funções específicas. No entanto, os lugares se criam de forma espontânea, através da apropriação dos usuários, diferentemente da forte intencionalidade moderna (CASTELLO, 2007).

A primazia utilitarista da técnica, valorizada pelos modernistas, foi criticada também por Frampton, que afirmou que a qualidade era perdida em favor da quantidade. Para o autor, a produção tende a inibir a construção de lugares receptivos por motivos variados: economia de espaço, padronização ou mesmo falta de recursos. A valorização da produção parece ter

sido sublimada, impulsionada pela mecanização, pela falta de recursos renováveis e restrições econômicas, que contribuem para a restrita criação de lugares. Assim, o autor revela que a industrialização e a racionalização excessiva da construção levaram a um empobrecimento do ambiente, priorizando uma otimização abstrata (FRAMPTON, 1974).

O Moderno, com sua sublimação técnica, passou a ser veementemente criticado por pós-modernistas, que acusavam a Arquitetura Moderna de haver perdido sua aura. Para eles, a arquitetura formalista moderna havia perdido o *genius loci* característico que proporciona consistência ao lugar. Muitas igrejas cristãs do início do século XX rejeitaram a arquitetura moderna justamente por acharem que sua exacerbação da funcionalidade deixava de lado a tradição cristã, o que poderia gerar igrejas sem significação.

Para Frampton (1974), a técnica utilitarista, ao ser sublimada pela razão moderna, interfere também na criação dos lugares. A otimização da produção, visando padronização e economia, leva à criação de espaços padronizados, econômicos em significado, que inibem a criação de lugares receptivos. Segundo Pallasmaa (1986), o jogo de formas da arquitetura tem negligenciado sua função de proporcionar uma experiência real aos usuários. O reducionismo formal aplicado à arquitetura tem diminuído, assim, a possibilidade da criação do lugar.

O pós-modernismo renovou o interesse pela significação da arquitetura. No entanto, até mesmo algumas obras ditas pós-modernistas caíram na superficialidade ao reproduzir elementos de épocas passadas, sem se preocupar com o contexto em que essas obras se inserem. Walter Benjamin já alertou sobre a perda da aura, afirmando que esses elementos antigos ao serem meramente reproduzidos, já não possuem a mesma significância de outrora.

Analisando o contexto atual, o Frampton (1974) afirma que poucos são os locais que escolheríamos para estar. Deste modo, buscando burlar a supremacia dos não-lugares no contexto contemporâneo, Frampton propõe que haja uma consciência histórica e uma análise sociopolítica do presente, reformulando a relação entre a produção e o lugar. A produção, valorizada pelo modernismo, seria então apenas um meio para se chegar ao lugar, objetivo da arquitetura. Para Frampton (1974) os lugares são qualitativos, enquanto a produção ressalta a quantidade.

A condição humana de ser no mundo, para Heidegger, é espacial. E a arquitetura possui essa capacidade de organizar os espaços para permitir o habitar humano. O lugar existe por ser apropriado por alguém, pois sua existência pressupõe sua relação de espacializar o habitar do ser. Contudo, quando o sistema dificulta a formação dessa imagem orientadora do

habitar, o espaço se mostra frágil, causando uma sensação de estar perdido (NORBERG-SCHULZ, 1976).

Tais espaços que não permitem o habitar do homem, eliminando-se a possibilidade de construir um lugar, receberam a designação de não-lugares por Augé (1994). Enquanto os lugares são considerados por Augé como relacionais, identitários e históricos, os não-lugares seriam exatamente o oposto disso. Para o autor, a época contemporânea, formando um mundo de ocupações provisórias, individuais e efêmeras, é fortemente caracterizada pela produção de não-lugares. Ao tempo em que o lugar possui um peso identitário e relacional com a história, o não-lugar é atrativo justamente por sua liberdade aos preceitos que o prendem ao lugar (AUGÉ, 1994).

No entanto, mesmo nestes espaços caracterizados como não-lugares, Augé (1994) afirma que há a possibilidade de os indivíduos se aproximarem, criando relações e identidade com os espaços criando, assim, lugares relacionais. Do mesmo modo, o autor afirma que os lugares e não-lugares não existem sob forma pura, mas sempre há a possibilidade de permuta entre eles, onde “o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente” (AUGÉ, 1994, p.73).

A supermodernidade, como a denomina Augé, impõe a criação de não-lugares por seu caráter solitário e individual ao homem. Deste modo, “assim como os lugares antropológicos criam um social orgânico, os não-lugares criam tensão solitária” (AUGÉ, 1994, p.86). Nos não-lugares, ao invés dos indivíduos relacionarem-se com outros e com o espaço, se favorece apenas a relação dos usuários com textos, instituições e serviços, dificultando a criação de identidade ou relação com outros usuários, o que faz acentuar o caráter de solidão destes ambientes (AUGÉ, 1994).

O não-lugar tratado por Augé refere-se a espaços de passagem, onde o usuário não se relaciona com outros indivíduos, mas com textos e instituições. Estão incluídos nesta definição os aeroportos, estações ferroviárias além de outros espaços de circulação. A definição de Augé mostra-se um tanto restritiva, considerando a perspectiva adotada no presente estudo.

Já Ana Fani Carlos (2007) traça uma abordagem de não-lugares considerando-os de modo mais abrangente. Para Carlos (2007), os não-lugares constituem-se espaços sem espessura, sem identidade ou história, vazios de significado. Nos não-lugares não há reconhecimento ou apropriação, mas apenas comportamentos orientados. No entanto, a idéia

de não-lugar de Carlos não se apresenta como negação do lugar significativo e identitário. A autora tem sua atenção focada nos espaços artificiais voltados ao turismo, mas parte de suas explicações cabe para a construção do pensamento voltado aos templos evangélicos, objeto de estudo da presente pesquisa.

Deste modo, a idéia de não-lugar, para o presente estudo, pode ser compreendida mais próxima da definição de Carlos (2007), ainda que com aspecto mais flexível. Assim, estes não-lugares seriam espaços indefinidos, sem uma apropriação efetiva de seus usuários. Contudo, essa indefinição não impossibilita que tais espaços venham a se constituir lugares significativos a partir de uma apropriação.

2.2 A Questão Do Lugar No Templo Evangélico

2.2.1 O sagrado e o lugar

Após refletir sobre a importância dos lugares para o homem, é necessário compreender de que modo os templos religiosos inserem-se na condição de lugares significativos. Para Abumanssur (2001), por exemplo, o templo religioso é o lugar por excelência, e “é a partir dele que os espaços adquirem sentido e realidade”. Sua afirmação parte das concepções de sagrado¹¹ formuladas por Mircea Eliade, que ressalta as características monumentais e a busca por expressão permanente do espaço sagrado existentes em um templo. Para Eliade (1992), o homem religioso vê espaços sagrados de maneira distinta de outros que se apresentam sem essa significação, profanos e amorfos. Segundo Eliade, os espaços sagrados distinguem-se por serem fortes e significativos¹². Castello (2007), de modo semelhante afirma que os lugares são percebidos como significativos pelos seus usuários por possuírem qualidades diferenciadas que os destacam do entorno, motivando diferentes experiências humanas. Assim, ao ser sacralizado através da experiência religiosa, o espaço destinado a manifestações religiosas

¹¹ O sagrado, em suma, é o que se opõe ao profano. Para Eliade (1992), relaciona-se a algo que é forte e significativo, aproximando-se das ideias utilizadas para referir-se aos lugares significativos, no que se refere a esta dissertação.

¹² O sagrado descrito por Eliade (1992) não se refere somente às manifestações inseridas no contexto dos templos religiosos, mas a quaisquer manifestações significativas que se realizem na vida do ser humano, incluindo rituais e práticas envoltas em simbolismo e significância que extrapolem as ações corriqueiras e insignificantes da vida do homem.

adquire significado, pois é onde se tem um encontro com o divino ou é possível aproximar-se da divindade.

Abumanssur (2001) afirma que a ideia do sagrado, ou a experiência sagrada, não pertencem à arquitetura, pois a experiência com o sagrado é primariamente religiosa não sendo associada necessariamente a nenhum espaço específico, podendo ocorrer em qualquer ambiente. Contudo, o espaço construído se torna *locus* para as práticas religiosas, se torna um lugar quando contém em si experiências religiosas que lhe conferem significado. Como confirma Augé (1994), o lugar é descoberto por aqueles que dele tomam posse; e os templos abrangem o caráter existencial de lugar ao tempo em que simbolizam as relações entre os indivíduos consigo mesmos e com ou outros frequentadores do espaço. Assim, são igualmente definidos como identitários, relacionais e históricos.

Para Eliade (1992), o sagrado se manifesta através de uma *hierofania*¹³. Tais *hierofanias* proporcionam notoriedade e dão estabilidade a um espaço frente ao mundo caótico e instável. Segundo Eliade, o espaço de um templo, para o usuário, constitui-se diferenciado do entorno que o abriga, representa um espaço religioso onde “o mundo profano é transcendido” (ELIADE, 1992, p.19). A comunicação com o sagrado, segundo Eliade, pode se expressar através de imagens, elementos ou composições espaciais ao redor dos quais se estabelece um “centro do mundo” significativo e estável. Partindo desta visão, o espaço sagrado pressupõe uma *hierofania*, que destaca aquele ambiente do seu entorno e pode fazer surgir um lugar ou, partindo das ideias de Heidegger, tornar possível o *habitar* do ser.

Abumanssur (2001) acredita que o sagrado, enquanto sistema de crenças e práticas, necessita de coisas sagradas que podem ser naturalmente profanas e sacralizadas somente por determinados momentos, ou permanentemente sacralizadas. Para o autor, o objeto se torna sagrado justamente pelo sentido coletivo voltado a ele. Segundo Augé (1994), os locais consagrados a reuniões religiosas são consagrados quando ocorrem essas manifestações religiosas. Assim como objetos que se tornam sagrados por determinados momentos, o autor acredita que os templos religiosos possuem as mesmas propriedades quanto à sacralidade. Essa sacralidade momentânea pode dar-se através da *hierofania* citada por Eliade, diferenciando o espaço religioso dos espaços comuns praticados rotineiramente. Deste modo, essa sacralidade momentânea considerada por Augé criaria condições para a formação dos lugares, ao relacionar a estes espaços a experiência religiosa e coletiva, criando condições

¹³ Para Eliade (1992), *hierofania* significa qualquer manifestação do sagrado, revelando-o. Uma *hierofania*, ao ocorrer em um espaço, destaca-o dos demais, rompendo com a homogeneidade.

para a formação de uma memória vinculada a estes espaços e reforçando o seu aspecto sagrado (AUGÉ, 1994). A partir desta memória vinculada aos espaços, estes podem adquirir um aspecto significativo e que pode se tornar duradouro.

2.2.2 O templo evangélico como lugar

O protestantismo evidenciou, desde seu início, um despojamento e relativo desleixo com alguns espaços destinados às celebrações religiosas. Algumas das ferrenhas críticas dos primeiros protestantes ao catolicismo advinham da suntuosidade e riqueza dos templos católicos, o que, acreditavam eles, acentuava o fanatismo religioso e credices populares. Assim, estes e outros fatores contribuíram para gerar a busca por uma simplicidade, por vezes extremista, nos primeiros grupos protestantes, como visto em alguns templos calvinistas no capítulo primeiro. A exaltação da palavra falada em detrimento das artes visuais, além de acentuar a importância da mensagem, contribuiu para o aumento da racionalidade na religiosidade protestante. Deste modo, o protestantismo desvinculou-se da visão ancorada nas imagens e beleza dos templos, para apoiar-se na audição, na palavra proferida nos sermões (ENGLER, 2007).

A simplicidade dos templos foi apenas o reflexo da mentalidade funcional e racional do protestantismo. Essa simplicidade, comparável com a funcionalidade exacerbada do modernismo, deixava pouco espaço para os aspectos místicos da religiosidade. Max Weber (1904) afirmou que o protestantismo possuía um caráter ascético racional e deixou pouco espaço para manifestações espontâneas do sagrado. O protestantismo que chegou ao Brasil no século XIX, apesar das inovações norte-americanas, trouxe consigo alguns traços dessa racionalidade.

A realidade prática mostra que o espaço protestante não necessita ser sacralizado permanentemente para ser utilizado para fins religiosos. Por vezes, para que um templo comece a ser utilizado para os cultos religiosos é necessária apenas uma consagração realizada através de uma celebração comum, o que não impede que aquele espaço seja utilizado para fins religiosos apenas por alguns meses ou décadas, ou até mesmo por centenas de anos.

A importância do espaço religioso protestante não está compreendida em suas formas arquitetônicas ou na sacralidade dada ao espaço. No entanto, a simplicidade dos espaços revelava a importância da palavra, pois o espaço era não mais do que um receptáculo para a

palavra divina, ideia que foi transmitida por gerações de protestantes ao longo dos séculos. Ainda hoje, a simplicidade de muitos templos é visível e denota essa origem. Assim como o Modernismo, que eliminou elementos desnecessários à funcionalidade do edifício, o protestantismo iconoclasta tradicional também passou a evidenciar a funcionalidade, enfatizando a pregação tanto na liturgia, quanto na organização espacial, reduzindo ao máximo a subjetividade da experiência religiosa (ABUMANSUR, 2001).

Segundo Abumanssur (2001), o espaço religioso protestante não modifica sua natureza ao destinar-se ao culto, mas sua consagração é efetivada e confirmada pelo uso religioso dado ao templo pela comunidade. Deste modo, a importância do templo relaciona-se intimamente com o ritual litúrgico – as celebrações religiosas – e às relações entre os usuários e destes com o espaço.

Essa relação com o espaço, no caso evangélico, além de ser realizada através das celebrações religiosas, também se manifesta em outras atividades sociais realizadas no ambiente religioso – que abrangem atividades musicais, atividades recreativas, reuniões de pequenos grupos, etc. Essa diversidade de programações contribui para a criação e afirmação de laços entre os fiéis, que se relacionam não somente durante o serviço litúrgico rotineiro, mas também em outros horários através de diversificada gama de atividades. Esse tipo de sociabilidade apresenta-se com maior intensidade nas denominações mais tradicionais como em presbiterianos, batistas e em algumas igrejas pentecostais como a Assembléia de Deus.

Como afirmou Certeau (1993), o lugar é feito pelo caminhante que, percorrendo os espaços e deles se apropriando, cria lugares lhes dando sentido. O lugar, por relacionar-se intimamente ao indivíduo e ao grupo, torna-se completo somente através da convivência dos indivíduos. Assim, ele ganha um caráter simbólico justamente por este relacionamento dos usuários com o espaço, consigo mesmos e individualmente (ABUMANSUR, 2001). Um lugar, como já dito, é apreendido pelos seus usuários como destacado do território onde se insere. De modo semelhante, os grupos evangélicos apropriam-se dos seus templos, dando-lhes significado e importância através do uso (ABUMANSUR, 2001).

Para Eliade, a arquitetura sacra renova o espírito sagrado do espaço que se encontra oculto na alma humana, retomando o simbolismo que se apresentava nas habitações primitivas que apontam, simbolicamente, para uma realidade transcendente (ABUMANSUR, 2001). Clara Mafra (2007) também faz comparação entre o templo cristão e a casa, pois não é à toa que são também chamados de “casa de Deus”. Para Mafra, são os

templos inseridos no interior das comunidades – como no caso de muitas das igrejas Assembléia de Deus - que refletem as noções básicas da casa como lugar de apego e segurança. Apesar de Mafra ter abordado somente as Assembléias de Deus, suas considerações podem ser ampliadas também a igrejas de outras denominações com configurações e modos de atuação semelhantes.

Na maioria dos casos esses templos são pequenos, modestos, apenas diferenciados na paisagem urbana por sua fachada. Construídos, muitas das vezes, pela própria comunidade, proporcionam um espaço não grande demais para que não seja possível que todos se conheçam, gerando um sentimento de intimidade entre os fiéis (MAFRA, 2007). Funcionando como grandes casas, estas igrejas acolhem os que necessitam de amparo. Essa ideia, associada aos templos, dá-lhes uma conotação de estabilidade, assim como a casa descrita por Bachelard (1957) e o lugar explicitado por Augé (1994), pois é neste espaço que o fiel pode encontrar confiança e segurança. Deste modo, a igreja transforma-se num refúgio em meio ao mundo hostil e perverso, pois é onde o fiel pode voltar-se para a visão do celeste e seguro. Pode ser comparada com a visão protestante do paraíso celeste a ser alcançado, onde não existe medo, pobreza ou maldade.

O protestantismo, ao simplificar elementos e espaços, reduziu a carga simbólica visual de seus templos, em comparação com o catolicismo. No entanto, este ambiente litúrgico possui ainda um aspecto solene. Assim, essa sacralidade pode ocorrer no decorrer da cerimônia, nos momentos de silêncio ou mesmo nas diferentes intensidades musicais. Em templos de denominações tradicionais, o caráter de lugar é acentuado pela forte apropriação do espaço pelos fiéis. Nestes, usuários mais antigos tendem a notar quaisquer alterações no espaço de culto (sejam inovações na liturgia, no uso de novos instrumentos, o bater de palmas durante algumas músicas, pintura de alguma parede ou substituição de mobiliário), tomando algumas como estranhas àquele ambiente, sendo inclusive mal aceitas.

O espaço pode adquirir um caráter solene, diferenciado do seu entorno, ligando-o diretamente à função sacra (pois ali é a “casa de Deus”). Na mente dos fiéis, ainda que saibam que aquele é apenas um receptáculo para as atividades religiosas, aquele espaço adquire um caráter sagrado. Esse sentimento de respeito e temor pode ser relacionado ao *mysterium tremendum* apontado por Otto (*apud* ABUMANSUR, 2001): um temor que diferencia aquele espaço do seu entorno, demarcando-o como um lugar sagrado.

Segundo Abumanssur (2001), ancorando-se na simplificação racional protestante, os pentecostais enfatizaram o caráter puramente funcional do espaço litúrgico. Por um lado o autor acredita que a reunião dos fiéis pode sacralizar este espaço (como no caso dos evangélicos tradicionais), por outro ele acredita que existe também certa desterritorialização do sagrado. Nos templos pentecostais a significação está contida exclusivamente na celebração e o templo não é considerado lugar sagrado, independente do que ali aconteça. Assim, “o encontro com o sagrado pode acontecer com hora e lugar marcados” (ABUMANSUR, 2001, p.232).

No protestantismo, a liturgia – a celebração religiosa – possui primazia sobre o espaço, e o templo não deve, de forma alguma, limitar a atividade religiosa (ABUMANSUR, 2001). Segundo Castello (2007), a forma arquitetônica em si não é significativa, mas sua importância advém de sua associação a experiências vividas. Como afirma Certeau, assim como a fala se realiza através do ato de falar, o espaço se realiza na prática do lugar através das pessoas em suas experiências cotidianas. Através da apropriação do espaço e do grau relacional entre fiéis e espaço que são proporcionadas condições uma identificação com o espaço e contribuindo para criar e reforçar a identidade de grupo. Assim, para Le Goof (1996), criam-se os chamados lugares da memória coletiva, o que contribui para reforçar o caráter mais sólido da identidade destes grupos, com mudanças que ocorrem mais lentamente.

Segundo Abumanssur (2001), os templos pentecostais constituem um local de validação de sua forma de viver o sagrado, pois os templos adquirem valor justamente a partir dos ritos e celebrações que abrigam em seu interior. Para o autor, o espaço religioso dos protestantes não é sagrado por si só, mas compreende um território que é ocupado pelo sagrado. Deste modo, a sacralidade do espaço evangélico funda-se sob a vida comunitária que se constrói a cada celebração e atividade social, pois “o templo é entendido como um lugar de reunião dos fiéis” (ABUMANSUR, 2001, p.12).

Há diversas formas de fazer surgir o lugar no espaço religioso evangélico. Seja no âmbito do assistencialismo e caráter de sociabilidade gerado entre os fiéis, apropriando-se do espaço, seja no momento das celebrações, através das *hierofanias* pelas quais o sagrado se manifesta, diferenciando aquele lugar e fazendo-o adquirir significado. O lugar também pode surgir a partir das experiências espirituais do fiel, que se expressa livremente como um *flaneur* em momentos de orações, testemunhos, curas e milagres ou através da música, fazendo surgir ali um lugar expressivo para o ser ou, como diria Paola Jacques, territorializando ali a paisagem.

2.2.3 Existe não-lugar nos templos evangélicos?

Diferente dos grupos mais tradicionais, os neopentecostais (e alguns pentecostais) relacionam-se com o espaço de modo mais volátil em relação ao grau de sociabilidade entre os fiéis. Mesmo que muitos tenham surgido como dissidentes de tradicionais, muitas características destas igrejas se alteraram com o tempo. Algumas das grandes diferenças entre estes e os tradicionais são justificadas pelas ondas de avivamento que romperam com o caráter ascético do protestantismo tradicional (o que chegou a influenciar também alguns grupos tradicionais). Esses avivamentos traziam em seu âmago o aumento da emotividade e aspectos subjetivos da religiosidade, como o falar em línguas estranhas e as curas milagrosas. Outras influências significativas advêm do catolicismo popular e de religiões de matriz africana, afastando grupos evangélicos neopentecostais da tradicional racionalidade protestante (MARIANO, 1999; MAFRA, 2001).

Abumanssur aponta que tais denominações mais recentes são tão voláteis quanto a época em que se formaram. Assim, até mesmo o espaço sagrado se tornou efêmero e as religiões passaram a ser “praticadas não mais como um sistema coeso de crenças, mas conforme o [...] desejo [do fiel]” (ABUMANSSUR, 2001, p.218). O sagrado passou a ser interpretado pelo indivíduo, dando predomínio às religiões que valorizam a liberdade individual para suprir as necessidades em função de desejos pessoais. Deste modo, a religião como portadora da mensagem da verdade suprema vem sendo substituída pela religião que transforma a verdade conforme o desejo e a necessidade do indivíduo. Por um lado, a época contemporânea apresenta uma crise nas grandes instituições (como as grandes igrejas tradicionais, com baixas taxas de crescimento), por outro lado proliferam novas igrejas e manifestações religiosas mais dependentes das escolhas individuais do que da coletividade. Assim, “o sagrado se liberta, escapa ao controle das instituições que o monopolizaram, se torna mais difuso, com novas roupagens e fisionomias” (ABUMANSSUR, 2001, p.188).

A efemeridade das denominações neopentecostais se reflete também nas edificações que estes grupos utilizam, caracterizadas pela transitoriedade, pois passam pouco tempo sendo utilizadas para as atividades religiosas. Muitos destes edifícios são adaptações de edificações já existentes, podendo ter servido a outras funções e logo depois retornar a atividades profanas. Assim, com seu caráter efêmero, a consagração temporária do local das celebrações se torna visível. Internamente, estes espaços não possuem grandes diferenciações físicas, mas o uso dos mesmos ajuda a diferenciar as denominações: enquanto os grupos tradicionais e

alguns pentecostais apresentam grande variedade de atividades, os neopentecostais encontram-se restritos a uma gama de celebrações individuais variadas.

Mesmo na sociedade atual, caracterizada pelo efêmero e individualismo, o ser humano sente necessidade de unir-se em grupos, como uma forma de sentir-se forte através da coletividade. Os espaços religiosos são uma opção para essa necessidade de pertencimento a uma comunidade oferecendo, em alguns casos, uma sensação de inclusão social, como já citado. Nos chamados neopentecostais, de formação recente, percebe-se uma identidade que se modifica conforme a lógica da sociedade contemporânea, buscando adequar-se às constantes mudanças. Em algumas destas igrejas o fluxo constante de fiéis (que vão de templo em templo) e a valorização da individualidade (com atividades que não convidam à criação de relações interpessoais) são fatores que se sobressaem, como reflexos da efemeridade característica da contemporaneidade.

Diferentemente da valorização gerada através da sociabilidade nos templos tradicionais e pentecostais, em muitas denominações neopentecostais por vezes os frequentadores se alteram com muita rapidez, não havendo a possibilidade de uma identificação mais demorada do usuário com o espaço do templo. As reuniões ali realizadas poderiam ser feitas em qualquer outro lugar e o espaço não é o importante, tanto é que muitas destas igrejas mudam de endereço com frequência. A identificação dos indivíduos com o espaço neopentecostal, no entanto, se torna possível ao nível individual. Para Abumanssur (2001), quando a experiência religiosa se volta para a individualidade, a experiência sagrada e o lugar não possuem mais um forte caráter coletivo, mas apenas ao nível individual, acentuadamente durante as celebrações religiosas.

Augé (1994) ressalta que alguns lugares possuem um caráter temporário, só sendo conhecidos como lugares por determinados períodos. Para o autor, locais dedicados a cultos e reuniões políticas ou religiosas são consagrados apenas por momentos. Segundo Abumanssur (2001), esses instantes se dariam no momento das celebrações religiosas. Assim, “a sacralidade dos locais onde se concentra a atividade ritual é uma sacralidade que se poderia dizer alternativa” (AUGÉ, 1994, p.56). Para Abumanssur (2001), nos templos neopentecostais a experiência com o sagrado é, em princípio, destituída da forma arquitetônica, pois é a organização espacial interna deste espaço que vai lhe dar a conotação de espaço religioso e é a celebração religiosa que vai sacralizar, momentaneamente, o espaço. Contudo, mesmo com a sacralidade temporária em intervalos geralmente fixos, o caráter de lugar – o seu *genius loci*, que guarda a identidade e as características daquele lugar – permanece no espaço e se

manifesta somente durante as celebrações religiosas, fazendo surgir o habitar e revelando o sagrado, contribuindo para conscientizar os indivíduos da religiosidade e da importância daquele ambiente.

Um templo religioso pode ser uma referência até mesmo para quem ainda não frequentou aquele espaço, por analogia a outros templos que o indivíduo conhece, sendo referência, por exemplo, como lugar de milagres e curas, ou espaço de paz e segurança, transmitido a ele por outras pessoas ou pela mídia. Um fiel pode adentrar num templo com a ideia preconcebida de que aquele espaço é portador de uma aura sagrada, sendo destinado a manifestações do sagrado e de realização de curas e milagres possuindo, portanto, significado por essas manifestações das quais ele ouviu falar, mas não vivenciou presencialmente. Deste modo, qualquer templo poderia ser efetivado como espaço significativo para determinadas pessoas.

Segundo Abumanssur (2001), a volatilidade territorial dos neopentecostais, fazendo minuar a característica de memória do conjunto de usuários e a estabilidade de seus templos, faz com que seja possível compreender estas edificações como não-lugares. Ao dependerem constantemente da prática religiosa para sacralizar e trazer significação ao templo, estes templos não carregariam sentido simbólico.

O não-lugar, segundo Augé (1994), seria o oposto do lugar que é praticado cotidianamente e possui sentido identitário, relacional e histórico. Para o autor, o homem contemporâneo sente-se à vontade nestes não-lugares exatamente pela falta do caráter relacional e de carga simbólica destes espaços, que proporcionam ao usuário a liberdade de criar uma significação própria para aquele ambiente de acordo com sua vontade individual. Assim como a religiosidade neopentecostal procura adequar-se às necessidades dos seus frequentadores, os templos neopentecostais também seriam espaços não-relacionais que possibilitam liberdade de relação dos indivíduos com tais espaços. No entanto, vale relembrar a asserção de Augé de que lugar e não-lugar coexistem: “o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente” (AUGÉ, 1994, p.73).

2.3 A Produção do Lugar no Templo Evangélico

Para os evangélicos – tradicionais, pentecostais e neopentecostais – o lugar de culto é santificado na presença da congregação, pelas celebrações religiosas. A atitude de respeito e reverência nestes espaços é percebida por alguns hábitos (ABUMANSSUR, 2001) e revela que, para os fiéis, aquele espaço deixou de ser comum, passando a ser diferenciado e significativo através do seu uso sacro. No caso neopentecostal, entretanto, a ideia foi radicalizada e o templo foi estritamente reduzido à funcionalidade, afastando a identificação com o espaço. Marcados por uma redução de estabilidade e solidez do lugar sagrado, influenciados pela época contemporânea, estas igrejas se caracterizam por fiéis com uma transitoriedade e fluidez marcantes (ABUMANSSUR, 2001), onde o tempo e as formas de relação com o espaço são reduzidos. Para Abumanssur,

A experiência estética, assim como a religiosa, tende a buscar nos suportes materiais tão somente a motivação para uma experiência centrada no observador, ou no crente, e não mais na obra de arte ou no espaço religioso. Herdeiro desse movimento o homem religioso contemporâneo (o pentecostal das grandes metrópoles, ao menos) não reconhece *a-priori* uma sacralidade nos espaços tradicionalmente vistos como tal. Ao mesmo tempo qualquer e nenhum lugar pode ser sagrado, ficando essa atribuição dependente da única coisa de fato sagrada, a saber, o indivíduo e sua experiência (ABUMANSSUR, 2001, p.190, grifo do autor).

Augé (1994) afirma que a compreensão em relação ao mundo atual, que vêm se modificando com uma velocidade cada vez maior, também deve ser diferenciada em relação ao tempo e espaço. A “supermodernidade”, com seus excessos de informação, aceleração do tempo e encurtamento de distâncias requer uma compreensão diferenciada, pois as mudanças também geram modificações nos espaços e no surgimento dos lugares e não-lugares (AUGÉ, 1994).

Castello (2007) acredita que, num mundo onde tudo é relativo, até mesmo a noção de lugar deve ser repensada. Ele afirma que, do mesmo modo que o mundo contemporâneo está mudando alterando também nossa forma de compreendê-lo, a compreensão dos lugares também está sendo alterada. Para o autor, lugares que inicialmente concebiam-se como espaços indefinidos, têm tido uma apropriação por parte dos usuários que pode transformá-los em lugares. Afinal de contas, se são os usuários do espaço que, ao apropriarem-se de um espaço, o transformam em lugar, são eles mesmos “que decidem se lá viveram uma

experiência boa, se esse viver lhes incorporou qualidade, significado, valor, sentido, o que seja, a suas vidas” (CASTELLO, 2007, p.296).

Tal como a realidade, que é alterada na percepção de Augé, para Castello (2007) as ideias sobre o lugar também se modificam conforme a época. Deste modo, o que era considerado enfaticamente como não-lugar há alguns anos, pode ser considerado lugar de sociabilidade atualmente ao estimular o habitar proclamado por Heidegger, com uma identidade tomando forma. Atualmente, os valores que cercam os lugares podem envolver questões sócio-psicológicas, gerencial-mercadológicas ou arquitetônico-urbanística, mas o que interessa para a concepção de lugar é seu caráter existencial, de um espaço validado por seus usuários (CASTELLO, 2007).

Para Lineu Castello, o surgimento de um lugar não é determinado pelo tempo de um espaço, pois “ao frequentar um lugar, as pessoas querem se engajar numa experiência emocional. E para isto, tanto faz se o lugar foi criado há dezenas de anos ou se foi criado ontem” (CASTELLO, 2007, p.301). Tal assertiva pode ser aplicada a diversos templos neopentecostais, que surgem repentinamente e, do mesmo modo que aparecem, mudam de localização ou desaparecem em poucos meses ou anos. Apesar de considerados não-lugares por Abumanssur (2001) a partir da noção de que não proporcionam relação entre os fieis e com o espaço, para Castello eles podem ser considerados lugares a depender da importância que adquirem para os seus usuários. Em tais espaços, que se utilizam da experiência com o sagrado para conferir uma percepção estimulada, a relação com o espaço pode ser momentânea, induzindo uma significância pautada na experiência religiosa. Como são as próprias pessoas que fazem os lugares, ao frequentarem os espaços e deles se apropriarem, os lugares que elas criam são reais e percebidos como lugares, as atraem e convidam a experiências existenciais (CASTELLO, 2007).

Castello (2007) também enxerga pontos positivos nos não-lugares, apesar do pessimismo que os cerca. Para o autor, ao perderem o caráter relacional e identitário que cerca os lugares, os não-lugares proporcionam um escape ao homem, através de um ambiente livre de xenofobias e preconceitos exclusivistas que, por vezes, podem ser gerados em lugares por seu caráter identitário para determinado grupo (CASTELLO, 2007).

No entanto, o habitar determinado por Heidegger pressupõe estar em paz, sentir-se protegido em local seguro. Em ambientes fluidos e instáveis, como muitas igrejas neopentecostais, tal estabilidade poderia dizer-se comprometida. Para driblar essa dificuldade,

Leach (*apud* CASTELLO, 2007) cunhou um termo que assimila o movimento contemporâneo ao lugar estável. Chamado de enraizamento por Castello, o conceito permite certa flexibilidade ao lugar. Nesse sentido, comunidades avulsas poderiam apropriar-se de territórios diversificados através de suas performances – sejam elas ações, comportamentos, rituais, ou atos diversos – apegando-se provisoriamente a um lugar. Assim, tais lugares seriam entendidos como

Um discurso mais transitório e fluído das territorializações e desterritorializações nômades, que provêem um conjunto complexo e sempre adaptável de ‘belongings’ [ou enraizamentos] espaciais, ao mesmo tempo em que conservam conexões correntes com outros territórios (LEACH, 2002, *apud* CASTELLO, 2007, pg.129)

O lugar se manifesta de diferentes formas, podendo ocorrer inclusive através de um sentimento que sacralize o espaço na mente do fiel. Deste modo, até mesmo os templos neopentecostais podem se transformar em lugares a partir do ponto de vista de Castello (2007). Enquanto alguns templos se constituem em lugares pelo convívio dos usuários com o espaço, podem também se apresentar como lugares de *hierofanias* onde o fiel liga-se com o divino através de um sentimento transcendental e podem ainda efetivar-se como lugares no momento das celebrações religiosas, situando-se enquanto lugares sagrados.

Para Castello, os lugares possuem qualidades diferenciadas que estimulam as atividades humanas, podendo ser elementos ou configurações espaciais que contribuem para a percepção destes ambientes. Para o autor, esses estímulos para a percepção podem ocorrer naturalmente nos ambientes, sendo percebidos pelos usuários com o uso do espaço, ou podem ser criados intencionalmente, auxiliando e determinando as relações do indivíduo com o ambiente. Eles podem ser de natureza diversificada: desde uma narrativa, da fama de um determinado ambiente, de associação à sua história, por questões políticas ou por tradição, devido a emoções, fantasias ou ilusões, ou ainda à sensação de satisfação que proporcionam. Assim, para o autor o lugar “se torna percebido pela população por motivar experiências humanas a partir da apreensão de estímulos ambientais” (CASTELLO, 2007, p.13).

Tais estímulos compreendem marcas e formas que, na mente do observador fortalecem “uma associação a uma imagem, fazendo com que essa imagem fique plasmada, com vigor, em sua mente” (CASTELLO, 2007, p.232). Os estímulos geram diferentes comportamentos dos usuários do espaço, podendo levar a atitudes de calma e contemplação, ou mesmo agitação e euforia. Para o autor, através da abordagem fenomenológica é possível identificar e

compreender estes estímulos, que incentivam as experiências humanas e proporcionam o habitar definido por Heidegger (CASTELLO, 2007). Castello afirma que tais estímulos contribuem para fazer surgir o lugar, diferenciando-o do entorno, e não se restringem ao ambiente visível, mas se voltam para diversos sentidos. A compreensão destes estímulos pode levar a um melhor entendimento do processo que leva os indivíduos a adotarem comportamentos específicos em determinados espaços (CASTELLO, 2007).

Deste modo, estímulos induzidos como elementos e configurações espaciais podem gerar sensações ou comportamentos específicos, tornando aquele espaço um lugar para o fiel. Uma igreja cristã, por exemplo, possui elementos e configurações espaciais características, que remetem a um espaço religioso. O uso do crucifixo, por exemplo, remete claramente ao cristianismo, assim como as imagens de santos. Do mesmo modo, a organização espacial dos templos evangélicos, que não sofre grandes alterações em função de diferenças denominacionais, leva o fiel a uma clara percepção de que ele se encontra em um espaço destinado à celebração litúrgica, levando-o a uma atitude diferenciada de devoção e adoração, onde ele possui contato com o sagrado. A organização espacial protestante, a valorização espacial do púlpito, a limpidez das paredes e a importância do discurso, além da liturgia, constituem-se fatores que auxiliam na criação de uma atmosfera que sacraliza o lugar na mente do fiel, tornando-o diferenciado em relação a outros espaços. Iconografias, vitrais, iluminação e forma do espaço também são fatores que podem auxiliar nesse processo de indução de estímulos. Deste modo, até mesmo um espaço com pouco tempo de uso, ou pouca vinculação a determinado grupo pode vir a se tornar um lugar, ainda que artificialmente.

Semelhantemente aos escritos de Lineu Castello sobre os estímulos do espaço, Norberg-Schulz acredita que elementos orientadores do espaço servem para tornar esse espaço visível. Elementos e organizações espaciais, em arquitetura, podem servir como símbolos, induzindo significados.

Para os evangélicos, ainda que não existam regras determinantes para a existência ou disposição de elementos e configurações espaciais, percebe-se que existem convenções espaciais e de elementos que se tornaram símbolos com o seu uso através do tempo, ainda que possuam caráter extremamente utilitário. Assim, elas contribuem para orientar o fiel e fazê-lo perceber a importância daquele espaço. Como afirma Norberg-Schulz (1976), a obra arquitetônica não representa nada, mas apresenta algo. Do mesmo modo, o espaço evangélico e os elementos nele contidos contribuem para apresentar o sagrado ao fiel, constituindo símbolos.

Tal realidade pode ser conferida em diversos templos neopentecostais, que se utilizam do momento da experiência sagrada para conferir uma percepção estimulada induzindo uma significância do espaço enquanto *locus* da experiência religiosa. Ao facilitar as expressões do sagrado, o espaço pentecostal incentiva a experiência emocional dos fiéis. Com reuniões extremamente participativas, a congregação participa das celebrações bradando ‘*Aleluias*’ e ‘*Glórias a Deus*’ além de palavras proféticas e da descida do Espírito Santo (MAFRA, 2007). Tais cultos fervorosos e espontâneos das denominações pentecostais são manifestações do sagrado – *hierofania*.

A música, extremamente valorizada pelos evangélicos, também contribui para a participação dos fiéis nas celebrações, dando-lhes oportunidade de se expressarem. Paola Jacques (2007) fala da música como temporal e labiríntica, sendo o estado característico do *flaneur*, daquele que vaga, deriva e faz surgir a paisagem, temporalizando o espaço. Tais experiências transcendentais são visíveis, sobretudo, em igrejas pentecostais, permitindo que o indivíduo se expresse livremente no entoar das canções, nas mãos erguidas e nos olhos fechados, frequentemente vistos durante a execução das músicas. Surge assim, o lugar através da sacralidade momentânea dada ao espaço através das celebrações.

2.4 Considerando a Importância do Templo Evangélico

Os templos evangélicos podem estimular a produção do lugar através da configuração espacial interna, refletindo a racionalidade dos templos protestantes reformados. No caso das denominações evangélicas tradicionais e em algumas pentecostais, conforme visto, a interação constante dos fiéis com o ambiente, resultando em apropriação efetiva do espaço, contribui para transformar o templo em lugar significativo não apenas através das celebrações litúrgicas, mas também pela sociabilidade gerada entre os membros daquela igreja. Nestes casos, o templo surge como espaço estável frente ao mundo caótico.

A própria celebração religiosa também pode estimular o fiel a manifestar-se livremente e sentir-se em um espaço diferenciado. Em diversos templos evangélicos, essas manifestações individuais contribuem para a *hierofania* definida por Eliade (1992), uma revelação do sagrado através da manifestação individual do usuário no espaço, sacralizando o

templo durante o momento das celebrações. Tal realidade é visível, sobretudo nos grupos pentecostais e neopentecostais, mas não está ausente nas denominações tradicionais.

Os templos religiosos também podem se utilizar de diversos símbolos, induzindo a percepção dos fiéis para dar conotação sagrada ao espaço, produzindo o lugar. Seja na forma da edificação, no uso de elementos ou em configurações espaciais internas, espaços com formação recente podem se tornar lugares na percepção dos fiéis por fazerem visível, ao usuário, aspectos de um espaço destinado à manifestação do sagrado. É assim que muitas igrejas neopentecostais se utilizam da configuração espacial tradicionalmente conhecida pelos evangélicos – de liturgia, música e de apelo emocional – para trazerem à tona a compreensão da sacralidade daquele espaço, tornando-o diferenciado para o usuário.

Juhani Pallasmaa (1986), concordando com diversos autores tratados neste capítulo, aponta para a importância da arquitetura para apresentar ou transmitir algo. Para ele, o que importa não são as formas, mas o que elas transmitem. A fenomenologia, deste modo, busca justamente compreender estes sentimentos básicos, que constituem a essência do fenômeno. Para Pallasmaa (1986), o método fenomenológico, em arquitetura, consiste em contemplar a arquitetura a partir da consciência de sua vivência, buscando a linguagem interna da construção, e não suas formas, proporções ou estilo.

Como já visto, o espaço interno dos templos evangélicos possui um valor, principalmente associado ao seu uso. Deste modo, estando o valor do templo evangélico na apropriação do espaço, para melhor compreender essa importância e como tais usuários percebem estes espaços religiosos, o método fenomenológico se mostra adequado. Nesse sentido, a fenomenologia tem apresentado uma importante contribuição ao refletir sobre a forma como o homem percebe os ambientes, identificando os estímulos que proporcionam aos usuários do espaço condições para o *habitar* definido por Heidegger.

CAPÍTULO 3

O USÁRIO E OS TEMPLOS EVANGÉLICOS

Conforme visto anteriormente, o espaço da arquitetura deve proporcionar condições para a apropriação do espaço por seus usuários, o habitar. De igual modo, compreende-se que os templos evangélicos adquirem valor também quando são apropriados pelos fiéis que deles se utilizam, dando significado àqueles espaços através do uso. Se o espaço religioso utilizado pelos evangélicos torna-se significativo pelo uso, quem pode confirmar tal fenômeno são os usuários destes espaços.

Neste sentido, este capítulo procura compreender a importância dos templos evangélicos para os seus usuários, buscando entender de que forma eles são apropriados e qual o valor que possuem para os fiéis. Para tanto, os próprios usuários externarão qual a relação que possuem com os templos que costumam frequentar por meio de respostas dadas a um questionário aplicado em alguns templos evangélicos existentes na cidade de Maceió. Estes servirão para subsidiar uma análise mais detalhada da relação entre os fiéis e os templos, revelando aspectos particularmente importantes para algum destes templos, características em comum e aspectos que contribuem para tornar estes espaços lugares significativos para os seus usuários.

O Método Fenomenológico, que auxilia na compreensão desta relação entre os fiéis e os templos, pode servir a esta pesquisa no intuito de entender a relação existente entre o espaço dos templos evangélicos e as pessoas que os frequentam, e como o lugar afeta as mesmas, tornando-se diferenciado de outros espaços. Juhani Pallasmaa (1986) demonstrou um modo pelo qual é possível compreender estes espaços através da fenomenologia, buscando compreender uma linguagem interna da construção. Essa linguagem, para Pallasmaa (1986), independe das formas físicas que o espaço apresenta, mas fundamenta-se na força emocional que elas carregam.

3.1 A Linguagem Interna dos Templos Evangélicos

Para Pallasmaa (1986), a arquitetura adquire significado ao ser capaz de simbolizar a presença humana, independente do seu jogo de formas e seu aspecto estético. Suas formas, no entanto, podem comunicar algo através de associações, ligadas à memória, à imaginação e ao inconsciente. Para o autor, não se deve valorar a arquitetura apenas como composição formal, deixando de lado a importância de experimentação da arquitetura.

Algumas construções antigas, mesmo que não sejam consideradas as mais belas ou aprazíveis, conseguem proporcionar significados mais profundos em alguns indivíduos do que certas construções novas e arrojadas. Segundo Pallasmaa (1986), isso se justifica porque as interpretações mais ricas resultam das formas mais simples e comuns, permitindo um maior número de interpretações. Talvez isso se deva à maior facilidade de associação destas formas a outras edificações, guardadas na memória dos indivíduos por experiências anteriores. No entanto, essas formas simples (como colunas, arcos e torres) ao serem reutilizadas, nem sempre conseguem carregar a força emocional necessária e podem se tornar simples colagens superficiais.

Alguns templos neopentecostais, como aqueles construídos pela Igreja Universal do Reino de Deus, utilizam estes elementos – colunas e frontões – mas fica a dúvida se realmente conseguem transmitir sua força aos usuários do espaço de forma autêntica, ou são meras reproduções, sem consistência, tentando construir uma relação histórica através de formas arquetípicas. De igual modo, porventura os pequenos templos da Assembléia de Deus, com configurações semelhantes entre si – fachadas e cores que se repetem em vários exemplares – carregam a força da identidade de sua denominação ou tornaram-se, igualmente, meras repetições formais?

A abordagem fenomenológica volta-se também para contemplar o fenômeno a partir de quem o vivencia. Para Pallasmaa (1986), um importante instrumento para avaliar a influência da arquitetura nas pessoas está ligado ao modo como ela é representada em outros campos da arte, como na poesia e na pintura. Pois “a apresentação da arquitetura por outras artes é a ‘pura observação’ da criança que experimenta as coisas” (PALLASMAA, 1986, p. 486), livre de regras e métodos. No caso do meio evangélico, a poesia em forma de música é valorizada, sendo executada em boa parte das celebrações religiosas. A música pode revelar

também muito sobre o que pensam os evangélicos em relação aos seus templos, podendo servir como material rico para análises futuras.

Pallasmaa (1986) acredita que diversos sentimentos básicos associados a experiências podem contribuir para tornar as edificações significativas, e não apenas um jogo de formas ou cenários. O autor lista algumas das experiências associadas à arquitetura, como: a casa como signo da cultura, projeção do homem e ponto de referência na paisagem; ou ainda entrar na casa e cruzar a fronteira entre exterior e interior. Dentre essas experiências que Pallasmaa considera fundamentais está a sensação de ter um teto sobre a cabeça e estar abrigado.

Outra experiência relatada por Pallasmaa (1986) seria entrar na esfera de influência de um prédio, ou pisar em seu território. Tal assertiva se relaciona também com o cruzar a fronteira ao entrar na edificação, transpondo o limite que separa o mundo exterior e profano do espaço sagrado que compreende um templo. Isto remete ao templo como lugar sagrado, diferenciado de seu entorno, onde o fiel pode encontrar-se com a divindade. A presença de uma edificação religiosa em determinada região pode também ser percebida pelos transeuntes, que podem apreendê-la como espaço diferenciado, mesmo sem frequentá-la.

A sensação de familiaridade é citada por Pallasmaa (1986) quando fala sobre o chegar em casa para uma finalidade específica, compreendendo expectativa e satisfação, e que pode ocorrer com os fiéis ao encontrarem-se no templo para as celebrações. Do mesmo modo, a experiência de reconhecer uma habitação ou instituição na forma de uma casa pode ser aplicada aos templos evangélicos. Neste caso, o reconhecimento de formas, objetos ou configurações espaciais pode contribuir para tornar aquele espaço significativo na medida em que remete a outros espaços semelhantes e a experiências guardadas na memória do indivíduo.

Outra das experiências relatadas por Pallasmaa (1986) se refere a estar num aposento e à sensação de segurança, intimidade e isolamento que este espaço pode proporcionar. Construções religiosas parecem naturalmente proporcionar sensações semelhantes a estas, seja por sua configuração (como nos templos românicos, associados a fortalezas divinas) ou mesmo pela atitude de reverência que o fiel adquire ao adentrar nestes espaços. Os protestantes, desde o século XVI, consideravam que a experiência espiritual do fiel é única e ele pode ligar-se a Deus sem intermediários humanos. Tal peculiaridade pode favorecer, em parte, a atitude individual do fiel ao sentar nos bancos da igreja para participar das celebrações (não excluindo a interação comunitária), proporcionando-lhe experiências como

as relatadas por Pallasmaa, de intimidade e isolamento no espaço. Neste sentido, se a experiência arquitetônica é individual (PALLASMAA, 1986), deve-se lembrar de que a religiosa também o é.

Sentir-se em um lugar único talvez seja a experiência mais importante na arquitetura. Pallasmaa (1986) considera que esta experiência dá a impressão de que aquele determinado espaço destina-se a seres superiores. E essa sensação compreende a impressão de algo sagrado, superior – e os templos religiosos tendem para este ponto: espaços destinados a experiências com o divino.

Pallasmaa acredita que a arquitetura deve despertar a imaginação e uma boa arquitetura não deve ser projetada para atender às necessidades de homens reais, mas de homens idealizados. Seguindo este raciocínio, o templo, considerado “casa de Deus”, deveria ser projetado para a própria divindade. Na prática, muitas igrejas procuram trazer o melhor para seus templos (apresentado qualidade em objetos, estrutura, acabamento e outros aspectos, de acordo com as possibilidades de cada grupo), acreditando que devem fazer o melhor para Deus.

As experiências marcantes com a arquitetura extrapolam o campo visual, afetando os demais sentidos, além de tocar na mente do usuário do espaço (PALLASMAA, 1986). Assim, algumas sensações podem se relacionar a espaços com características semelhantes. Desta forma, igrejas, de um modo geral, deveriam proporcionar sensações análogas? Talvez a configuração diferenciada de alguns destes espaços ou mesmo o tipo de celebração influencie nas sensações que estes espaços causam em seus usuários.

A arquitetura deve proporcionar condições para a experiência do homem, ou para o habitar humano. Pallasmaa (1986) acredita que quando a arquitetura se preocupa demais com a funcionalidade e aspectos técnicos ela perde a capacidade de proporcionar experiências significativas. Os templos evangélicos, como tratados no primeiro capítulo, primavam desde cedo pela funcionalidade de seus espaços, mas essa sublimação racional chegaria a romper com a possibilidade de criação de espaços significativos aos seus usuários? Os templos evangélicos proporcionam condições para experiências, como as apontadas por Pallasmaa (1986)?

A fenomenologia apresenta ferramentas úteis para compreender essas experiências ao observar a ocorrência dos fenômenos, refletindo sobre o modo de o homem perceber os ambientes e identificando estímulos a sensações que estes espaços geram nos seus usuários.

No entanto, apenas relatar estes espaços parece não ser suficiente para apresentar a realidade que os fiéis experimentam nestes templos. Para isso, faz-se necessário conhecer os templos a partir da ótica de seus usuários, o que será feito com o auxílio de questionários dirigidos a fiéis que frequentam alguns templos evangélicos.

3.2 Questionando o Usuário Sobre o Espaço

Através de questionários aplicados a alguns frequentadores de templos evangélicos, pretendeu-se compreender o valor do espaço que compreende o templo para seus usuários. Assim, criou-se a possibilidade de identificar como estes espaços tornam-se diferenciados, além de ser possível apreender algumas das experiências que ocorrem na relação entre estes templos e seus usuários. Os questionários buscam apontar aspectos importantes naqueles templos para seus fiéis, como os frequentadores se relacionam com o espaço e como se dá a construção do lugar nestes templos. Os questionários apresentam questões que extrapolam o que pode ser tratado nesta dissertação, mas que podem servir para estudos posteriores.

Além dos questionários aplicados aos fiéis de templos evangélicos situados na cidade de Maceió, Estado de Alagoas, a observação das celebrações e demais atividades desenvolvidas nestes espaços também serve como auxílio e para melhor compreender as relações existentes entre os usuários e o templo. Para tanto, houve a participação em algumas das reuniões em cada templo, além de aplicar os questionários, dentro do possível, no templo ou em suas proximidades. A participação nas reuniões serviu para observar como se dá o uso do espaço durante a realização das atividades, o que facilita a compreensão das respostas dadas pelos entrevistados. Os questionários foram aplicados mediante abordagem da pesquisadora a alguns frequentadores do espaço. As perguntas foram feitas verbalmente e a própria pesquisadora preencheu os dados nos questionários.

O questionário desenvolveu-se a partir da relação dos usuários com o espaço, sua percepção sobre aspectos espaciais e seu entendimento sobre o que é um templo. Procurou-se também verificar elementos físicos importantes para os usuários, ou mesmo se estes espaços atendem às atividades ali desenvolvidas de forma satisfatória. Além disso, ao abarcar igrejas de diferentes denominações, a pesquisa também verifica se existem diferenças entre os grupos

quanto aos aspectos abordados. Desse modo, espera-se identificar características que possam levar os usuários das igrejas pesquisadas a possuir maior ou menor relação com o espaço físico, além de identificar diferentes modos de interação entre o usuário e o espaço.

Tendo como foco o espaço físico, através destes questionários não se pretende compreender a experiência do fiel com Deus, visto que é individual e avança para áreas além do viés arquitetônico. De igual modo, o questionário não aborda aspectos doutrinários das diferentes igrejas, o que extrapolaria os objetivos desta pesquisa.

Espera-se, com os questionários, reconhecer características físicas relevantes para os usuários. Tal identificação pode servir para que futuros templos tenham preocupações com a relação do espaço com seus usuários, utilizando-se de características que facilitem essa relação entre usuário e espaço, criando condições para a construção de lugares significativos para os fiéis.

Inicialmente, esta etapa da pesquisa pretendia abranger as três vertentes evangélicas (tradicionalistas, pentecostais e neopentecostais), como realizado até o segundo capítulo. No entanto, após algumas análises iniciais percebeu-se que os neopentecostais apresentam características muito específicas, diferenciando-se dos tradicionais e pentecostais em diversos aspectos. Os neopentecostais apresentam diferenciadas formas de apropriação do espaço, o que torna necessário uma análise diferenciada e específica, a ser desenvolvida em estudos posteriores. Além disso, existe certa relutância na concessão de informações e na abordagem de fiéis nestes templos, que se mostram um tanto quanto arredios.

Portanto, visando diminuir o universo a uma amostragem cabível de análise para a presente pesquisa, minimizando as possibilidades de incorrer em erros por possíveis comparações equivocadas, optou-se por não aplicar os questionários a frequentadores de templos neopentecostais. A amostragem, deste modo, contempla apenas exemplares de igrejas pentecostais e tradicionais, com maiores possibilidades de cruzamento de dados, visto que tais grupos se apresentam com diversas características semelhantes quanto à apropriação do espaço e seu uso, como visto no segundo capítulo.

3.2.1 Elaboração do Questionário

Antes da aplicação do questionário definitivo, foi elaborado um Questionário Piloto que serviu para ajustar e definir a eficácia das questões, confirmando se elas respondem satisfatoriamente aos questionamentos propostos. A elaboração deste questionário seguiu

algumas questões práticas sobre a relação dos usuários com o espaço a partir das atividades que estes desenvolvem nos templos. Foi de grande auxílio nesta etapa a dissertação de Elza Lira (2009), que abordou a significação da moradia e utilizou-se de entrevistas em seu instrumental metodológico.

Lira (2009) apoiou-se na Teoria das Classificações Múltiplas para a elaboração de seu questionário. Essa teoria procura explorar o conteúdo dos fenômenos de modo específico e singular, permitindo comparar sistemas conceituais de diferentes grupos. Através do procedimento é possível assimilar a opinião do usuário através de qualidades percebidas, ideias e pensamentos. Apesar de a presente pesquisa não pautar-se fielmente na Teoria das Classificações Múltiplas, parte dos procedimentos metodológicos pôde ser aproveitada para a elaboração do questionário aqui realizado, tendo como base o trabalho utilizado por Lira (2009).

A elaboração de algumas das questões presentes no questionário foi pautada nas considerações colocadas por Pallasmaa (1986) nas páginas anteriores. As questões que envolvem sentimentos e sensações associam-se, de modo mais direto, à fenomenologia, pois, se a fenomenologia apresenta-se como forma de perceber e identificar estímulos, identificar a existência destas sensações no espaço pode ser um modo de compreender a ocorrência destes fenômenos no espaço evangélico. Deste modo, buscou-se verificar se os templos evangélicos proporcionam condições para a ocorrência das experiências listadas por Pallasmaa, ou outras, verificando se estes espaços possuem valor para seus usuários.

O Questionário Piloto (Apêndice 01) foi dividido em cinco partes, abordando aspectos diversos. A parte “A” do Questionário Piloto solicita informações pessoais do entrevistado, com vistas à identificação dos usuários. Dentre as questões elaboradas, perguntou-se sobre a renda dos sujeitos, já que pessoas de diferentes níveis de renda podem possuir diferentes modos de percepção do espaço, o que pode ser justificado pelo ambiente que costumam frequentar, por um maior acesso a informações e cultura, dentre outros aspectos. Quanto ao bairro de moradia, se um percentual maior de sujeitos que frequentam determinado templo mora perto do mesmo, tal fator pode indicar uma maior relevância daquela igreja para a comunidade à sua volta do que outra igreja em que boa parte de seus fiéis tenha moradia em bairros mais afastados do templo.

A parte “B” identifica a relação do usuário com a instituição religiosa, referindo-se às formas de participação do fiel na instituição. A participação mais ativa do usuário nas

atividades da igreja pode indicar um nível maior de comprometimento com a instituição. De modo semelhante, um tempo maior de frequência ao espaço pode ajudar a compreender se este tempo de uso influencia a percepção deste espaço como importante.

A parte “C” voltou-se à identificação das atividades que o usuário considera mais importantes ao estar no templo e quais ele possui maior prazer em participar. Ademais, questiona-se se o espaço responde de forma satisfatória a estas atividades e qual a sensação que estas atividades proporcionam aos fiéis. Com estas questões buscou-se verificar se existe alguma preocupação dos fiéis com a funcionalidade do espaço. Procurou-se verificar se é verdadeira a assertiva colocada no segundo capítulo de que as atividades auxiliam a tornar o espaço importante. Também foi possível questionar se o momento da mensagem ainda é tido como o mais importante durante as celebrações (dada a herança protestante).

Na parte “D” foram elaboradas questões direcionadas ao espaço físico do templo, buscando compreender se existem partes ou elementos físicos de maior relevância para o fiel. Para a elaboração destas questões utilizou-se, de modo mais direto, as colocações de Pallasmaa (1986) sobre algumas sensações que um espaço tido como significativo podem causar em seus usuários. Pallasmaa (1986) falou sobre a expectativa de chegar a algum lugar para uma finalidade específica. Se o espaço atende bem às atividades propostas, ele torna-se satisfatório e atende às expectativas do usuário para determinada finalidade.

Ao questionar a sensação que o fiel possui quando se encontra no templo, tornou-se possível associar estas sensações a várias experiências citadas por Pallasmaa (1986), como será visto adiante. Assim, tornou-se possível verificar se, como apontou Mafra (2003), os templos realmente possuem uma conotação de abrigo e segurança ou despertam outras sensações.

Quando questionados sobre algo que gostem, ou não, no templo, buscou-se identificar elementos e configurações que podem ser facilitadores no processo de identificação do valor no espaço, auxiliando no processo de percepção deste espaço como diferenciado para o fiel. Comparando-se tais questões nos diferentes templos pesquisados, torna-se possível verificar se há marcos que se tornaram comuns no meio evangélico.

Ao perguntar-se sobre a aparência da fachada do templo, buscou-se identificar, de modo semelhante à questão anterior, elementos facilitadores para a percepção dos espaços no exterior dos mesmos. Com esta questão também torna-se possível verificar as fronteiras do espaço (PALLASMAA, 1986), ou onde este espaço começa a adquirir valor: será somente no

interior do templo, ou a sensação de estar em um lugar significativo já se inicia na rua, ou na calçada?

Quanto à localização da igreja, tornou-se relevante inserir esta questão no trabalho para verificar quais aspectos são importantes para os fiéis no que tange à localização dos templos. Com tantas formas de inserção dos templos no meio urbano, quais fatores são considerados importantes por aqueles que frequentam estes edifícios?

A parte “E” do Questionário permitiu ao entrevistado revelar sua compreensão sobre o templo, verificando qual o entendimento do fiel quanto àquele espaço. A noção de templo, para os evangélicos abrange o caráter funcional dos mesmos, aponta para alguma sensação que possa ser obtida naquele espaço, ou consolida-se como a tradicional casa de Deus?

Questionou-se, ainda, sobre a existência de algum templo muito belo em Maceió. Pallasmaa (1986) afirmou que formas comuns podem permitir mais associações e interpretações. Mas estas formas são percebidas pelos usuários do espaço, ou são outros fatores que chamam a atenção dos sujeitos na fachada de seus templos? Esta questão pode, ainda, revelar o que o usuário do espaço considera belo em um templo, se esta beleza associa-se à aparência, conforto ou organização.

O número de entrevistas, para uma pesquisa que utiliza a fenomenologia, não é pré-determinado, podendo variar entre uma e centenas, a depender da quantidade de variáveis analisadas (CARVALHO & VERGARA, 2002). No caso da presente pesquisa, buscou-se aplicar o Questionário Piloto com 27 pessoas, avaliando a eficácia das questões para a pesquisa e sua compreensão. O Questionário Piloto foi aplicado em duas igrejas evangélicas de Maceió. As igrejas utilizadas foram a Primeira Igreja Evangélica Batista de Maceió, pertencente a uma denominação tradicional, e a Igreja Assembléia de Deus do bairro Ponta Grossa, de vertente pentecostal. A escolha dos entrevistados foi aleatória, aproveitando-se dos usuários presentes no templo e disponíveis no momento da aplicação dos questionários.

O templo da Primeira Igreja Evangélica Batista de Maceió foi escolhido para a pesquisa piloto porque a pesquisadora possui maior facilidade de acesso e confiabilidade por parte dos usuários deste espaço, facilitando uma abordagem inicial ainda com ajustes a serem feitos nas questões a serem aplicadas. A Assembléia de Deus do bairro Ponta Grossa foi selecionada, de modo semelhante à anterior, por conseguir-se facilidade de acesso e abordagem aos usuários, além de ser de vertente pentecostal, diferentemente da outra igreja selecionada.

Através da aplicação do Questionário Piloto¹⁴, foi possível identificar aspectos relevantes para a pesquisa, além de ampliar as possibilidades de abordagem a partir das respostas obtidas. Alguns aspectos mostraram a necessidade de alterações, visando obter subsídios para uma melhor compreensão da relação entre os usuários do templo e o espaço. As maiores alterações foram realizadas nas partes C, D e E do questionário, alterando as opções de resposta ou mesmo com a supressão de questões que obtiveram respostas semelhantes, buscando facilitar a compreensão dos entrevistados. Visando reduzir as possibilidades de cruzamento de dados provenientes das respostas, algumas perguntas foram retiradas do questionário, facilitando as análises posteriores.

Após os ajustes feitos a partir do Questionário Piloto, foi possível chegar à forma definitiva do Questionário (Apêndice 03) a ser aplicado nas igrejas selecionadas. O conteúdo proveniente das respostas poderá gerar um material rico, que também poderá contribuir para outros estudos sobre o tema. O Questionário definitivo foi aplicado em quatro exemplares de igrejas evangélicas existentes na cidade de Maceió, com 10 questionários aplicados em cada igreja, somando, assim, 40 questionários com frequentadores destes templos. O modo de aplicação dos questionários foi semelhante ao utilizado para o Questionário Piloto.

3.3 A Escolha das Igrejas

A escolha das igrejas para a aplicação dos questionários procurou levar em consideração a variedade de exemplares arquitetônicos existentes na cidade de Maceió, conforme visto no primeiro capítulo. Deste modo, foram escolhidas quatro igrejas com características arquitetônicas diferentes. Com a aplicação destes questionários em templos diferentes fisicamente, procurou-se verificar se estas diferenças arquitetônicas são relevantes na apropriação do espaço feita por estes grupos evangélicos.

Foi visto que as igrejas evangélicas podem apresentar-se sob várias formas. De um modo geral, suas edificações podem ser construídas especificamente com a finalidade religiosa, ou podem utilizar edificações já existentes construídas para outros fins, como no caso de galpões e antigos cinemas. Independentemente do tempo ou modo de construção dos

¹⁴ Resultados numéricos da aplicação do Questionário Piloto apresentados no Apêndice 02.

templos, edifícios que tenham sido construídos exclusivamente com função religiosa possuem, de uma ou outra forma, maiores chances de adequação da forma à função, com espaços específicos para as diferentes atividades religiosas existentes na referida igreja. Os templos adaptados em edificações já existentes podem sofrer com inadequação funcional ou falta de espaços específicos para determinadas atividades. Tais diferenças entre templos construídos e adaptados podem afetar a percepção e satisfação do usuário em relação ao espaço de culto.

Outro aspecto levado em consideração foi quanto ao uso de símbolos comuns à arquitetura religiosa, como torres, arcos ogivais, sinos, crucifixos, vitrais e outros. Tais elementos possuem caráter simbólico, e sua presença em uma edificação religiosa pode influenciar a percepção do usuário, facilitando a relação do espaço com o sagrado na mente do fiel (PALLASMAA), auxiliando-o a perceber-se em um lugar diferenciado. Assim, edificações que apresentam mais ou menos elementos simbólicos visíveis podem também ter uma percepção diferenciada de seu espaço por parte de seus usuários.

Para as análises desta etapa da pesquisa, a relação entre o porte do templo e sua localização pode influenciar na percepção do usuário no espaço. A proeminência física da edificação em relação ao seu entorno pode facilitar a percepção daquele espaço não apenas por seus usuários, mas por outros indivíduos que transitam na região. Uma edificação destacada de seu entorno pode também atrair pessoas ao seu interior, pois uma edificação grandiosa destinada ao culto religioso, uma morada de Deus, pode atrair mais fiéis do que uma pequena igreja identificada apenas pela colocação de um letreiro.

Além dos aspectos arquitetônicos, buscou-se levar em consideração as diferenças denominacionais. Deste modo, foram escolhidos dois templos de igrejas de denominação tradicional e dois templos de igreja pentecostal. A diferença de classe social dos frequentadores é um fator que também pode influenciar nas respostas dos entrevistados, evidenciando diferentes modos de percepção do espaço influenciados pelo nível de renda e escolaridade, na linguagem a ser utilizada e em seus padrões de qualidade em um espaço. Tal aspecto, mesmo não sendo um determinante na escolha dos exemplares, foi levado em consideração, pois pode interferir nas respostas.

Quanto às diferenças físicas, procurou-se escolher templos construídos especificamente para este fim e ao menos um exemplar que utilize uma edificação adaptada. Procurou-se também selecionar templos com diferentes localizações e proeminência visual

em relação ao seu entorno, além de edificações com diversos símbolos visíveis e igrejas com poucos símbolos. Quanto à diferença de classe social dos usuários, a escolha de igrejas de diversas localidades procurou atender a essa diferenciação. Avaliando todos estes aspectos, sobretudo aqueles relacionados ao espaço físico, se chegou a uma amostragem de quatro templos, sendo duas igrejas de vertente tradicional e duas de vertente pentecostal.

Visando reduzir as diferenças denominacionais, optou-se por selecionar um mínimo de denominações, pautando-se em uma denominação tradicional (representada por duas igrejas) e outra pentecostal (também representada por duas igrejas). Deste modo, facilitam-se as análises e comparações, dispensando maiores esclarecimentos sobre divergências de liturgia, que não compreendem o foco desta pesquisa. Além disso, a facilidade de acesso foi também um fator importante nesta escolha. Deste modo, dentre as tradicionais, optou-se pela denominação Batista e, entre os pentecostais, selecionou-se a Assembléia de Deus. Ambas compreendem as denominações de maior relevância numérica nos ramos tradicional e pentecostal em Maceió (segundo o IBGE, CENSO 2000). Os exemplares escolhidos dentre as batistas foram a Igreja Batista Cinco de Maio, no bairro da Ponta Grossa, e a Igreja Batista do Farol, no bairro Farol. Dentre as Assembléias de Deus, foram selecionadas as igrejas existentes no bairro da Ponta Grossa e no Stella Maris.

Figura 55: Mapa de parte da cidade de Maceió, com a localização das igrejas para aplicação do questionário.



Fonte: modificação sobre original em GoogleMaps, 2012.

3.3.1 As igrejas e seus templos

- **IGREJA 1. BATISTA CINCO DE MAIO** (Figuras 56 e 57) – de vertente tradicional, esta igreja apresenta um templo de pequeno porte, de aparência historicista, com platibanda e adornos com aspecto neogótico, como nas esquadrias e frisos pontiagudos da fachada. Está localizada numa rua de tráfego moderado, mas a região não é muito visível para a cidade, apesar de ser de fácil acesso. Apresenta traços que indicam tentativas de modernização, com substituição das antigas esquadrias de madeira por vidro, visando futura instalação de ar condicionado. O templo passou por reformas recentes em sua lateral e parte posterior, onde foram construídas salas para atividades como escola bíblica, culto infantil, secretaria, gabinete do pastor, banheiros e etc. O espaço existente ao lado e aos fundos da igreja permitiu essas novas construções. No entanto, a igreja também ocupa uma residência vizinha, complementando o espaço necessário para a realização das várias atividades.

- **IGREJA 2. BATISTA DO FAROL** (Figuras 58 e 59) – esta igreja é muito visível na cidade, pois se situa numa avenida de grande fluxo, em uma região central de Maceió. Seu templo, construído em 1979, apresenta feições modernas. Mesmo tendo sido projetada extremamente modernista, posteriormente lhe foram acrescentados a torre e os arcos neogóticos na fachada, lhe dando um aspecto mais tradicional e um referencial estético religioso. Com capacidade para cerca de 600 pessoas, pode ser considerada de grande porte na cidade. Além do templo, a igreja conta com uma grande área com salas, estacionamento, quadra esportiva, salão de eventos e outras dependências, que excedem em área o santuário destinado às celebrações religiosas. A igreja possui cerca de 1100 membros (MONTEIRO, 2007). Mesmo com uma área grande, em 2006 foi adquirido um imóvel existente ao lado da igreja, ampliando e dando

Figura 56: Exterior da Igreja Batista Cinco de Maio.



Templo com aspecto mais tradicional e de pequeno porte. Fonte: acervo pessoal, 2011.

Figura 57: Interior da Igreja Batista Cinco de Maio.



Figura 58: Exterior da Igreja Batista do Farol.



Templo de aspecto moderno e grande porte. Fonte: acervo pessoal, 2011.

Figura 59: Interior da Igreja Batista do Farol.



Fonte: acervo pessoal, 2011.

mais flexibilidade às atividades da mesma, visto que abriga as funções administrativas da igreja, bem como uma quadra esportiva e mais vagas para estacionamento. Na fachada, o templo foi unido com esta nova edificação. Chama atenção também a ampla área verde existente na frente do templo, com gramado e vegetação, facilitando a visualização da fachada.

- **IGREJA 3. ASSEMBLÉIA DE DEUS DA PONTA GROSSA** (Figuras 60 e 61) – localizada em uma avenida conhecida na região (Avenida Formosa), de fácil visualização, a igreja é de pequeno porte, comportando entre 120 e 150 pessoas. A igreja foi fundada por volta da década de 1940, mudando-se para o atual endereço em 1942, onde existia apenas uma casa que foi remodelada. Seu templo é de aparência simples, seguindo o padrão comumente utilizado pelas igrejas Assembléia em Deus com os poucos adornos na fachada, estilizando uma platibanda escalonada e a cor esverdeada, característica comum a muitas outras igrejas Assembléia de Deus na cidade. Internamente, chama atenção a relação da altura do templo em contraste com sua pouca largura, além da existência de uma galeria superior (construída entre as décadas de 1970 e 1980), ampliando a capacidade do templo. Na parte posterior do mesmo existem algumas salas destinadas às crianças. Como a frequência da igreja é maior que a capacidade do templo, foi alugado um imóvel nas proximidades para a realização de algumas atividades durante a semana. Lateralmente, a igreja não possui recuos, sendo cercada por residências, o que impede que sejam colocadas aberturas nas laterais do santuário. Na frente do templo existe uma pequena área entre o interior do santuário e a calçada.

- **IGREJA 4. ASSEMBLÉIA DE DEUS DO STELLA MARIS** (Figura 62 e 63) – de formação mais recente que as anteriores, fundada em 2006, esta igreja funciona em um imóvel alugado,

Figura 60: exterior da Igreja Assembléia de Deus da Ponta Grossa.



Templo de construção simples e pequeno porte.
Fonte: acervo pessoal, 2011.

Figura 61: interior da Igreja Assembléia de Deus da Ponta Grossa.



Fonte: acervo pessoal, 2011.

Figura 62: exterior da Igreja Assembléia de Deus do Stella Maris.



Templo de pequeno porte e adaptado em uma edificação comercial. Fonte: acervo pessoal, 2011.

Figura 63: interior da Igreja Assembléia de Deus do Stella Maris.



Fonte: acervo pessoal, 2011.

situado em uma avenida de grande fluxo (Avenida Álvaro Calheiros), com um espaço rodeado por comércio. Sendo uma igreja adaptada a um imóvel já existente, sua configuração difere das anteriormente citadas, principalmente por sua aparência. Exteriormente, apenas o letreiro com o nome da igreja a identifica, visto que o restante da fachada poderia facilmente ser usado para outro fim, com esquadrias de vidro e alguma vegetação de pequeno porte. O templo possui capacidade para cerca de 230 pessoas, além de algumas poucas salas na parte posterior do mesmo. No entanto, uma futura reforma pretende ampliar a capacidade do templo para 400 lugares, visto que a frequência das reuniões geralmente excede a capacidade atual. Como o templo não possui recuos laterais, a igreja possui climatização artificial. Também existem poltronas acolchoadas que proporcionam maior conforto aos frequentadores.

3.4 Análise das Respostas dos Questionários

Com a aplicação dos questionários, pôde-se verificar uma grande diversidade de respostas que podem apontar para análises cabíveis a esta pesquisa. Tais respostas foram tabuladas e analisadas, buscando uma melhor compreensão de seus resultados¹⁵. Primeiramente as respostas obtidas foram analisadas separadamente, para cada igreja, buscando identificar características que se sobressaem em cada templo. Logo depois, foi feita uma análise comparativa entre as igrejas, procurando identificar diferenças de percepção a partir das diferenças físicas dos templos. Ao final, foi realizada uma análise geral, trazendo à tona as sensações citadas por Pallasmaa (1986), identificando como ocorre a relação entre os usuários e os templos evangélicos analisados e quais fenômenos puderam ser observados a partir das respostas obtidas.

A seguir, será feita uma breve explanação dos resultados mais expressivos de cada igreja, buscando-se obter uma visão geral de como os fiéis de cada igreja compreendem aquele espaço e quais as principais qualidades e carências físicas apontadas nas respostas.

¹⁵ As respostas completas obtidas com a aplicação dos questionários nas quatro igrejas estão inseridas nos Apêndices 04 a 07.

- IGREJA 1: Igreja Batista Cinco de Maio

A aplicação dos questionários nesta igreja revelou que os entrevistados compõem uma parcela de pessoas de classe média a baixa. São moradores, em sua maioria, pertencentes a bairros próximos à igreja (como Ponta Grossa, Trapiche e Centro). A maior parte está na igreja já há algum tempo, indo ao templo com frequência semanal e também participando de diversas atividades.

Dentre os entrevistados, 70% consideram que o templo atende bem às atividades realizadas na igreja, afirmando que o espaço é suficiente para a quantidade de pessoas que frequentam a igreja. Para os outros a igreja precisa ser ampliada, precisa de mais salas e bancos mais confortáveis (atualmente os bancos são de madeira).

Poucos entrevistados reconheceram algum aspecto físico relevante no espaço, ou do qual gostem muito para citá-lo. Dentre as respostas dadas está o batistério e o espaço por trás do santuário (composto de algumas salas, remodeladas há pouco tempo). Um dos entrevistados respondeu que o espaço do templo “é apenas um local onde se reúne para comunhão e adoração”, revelando a pouca importância que dá a aspectos físicos específicos do templo. Quanto a algo que não gostem ou que precise melhorar, foram citadas as salas para estudos bíblicos (conhecida como Escola Bíblica), o teto do santuário, as portas e janelas, além da necessidade de climatização artificial. Para algo que chame a atenção favoravelmente ou negativamente no espaço, não houve aspecto enfatizado por vários entrevistados, mas as respostas foram bem variadas.

Oito dos dez entrevistados afirmaram gostar da aparência da fachada do templo. Um deles justificou que “é uma fachada de igreja mesmo”, outro revelou que “parece uma igreja”. Possivelmente estas respostas devem-se à aparência antiga da mesma, com platibanda e esquadrias que remetem a arcos ogivais. Tais elementos eram muito utilizados nas igrejas protestantes neogóticas dos séculos XIX e início do XX, conforme visto no primeiro capítulo. Dentre aqueles que não gostam da aparência da fachada da igreja, a justificativa é por sua aparência antiga e pelo gosto do sujeito por fachadas modernas. Uma das entrevistadas revelou não gostar da fachada por sua semelhança com a Igreja Católica (essa semelhança possivelmente deve-se à aparência historicista da mesma). Quando questionados sobre algo que poderia melhorar na fachada as respostas variaram entre melhorias na cobertura externa e nas esquadrias.

Quanto à localização da igreja, oito entrevistados consideram que é satisfatória. Dentre os pontos positivos dessa localização estão a proximidade com o Centro da cidade e vários pontos conhecidos, o fácil acesso, a proximidade com ponto de ônibus e a vizinhança relativamente grande. Os pontos negativos para sua localização, segundo os fiéis, são a rua estreita e a pouca visibilidade da igreja para a cidade.

Para os usuários da Igreja Batista Cinco de Maio, o que não pode faltar em uma igreja relaciona-se a elementos físicos do templo ou a aspectos relacionados ao conforto neste espaço. Dentre os elementos citados estão: bancos, cadeiras, armários nas salas de estudos bíblicos, o santuário, móveis, ventiladores, lâmpadas e espaço. Dentre os aspectos relacionados ao conforto ou a uma boa condição para a realização das celebrações evangélicas, está não haver distrações (barulho ou desconforto) e uma boa sonorização (para tornar o culto audível e compreensível ao fiel).

Das quatro igrejas selecionadas, esta edificação se apresenta com aparência mais antiga. Seu aspecto histórico – principalmente na fachada – agrada a alguns, por deixá-la “parecida com uma igreja”, mas desagrada a outros, pois a torna “parecida com a Igreja Católica”. Tal semelhança com as igrejas católicas relembra as antigas rixas descritas no capítulo primeiro, que parecem permanecer no imaginário evangélico.

Adentrando no espaço do templo, é possível notar algumas reformas que indicam uma modernização daquele espaço – com troca de esquadrias, ampliação do número de salas, modificação do tipo do letreiro com o nome da igreja, futura instalação de ar condicionado, etc. Dentre as igrejas indicadas como bonitas pelos entrevistados, só houve indicações de igrejas batistas – notadamente aquelas que apresentam edifícios mais modernizados e com uma estrutura mais elaborada.

- **IGREJA 2: Igreja Batista do Farol**

Esta igreja, também de vertente tradicional, apresenta um perfil de membresia com um grau de escolaridade maior (70% dos entrevistados com curso superior), além da faixa de renda de média a alta. Semelhantemente à igreja anterior, mais da metade dos entrevistados frequenta a igreja há algum tempo, indo à mesma comumente e auxiliando em alguma atividade, além das celebrações.

Grande parte dos fiéis considera que o templo atende satisfatoriamente às atividades da igreja, justificando a escolha por o considerarem limpo, acessível, iluminado, com boa estrutura física, amplo e agradável. Para o restante o templo não é satisfatório, pois necessita de ampliação da capacidade de acomodação.

Dentre os aspectos físicos apontados como relevantes no templo, foram citados por mais de um entrevistado a plataforma (onde se localiza o púlpito) e as janelas. Além disso, falou-se sobre a disposição da nave e a fácil visualização do púlpito. Por estas respostas, pode-se entender que a organização interna do santuário chama a atenção de seus fiéis, com uma forma peculiar da plataforma que permite essa visualização do púlpito. Sobre algo que poderia melhorar no templo, nenhum aspecto foi repetidamente citado e, pelas respostas, pode-se notar que metade das citações refere-se a melhorias de valor predominantemente estético (como mudanças de esquadrias, cores, desgastes na fachada, forro e luminárias).

Quanto à aparência da fachada da igreja, apenas uma pessoa se revelou insatisfeita, devido aos desgastes sofridos com o tempo. Os outros gostam da mesma, apontando como positivos o jardim e gramado, o tamanho, seu aspecto limpo, plano, bem estruturado, elegante e bem cuidado. Quando questionados sobre algo que chame a atenção na fachada, citou-se o formato da mesma, a torre, a vegetação em contraste com as paredes, além da boa quantidade de acessos ao templo. Quanto a possíveis melhorias, falou-se na pintura, no acesso ao estacionamento, na iluminação da torre, nas canaletas de ar-condicionado aparentes e achou-se que ela poderia ser mais harmônica e imponente.

Todos os entrevistados consideram que a Igreja Batista do Farol está bem localizada. O motivo mais apontado (por oito dos dez fiéis) foi a centralidade da igreja, localizada numa região de grande fluxo e próxima ao Centro da cidade. Além disso, falou-se de sua boa visibilidade e que possui uma área disponível para ampliações.

Sobre o que não pode faltar em um templo, foram citados aspectos diversos. Alguns deles relacionam-se a partes do santuário ou mobiliário (bancos, púlpito, plataforma elevada onde o culto é celebrado), outros a espaços específicos para atividades diversas (estacionamento e salas para atividades diversas). Há ainda quem cite uma boa acústica e um bom acesso ao santuário.

Assim como na Igreja 1, os fiéis demonstram estar satisfeitos com o templo. No entanto, a reclamação mais recorrente é quanto à necessidade de ampliação da capacidade de acomodação do santuário. Apesar da ampla área com salas e estacionamento, como já citado

neste trabalho, o santuário apresenta-se frequentemente lotado, mostrando ser pequeno para a demanda atual de pessoas.

- IGREJA 3: Assembléia de Deus da Ponta Grossa

Nesta igreja, de denominação pentecostal, os questionários aplicados revelaram que os fiéis são, em sua maioria, de classe média a baixa e residem nas proximidades da igreja (em bairros como Prado, Joaquim Leão, Ponta Grossa, Vergel e Trapiche da Barra). Todos entrevistados estão nesta igreja há mais de três anos, frequentando-a de uma a três vezes por semana. Como nas anteriores, a maior parte dos usuários não apenas assiste às celebrações, mas auxilia em alguma atividade.

Em relação ao templo, metade dos entrevistados considera que ele não atende bem às atividades realizadas na igreja. O grande motivo apontado para a insatisfação com o templo é seu tamanho, pois é considerado pequeno para a quantidade de pessoas e necessita de mais conforto. Em relação a algo do templo que lhes chamasse a atenção ou que gostassem muito, os fiéis citaram o departamento infantil, o espaço e a altura do templo, além do púlpito. Sobre algo que não gostem ou que precisa melhorar, citou-se o desconforto dos bancos, o calor e também a necessidade de ampliação do templo.

Em relação à fachada da igreja, seis entrevistados gostam de sua aparência. Dentre os que não gostam, foi afirmado que não gostam do modelo característico das Assembléias de Deus (possivelmente se referindo ao seu aspecto simples, sem muitos detalhes, e sua cor comum em Maceió, em um tom esverdeado). Enquanto isso, outro entrevistado acha esse padrão das Assembléias um ponto positivo, porque “é tudo igual”. A padronização pode ser negativa ao simplificar a aparência dos templos, mas também pode ser um facilitador na identificação destas igrejas, pertencentes à mesma denominação. Sobre algo que chama a atenção nessa fachada foram citadas a sua cor, seu estilo antigo, o gradil de ferro e o letreiro com o nome da igreja.

Sobre a localização da igreja, nove entrevistados a consideram satisfatória, principalmente por estar numa rua centralizada, visível, espaçosa e tranquila. Algumas críticas referem-se à falta de estacionamento e de um espaço na parte da frente da igreja, o que torna a calçada estreita perigosa para as crianças, por sua proximidade com a rua.

Quanto a algo que não pode faltar numa igreja, as respostas foram das mais variadas, indo desde assistência ao povo, um pastor ou mesmo a Bíblia. Alguns aspectos físicos citados nessa questão foram iluminação, espaço e cadeiras.

Um dos pontos mais criticados pelos entrevistados em relação a este templo é a insatisfação com o seu tamanho, o desconforto gerado pelos bancos e a ventilação deficitária. Construído em meio a residências e sem recuos laterais, tornou-se inviável a colocação de aberturas para ventilação – excetuando-se alguns cobogós no alto das paredes laterais. Do mesmo modo, essa inexistência de recuo lateral não permite a ampliação do templo, a não ser com a criação de uma galeria, o que já foi feito.

Com o espaço do santuário sem muitos atributos, suas características não são facilmente reconhecidas por seus usuários que, em muitas respostas, preferem citar aspectos relativos ao caráter de aconchego, inclusão e receptividade que sentem ao adentrar ali.

- IGREJA 4: Assembléia de Deus do Stella Maris

Esta segunda igreja pentecostal, diferentemente da anterior, localiza-se numa região de alto poder aquisitivo. Isso se reflete no perfil dos entrevistados, com um maior grau de escolaridade e faixa de renda que os identifica como pertencentes a classes média e alta. Os fiéis também moram, em sua maioria, em bairros próximos à igreja (como Ponta Verde, Stella Maris e Jatiúca). Sendo uma igreja de formação mais recente, quatro dos entrevistados frequentam a igreja há menos de três anos. A maioria vai à igreja cerca de uma a três vezes semanais, participando de várias atividades.

A maior parte dos entrevistados acha que o templo não atende bem às atividades realizadas pela igreja. A reclamação unânime relaciona-se à falta de espaço, que se tornou pequeno para a quantidade de pessoas presentes durante as celebrações. Alguns entrevistados revelaram que, em breve, será feita uma reforma que ampliará a capacidade do templo.

Quando questionados sobre algo que gostassem no templo, os entrevistados citaram com maior frequência as cadeiras (que são acolchoadas e confortáveis) e o forro, que chama a atenção (possivelmente por estar próximo aos fiéis). Além disso, falou-se da decoração, do nome aplicado numa parede interna do templo (Jesus), da climatização artificial e do ambiente tranquilo. Quanto a algo que poderia melhorar, quatro fiéis afirmaram que o templo

poderia ser ampliado. Além disso, falou-se que poderia ser melhorada a reverência durante as celebrações, além do som (com caixas que ficam próximas aos ouvintes) e a fachada.

Oito dos dez entrevistados afirmaram gostar da aparência da fachada do templo, citando como ponto positivo o vidro, que proporciona um aspecto agradável. Dentre os insatisfeitos, achou-se que a fachada deixa a desejar e que não possui aparência de igreja, o que faz com que ela passe despercebida por muitos. Um dos pontos negativos na utilização de uma edificação já existente para a instalação de uma igreja parece ser este aspecto, pois a igreja não possui “cara de igreja”. Dentre os aspectos que chamam a atenção na fachada, o mais citado foi o letreiro que contém o nome da igreja, além do vidro das esquadrias e das plantas na fachada.

A localização da igreja agrada a oito dos entrevistados, principalmente por estar numa avenida de fácil acesso, além de não incomodar a vizinhança (por ausência de residências nas proximidades, que poderiam se incomodar com o som alto ou grande movimentação). Para os descontentes, os motivos de insatisfação incluem a localização em uma área comercial e a dificuldade em estacionar os veículos devido ao grande fluxo na avenida.

Quanto ao que não pode faltar em uma igreja, cinco entrevistados apontaram espaços diversificados para atividades realizadas pela igreja. Três entrevistados citaram pessoas e apenas dois citaram móveis (o púlpito) ou equipamentos (instrumentos musicais).

Diferentemente da Igreja 3, também pentecostal, neste templo os fiéis relatam com satisfação o conforto das instalações do templo. No entanto, há uma insistente necessidade de ampliação do espaço. A aparência da edificação, que não se assemelha a uma igreja, não parece ser um fator determinante na satisfação com o espaço, incomodando apenas alguns indivíduos.

• ANÁLISE GERAL E COMPARATIVA

Uma característica comum às quatro igrejas analisadas é o fato de a maioria dos entrevistados não apenas ir ao culto, mas participar de outras atividades. A variedade de atividades existentes nessas igrejas (tradicionalistas e pentecostais) proporciona a possibilidade de o fiel frequentar mais vezes o templo e interagir mais intensamente com o espaço e com os outros fiéis, gerando diferentes formas de sociabilidade, conforme descrito no segundo capítulo deste trabalho.

Comum a todas as igrejas analisadas é também o fato de os fiéis considerarem o culto como momento mais importante ao estarem na igreja (para 35, dos 40 entrevistados). Quanto ao momento que mais gostam de participar, apesar de receber respostas mais diversificadas do que a questão anterior, ainda permanece sendo majoritariamente o culto. Deste modo, como momento de mais íntima ligação com Deus, o culto poderia ser considerado como momento onde ocorre a *hierofania* descrita por Eliade (1992) no capítulo anterior, onde o sagrado se manifesta sacralizando o lugar. Mesmo assim, os entrevistados, em sua maioria, consideram que o templo não é o único local onde a atividade pode ser realizada, o que pode vir a expressar que tal sacralização, mesmo que temporária, pode ocorrer em qualquer lugar, pois depende mais do cerimonial religioso e das pessoas, do que do templo como espaço específico para a realização da atividade.

Em todas as igrejas, a maior parte dos sujeitos considera que o templo atende bem às atividades ali realizadas. No entanto, a reclamação mais recorrente nas Igrejas 2, 3 e 4, foi quanto à necessidade de ampliação da capacidade de acomodação. Na Igreja 1 essa queixa não foi tão enfática, e o que mais se aproximou disso foi a necessidade de mais salas para atividades diversas. Tal questão sobre ampliações foi apontada por Lingerfelt (s/d) no primeiro capítulo, onde o autor recomenda que os templos possuam uma área que possibilite futuras ampliações, prevendo o crescimento da comunidade de fiéis. Na Igreja 1, que recentemente passou por ampliações nas salas destinadas a estudos bíblicos, já havia uma área livre em torno da construção do templo que permitiu tal ampliação. No entanto, na igreja 3, que sofre com falta de espaço, a inexistência deste espaço livre tornou necessário que a igreja alugasse um imóvel nas proximidades do templo para a realização de algumas atividades que o atual templo não comporta.

Como descrito anteriormente em relação aos aspectos dos quais os fiéis gostem no espaço, vale ressaltar que nas igrejas 1 e 3 (de menor faixa de renda), quase metade dos entrevistados não apontou aspectos físicos específicos para esta questão e, dentre os aspectos citados, poucos se repetem, afirmando-se que gostam do templo como um todo. Nas igrejas 2 e 4 (de maior faixa de renda), apontou-se elementos físicos ou partes do templo com maior frequência, demonstrando uma percepção mais nítida destes aspectos, que são mais elaborados que nos outros templos analisados. Mafra (2007), analisando igrejas pentecostais na periferia paulista, apontou que a beleza destes templos seria considerada pelos fiéis pelos mesmos critérios que eles teriam para analisar sua casa, levando mais em consideração a organização e o cuidado com o espaço do que a forma da edificação ou elementos

arquitetônicos. No entanto, nas igrejas analisadas nesta pesquisa com maior faixa de renda, foi possível perceber uma maior atenção a aspectos estéticos ligados à forma e aos elementos arquitetônicos.

Quanto a algo que pudessem levar do templo, dezessete dos quarenta entrevistados deram respostas ligadas a pessoas, como demonstra a tabela abaixo (Tabela 01). Dos demais, muitos não souberam o que levar. Somente nas igrejas 2 e 4 (de maior faixa de renda e infraestrutura mais elaborada), um número maior de fiéis afirmou que levaria equipamentos ou mobiliário, o que proporcionaria melhor qualidade técnica e conforto às celebrações. Ao questionar sobre algo que levariam do templo, estima-se que as respostas girem em torno de algo que lhes agrade muito naquele espaço. Quando os fiéis citam pessoas, considera-se que estes indivíduos lhes são importantes e contribuem para tornar aquele espaço especial. Quando são citados elementos ligados ao conforto percebe-se uma valorização do bem estar individual que, interessantemente, foi mais citado nas igrejas com fiéis de maior renda, acostumados a um padrão de vida mais elevado.

Tabela 01: Relação das respostas dadas à questão sobre o que os entrevistados levariam de suas igrejas, caso precisassem ir para outra igreja.

O QUE OS ENTREVISTADOS LEVARIAM DE SUAS IGREJAS						
	Pessoas	Sentimentos e sensações	Partes do culto	Aspectos ligados ao conforto	Equipamentos e partes do templo	Não sei/nada
Igreja 1	1	1	0	0	3	5
Igreja 2	1	1	0	2	3	3
Igreja 3	4	3	2	0	0	1
Igreja 4	4	1	0	1	4	0
TOTAL:	10	6	2	3	10	9

Fonte: autora, 2012.

Como visto no primeiro capítulo, os primeiros templos protestantes tendiam a enfatizar espacialmente o púlpito e, liturgicamente, a mensagem proferida a partir dele (como no templo circular de Paradis, na França). Durante a aplicação dos questionários, pôde-se verificar que poucos entrevistados citaram o púlpito como algo de que gostem ou que lhes chame a atenção nas igrejas analisadas. Além destes, foram também citados os momentos da mensagem como importantes quando o fiel encontra-se na igreja (incluídos nos momentos de culto). Enquanto no protestantismo do século XVI o púlpito ganhava amplo destaque, atualmente sua imponência visual parece ter sido reduzida.

Pallasmaa (1986) falou sobre a experiência de estar na esfera de influência dos pontos de convergência da construção, como uma mesa, cama ou lareira. Nos antigos templos protestantes, certamente o púlpito era um ponto de convergência no espaço, para onde se voltavam os bancos, os olhares e a liturgia focada na mensagem proferida pelo pregador. Atualmente, a partir das respostas obtidas com os questionários, é possível verificar que a atenção outrora dada ao púlpito é dividida com outros elementos espaciais. A plataforma onde o púlpito está contido, por exemplo, abriga também uma série de equipamentos de som e mobiliário. Além disso, a organização do espaço salienta a plataforma como um todo, destacando o púlpito ali apenas por sua centralização. Das igrejas pesquisadas, aquela em que o púlpito torna-se mais evidente é a igreja 2 que, além do arranjo espacial semicircular, possui uma plataforma mais elevada que as demais. No entanto, este púlpito, com uso de materiais mais leves e de menor espessura (como o vidro e metais), torna-se menos evidente visualmente no espaço.

A aparência da fachada das igrejas no geral revelou-se satisfatória aos fiéis, como mostra a tabela a seguir (Tabela 02), sendo o menor índice de satisfação encontrado na igreja 3, onde afirmou-se que mudariam ela um pouco, se pudessem (apesar de não apontar os aspectos a modificar). Nas outras igrejas as críticas referiram-se ao aspecto antigo da fachada (Igreja 1, por ser mais tradicional), ou ao fato de ela não se parecer com uma igreja (Igreja 4, adaptada). Quanto aos sujeitos satisfeitos, na igreja 1 justificou-se principalmente ao fato de ela se “parecer com uma igreja” ou a suas tentativas de modernização em alguns detalhes (com substituição de letreiro e esquadrias).

Tabela 02: Respostas sobre a satisfação dos entrevistados quanto à fachada de suas igrejas, com relação dos aspectos positivos e negativos citados.

SATISFAÇÃO QUANTO À FACHADA DA IGREJA													
	Gostam	Aspectos positivos						Não Gostam	Aspectos negativos				
		Aspecto antigo	Aspecto moderno	Parece uma igreja	Conjunto / organização / tamanho	Padronização	Vegetação, vidro		Aspecto antigo	Não parece uma igreja	Padronização	Mudaria algo nela	Não justificaram
Igreja 1	8	2	1	2				2	2				4
Igreja 2	9		1		7		1	1					2
Igreja 3	6	1				1		4			1	4	4
Igreja 4	8						1	2		2		1	6
TOTAL	31	3	2	2	7	1	2	9	2	2	1	5	16

Fonte: autora, 2012.

Nas experiências com a arquitetura citadas por Pallasmaa (1986), também se encontra o ato de reconhecer “uma habitação ou instituição na forma de uma casa”. Nos templos evangélicos, tal assertiva pode ser aplicada a elementos ou determinados pontos no espaço que podem adquirir um significado relevante, chamar a atenção do fiel ou trazer-lhe à memória outras experiências. Durante a aplicação dos questionários, pôde-se notar, na Igreja 3, a menção da cor da fachada pelos fiéis – comumente utilizada em muitas igrejas Assembléia de Deus de Maceió, seguindo a cor do templo Sede, no bairro do Farol. Tal cor, para o fiel, pode ajudar a identificar estes templos como pertencentes à denominação Assembléia de Deus. Pode ser visto na cidade que vários templos desta denominação seguem traços e formas da fachada que também remetem diretamente ao templo Sede, como demonstram as imagens a seguir (Figuras 64, 65 e 66), possibilitando a mesma identificação dada pela cor. No entanto, ao mesmo tempo em que essa “padronização” parece benéfica a alguns, um dos entrevistados revelou não gostar dela, como mostra a tabela anterior.

Foi possível identificar uma predileção de alguns membros da Igreja 1 quanto ao aspecto mais tradicional da fachada de seu templo. No entanto, outros revelaram este aspecto antigo como negativo, pois remete diretamente a muitas igrejas católicas que, construídas entre os séculos XIX e início do XX em Maceió, com muita frequência possuem feições históricas. Para o fiel, tal aspecto físico é identificável como pertencente ao catolicismo e, estando aparente na igreja evangélica que frequentam, parece ser um ponto negativo – assim, a antiga oposição entre catolicismo e protestantismo parece ainda perdurar no imaginário evangélico mais tradicional.

Não muito distante desta igreja evangélica que se “parece” com uma católica, está outra que não se parece com uma igreja, segundo alguns de seus frequentadores. Na Igreja 4, que ocupa um imóvel comercial, um dos aspectos criticados quanto à sua aparência é sua pouca semelhança com uma igreja. Talvez se possa falar em uma falta de referência relacionada aos aspectos citados por Pallasmaa de reconhecer elementos ou formas que

Figura 64: Igreja Assembléia de Deus Sede, no bairro do Farol.



Fonte: acervo pessoal, 2010.

Figura 65: Igreja Assembléia de Deus da Jatiúca.



Com fachada semelhante à igreja Sede, seguindo a mesma cor e alguns traços na fachada. Fonte: acervo pessoal, 2011.

Figura 66: Igreja Assembléia de Deus do Tabuleiro.



Com fachada semelhante à igreja Sede, seguindo a mesma cor e alguns traços na fachada. Fonte: acervo pessoal, 2011.

lembrem uma igreja o que faz com que muitos transeuntes não identifiquem aquele imóvel como igreja. Para este templo (Igreja 4), sua única identificação de igreja na fachada é o letreiro e, talvez por isso, o letreiro seja muito lembrado quando se questionou sobre algo nesta fachada que chamasse a atenção dos fiéis.

Este aspecto da fachada da Igreja 4 pode ser relacionado a outra experiência com a arquitetura proferida por Pallasmaa (1986), que é entrar na esfera da influência de um prédio, ou pisar em seu território. Como já dito, tal ação pode remeter a transpor o limite entre o sagrado e o profano – entre estar num ambiente comum e profano e passar para o templo, um ambiente sagrado onde o fiel pode encontrar-se com Deus. A esfera de influência de uma edificação não precisa, necessariamente, estar contida somente em seu interior, mas pode abranger seu entorno e, assim, a presença de uma edificação religiosa em determinada região pode também ser percebida pelos transeuntes, que podem notá-la como espaço diferenciado mesmo sem frequentá-la. Neste sentido, uma edificação mais proeminente na paisagem urbana teria maior facilidade de percepção por quem transita na área, ao contrário de uma edificação como a Igreja 4, um pequeno templo num imóvel alugado.

Todas as igrejas são consideradas bem localizadas pela maior parte dos entrevistados. Isso se justifica, principalmente, pelo fácil acesso e à centralidade dos templos. Lingerfelt (s/d), em meados do século XX, recomendava que as igrejas se localizassem em lugares acessíveis, tranquilos e que possibilitassem crescimento. Em comparação com as respostas ao questionário, vê-se que é constante a preocupação com o acesso ao templo.

Quanto à sensação que os fiéis possuem no espaço, as citações mais comuns foram agrupadas nos aspectos relacionados na tabela a seguir (Tabela 03). A parcela mais significativa das respostas refere-se ao bem estar e satisfação dos fiéis nos templos. Seguida por aspectos relacionados à espiritualidade está a paz, vindo logo depois a alegria.

Tabela 03: relação das sensações descritas pelos entrevistados em cada igreja analisada quando estes se encontram no templo.

SENSAÇÕES DESCRITAS PELOS ENTREVISTADOS						
	Bem estar e satisfação	Deus e espiritualidade	Paz	Alegria	Valorização/ Comunhão	Em casa
Igreja 1	6	1	2	1	2	0
Igreja 2	2	2	4	2	0	1
Igreja 3	4	3	2	2	1	0
Igreja 4	3	4	1	2	1	0
TOTAL:	15	10	9	7	4	1

Fonte: autora, 2012.

Essas sensações descritas – como o bem estar, a valorização e o sentir-se em casa – podem ser relacionadas às experiências associadas à arquitetura (PALLASMAA, 1986) nas páginas anteriores. Dentre aquelas, vale destacar a sensação de ter um teto sobre a cabeça e estar abrigo, que possui forte ligação com a conotação de segurança e traz à tona a similaridade dos templos com as casas dos fiéis (MAFRA, 2007), conforme já visto. Neste sentido, o homem pode sentir-se seguro frente ao mundo hostil nestes espaços, encontrando um lugar de aconchego e abrigo. Relaciona-se, igualmente, à casa vista como ninho na visão de Bachelard (1957), onde essa segurança é vista como proteção contra o mundo não evangélico.

Sensação semelhante é também descrita na experiência citada por Pallasmaa (1986) de segurança, intimidade e isolamento que o espaço deve proporcionar. Para o autor, a sensação de solidão é um dos sentimentos básicos proporcionado pela arquitetura. Ao visitar a Igreja 3, foi possível constatar essa experiência de isolamento e intimidade de uma forma mais visível, pois antes das celebrações, ao chegar, os fiéis sentam-se sozinhos em seus bancos para um momento de meditação e oração. Na Igreja 2 as celebrações terminam com um momento semelhante, com uma oração silenciosa e individual com fundo musical. Nos dois casos, esses períodos íntimos em que o fiel encontra-se em relação direta com Deus são exemplos de experiências de isolamento religioso amparadas pelo espaço arquitetônico.

Pallasmaa (1986) acredita que as experiências marcantes com a arquitetura afetam todos os sentidos. Além disso, ele afirma que espaços com características semelhantes podem relacionar sensações semelhantes também. A Tabela 03, gerada com as respostas obtidas sobre a sensação dos fiéis no espaço demonstra esta proposição, com as igrejas analisadas gerando sensações parecidas nos fiéis. A configuração destes espaços ou mesmo a forma das celebrações, que não se alteram significativamente, possivelmente influenciam neste aspecto.

Sobre o que é um templo para os fiéis, as respostas seguiram três linhas principais (conforme a Tabela 04). Inicialmente, houve aquelas que denotaram a finalidade do templo, respondendo que um templo é espaço para cultuar, para adorar, lugar para se comunicar com Deus, etc. Houve respostas de caráter mais subjetivo, relacionado ao espiritual, onde o templo foi visto como representação da vida cristã ou como socorro de Deus. Além disso, em todas as igrejas houve quem confirmasse a relação do templo com a casa, respondendo que o templo é casa de Deus, casa de oração, refúgio, etc.

Tabela 04: respostas dadas pelos fiéis quando questionados sobre o que é um templo para eles.

O QUE É UM TEMPLO			
	Respostas funcionais (lugar para...)	Respostas subjetivas e outras	Respostas ligadas a casa/abrigo
Igreja 1	9	1	0
Igreja 2	6	3	1
Igreja 3	3	4	3
Igreja 4	2	6	2
TOTAL	20	14	6

Fonte: autora, 2012.

Nas Igrejas 1 e 2, tradicionais, interessante notar a concentração de respostas mais ligadas à finalidade do espaço. Já nas Igrejas 3 e 4, pentecostais, as respostas giraram com maior constância em torno de aspectos subjetivos. A relação destas respostas ligadas à finalidade dos templos, obtidas nas igrejas tradicionais, com o protestantismo histórico pode ser vista com certa clareza neste ponto. Enquanto os tradicionais prezam mais pela racionalidade do culto e do espaço, os pentecostais, desde sua origem, tendem a uma maior emotividade, expressa em suas respostas mais relacionadas à espiritualidade e subjetividade.

Há uma relação que pode ser feita entre essa questão do que é o templo e sobre a sensação que este espaço causa nos fiéis. Ela pode ser descrita através da experiência citada por Pallasmaa (1986) em relação a “chegar em casa para uma finalidade específica, compreendendo expectativa e satisfação”. Nos templos evangélicos, a expectativa de ir ao templo com uma finalidade específica (os próprios entrevistados afirmaram o templo é lugar para celebrar e cultuar a Deus) e a posterior execução deste ato pode gerar essa sensação de satisfação de que fala o autor.

Também se pode dizer que, na relação constante do usuário com aquela igreja, exista uma familiaridade com o espaço frequentado semanalmente, com as mesmas pessoas e a mesma liturgia. Na Igreja 3, por exemplo, um fiel afirmou que gosta das Assembléias de Deus “porque é tudo igual, em todas é bem recebido”, denotando que a similaridade física, a receptividade e a forma de cultuar podem contribuir para gerar esse sentimento de familiaridade no usuário destes templos.

Em algumas outras respostas dadas à questão sobre o que é um templo para o fiel, foram dadas respostas que consideram aquele espaço como casa de Deus. Pallasmaa (1986) fala sobre a sensação de sentir-se num lugar único, destinado a seres superiores, dando a impressão de algo sagrado e superior. Essa assertiva relaciona-se à ideia do templo como casa de Deus, onde é possível encontrar a divindade, como espaço destinado ao ser superior ou

como espaço único. No entanto, alguns fiéis, como um dos entrevistados na igreja 1, consideram o templo como simples material físico, sendo importante apenas a igreja viva (composto pelas pessoas) que se reúne dentro dele. Por estes extremos, vê-se que, no diversificado cenário evangélico brasileiro, enquanto a racionalidade preza pela funcionalidade daquele espaço, o subjetivismo leva a imaginar o templo como espaço sagrado onde Deus reside.

Quando perguntado aos fiéis se eles achavam algum templo em Maceió muito bonito, houve certo padrão nas respostas obtidas. Nas igrejas 1 e 2 foi muito significativa a citação de igrejas da mesma denominação (Batista). Já nas igrejas 3 e 4, além de serem citadas muitas igrejas da denominação (Assembléia de Deus), com frequência falou-se sobre a igreja Universal do Reino de Deus localizada no bairro Mangabeiras, como mostra a tabela a seguir (Tabela 05).

Tabela 05: relação das igrejas apontadas como muito bonitas pelos entrevistados.

IGREJAS CITADAS COMO MUITO BONITAS									
	Igreja Batista Farol	Igreja Batista Betel	1ª Igreja Batista Maceio	Assembléia de Deus Sede(Farol)	Ig.Universal do Reino de Deus	Outras Batistas	Outras Assembléias	Outras igrejas	Nenhuma
Igreja 1	7	3	2	0	0	2	0	0	0
Igreja 2	5	2	1	0	1	0	0	1	0
Igreja 3	1	1	0	1	2	0	3	0	2
Igreja 4	0	0	0	1	4	1	1	0	3
TOTAL	13	6	3	2	7	3	4	1	5

Fonte: autora, 2012.

Como confirma a tabela, entre os batistas o templo da Igreja Batista do Farol (Igreja 2) é considerado pelos fiéis como o mais bonito devido a sua fachada e jardim, por seu tamanho e espaço disponível, além do design moderno que não fica ultrapassado. O templo da Igreja Batista Betel, também citado, possui traços semelhantes ao da Igreja Batista do Farol, apesar de suas menores proporções, ficando no ar a resposta de um dos entrevistados quando disse que os outros templos tentam copiar o templo da igreja do Farol. Entre os batistas, o grande número de citações de igrejas da mesma denominação restringiu-se basicamente aos templos mais modernos e conhecidos, de porte médio a grande.

Outra questão que pode ser citada neste momento é sobre a nota que os fiéis dariam ao templo que frequentam. Nas igrejas 1, 3 e 4 a média obtida com a soma dos valores foi oito.

Já na igreja 2, a Igreja Batista do Farol, a média encontrada chegou quase a nove. Tal fator, associado à repetida citação deste templo como bonito, pode levar à conclusão de que este templo é satisfatório tanto para seus usuários, que o aprovam a partir do uso, quanto pelos sujeitos que somente a visualizam exteriormente ou ocasionalmente o visitam, aprovando seu aspecto estético.

Entre as Assembléias de Deus, o templo mais citado como bonito foi o da Universal do Reino de Deus, em Mangabeiras, com sua escolha justificada por sua beleza física, seu porte, por suas colunas espessas e por sua estrutura física. Uma das entrevistadas chegou a afirmar que o templo da Universal possui semelhança com Israel, possivelmente referindo-se a alguma semelhança com edifícios antigos ou mesmo com igrejas da época clássica ou medieval pela existência do frontão, colunas e por seus vitrais. Nas igrejas 3 e 4, além da Igreja Universal citou-se alguns exemplares de igrejas Assembléia de Deus, sendo citada por mais de um sujeito apenas a Assembléia de Deus do Farol (a Sede).

Entre as Assembléias, alguns indivíduos relevaram que se começou a atentar para os aspectos arquitetônicos de seus templos somente há pouco tempo. No meio batista, entretanto, as recomendações feitas por Lingerfelt (s/d) em meados do século XX atestam que o cuidado com o espaço de celebrações já vem sendo trabalhado há algumas décadas. Talvez por isso, entre as igrejas citadas como muito bonitas haja uma maior quantidade de citações de igrejas da mesma denominação, além de uma maior variedade física entre elas, sendo citados templos batistas inclusive entre os fiéis da igreja Assembléia de Deus.

A grande ocorrência de citações da Igreja Universal do Reino de Deus possivelmente deve-se à sua proeminência física e sua grande visibilidade que serve para chamar a atenção dos transeuntes. Essa tipologia, comum em várias catedrais da Igreja Universal existentes no país, concorre para acentuar essa tipologia como instrumento de atração de fiéis. Seu porte, robustez e imponência certamente proporcionam ao fiel um sentimento de segurança em seu interior, ao mesmo tempo em que, com a ajuda dos vitrais coloridos, servem para encantar o fiel e fazê-lo sentir-se mais próximo de Deus. Ao que parece, a utilização de elementos comuns e simples (arcos, colunas e frontão), parece realmente transmitir alguma força emocional, seguindo a afirmação de Pallasmaa (1986) para estes elementos.

Para justificar a escolha das igrejas mais bonitas, os fiéis citaram alguns elementos físicos e aspectos da aparência dos templos. Mas, para além da beleza das formas, vale ressaltar que, segundo as respostas, a igreja bonita pode ser considerada também como

organizada, ampla e tranquila. Aspectos estes que muito lembram o que Mafra (2007) apontou como sendo requisitos para uma boa casa, que remetem às igrejas por ela analisadas na periferia paulista.

3.5 A Percepção nos Templos Evangélicos

Steve Engler (2007) afirma que a percepção dos sujeitos pode variar conforme a cultura, época, região e outros fatores, pois os sentidos são influenciados pelo meio em que os sujeitos se inserem. Assim, também as crenças e costumes de uma comunidade e a diferença de classe social podem influenciar nesta percepção. A época efetivou mudanças na importância dada a elementos do templo, como visto nas páginas anteriores em que a importância outrora dada ao púlpito sofreu certa desvalorização visual, possível resultado de mudanças ocorridas nos templos e na liturgia dos evangélicos.

Engler (2007) aponta ainda que, aspectos como sotaque, vestuário, odor e comportamento podem ajudar a identificar pessoas de determinados agrupamentos sociais. No Brasil em meados do século XX, por exemplo, os evangélicos eram reconhecidos por seu peculiar comportamento sectário e vestimentas específicas.

Atualmente tais aspectos diferenciadores de comportamento e vestimenta não são mais tão visíveis, mas nota-se, ao adentrar em muitas destas igrejas, um vocabulário próprio com expressões e jargões que se tornaram comuns aos evangélicos. Na Igreja 3, por exemplo, pode-se ouvir com frequência a saudação “a paz do Senhor”, repetida como um cumprimento rotineiro entre os fiéis, o que se repete em muitas igrejas pentecostais. Tal cumprimento contribui para unificar essas igrejas, por mais diferentes que sejam fisicamente, proporcionando-lhes aspectos comuns no vocabulário, na liturgia, nas músicas, etc. Estes aspectos contribuem para aumentar a familiaridade destas igrejas perante seus usuários.

Alguns pontos abordados nos questionários, como a questão sobre o que os fiéis levariam de seus templos, obtiveram uma quantidade significativa de respostas ligadas a pessoas. Tal aspecto pode indicar a força que adquirem os laços entre os indivíduos nestas igrejas, gerando um nível de sociabilidade que possibilita que tais pessoas considerem-se uma grande família afetiva, chamando-se de irmãos. Para isso contribuem as atividades que

extrapolam os cultos, estimulando a interação entre os sujeitos, como já visto anteriormente, gerando laços que formam uma identidade coletiva destes grupos. Para estes indivíduos os aspectos relacionados a pessoas e relações interpessoais adquirem maior importância do que aspectos físicos da edificação, construindo o lugar através de sua apropriação e não, necessariamente, por meio dos atributos físicos do espaço – ainda que estes venham a contribuir para estas relações.

Algumas poucas respostas, principalmente no meio tradicional, revelaram que ainda permanecem vestígios de valores do protestantismo inicial na mentalidade dos fiéis, considerando o templo apenas como receptáculo para a mensagem cristã. No entanto, além da importância como lugar onde a mensagem divina é proferida, as respostas revelaram que os templos também são espaços importantes, pois ali ocorre interação entre os fiéis e o contato com o divino.

Pallasmaa (1986) afirma que determinados estímulos contribuem para tornar os templos lugares significativos. Nas igrejas analisadas algumas características destes espaços devem ser ressaltadas como importantes aos fiéis e podem servir como estímulos, seguindo o raciocínio do autor, contribuindo para tornar tais espaços significativos aos seus usuários.

Na Igreja 2, por exemplo, alguns aspectos físicos podem ser destacados como relevantes aos fiéis, como sua organização, harmonia, amplitude e modernidade. Estas características, além de serem apontadas pelos próprios fiéis, também foram descritas por usuários de outros templos que consideram esta edificação muito bonita. Tais aspectos podem ser considerados como auxiliares no processo de tornar o espaço dos templos significativo aos seus usuários.

Na Igreja 3 houve poucas citações ao espaço físico do templo. Ali, aparentemente os estímulos que tornam o espaço significativo não são visuais, mas dependem da interação entre os fiéis e do cerimonial religioso. Para a Igreja 4, de modo similar à anterior, não citou-se com frequência muitos aspectos físicos, excetuam-se as questões referentes ao conforto obtido com as instalações do templo, um ponto em que esta igreja relaciona-se mais diretamente com a igreja 2, frequentada por membros de classe social semelhante àquela e também com instalações físicas mais modernizadas e equipadas.

A indicação dada pelos entrevistados sobre a igreja que eles consideram mais bonita pôde indicar também alguns aspectos estéticos considerados relevantes para os fiéis. No meio tradicional batista (igrejas 1 e 2), com muitas citações da Igreja Batista do Farol, pode-se

considerar que aspectos como organização, espaço amplo e aparência moderna são valorizados nas edificações religiosas. Já entre os pentecostais assembleianos (igrejas 3 e 4), a citação repetida da igreja Universal do Reino de Deus do bairro Mangabeiras, pode indicar certo apreço dos fiéis por edificações mais robustas e marcantes na paisagem. Tais características são bem diferentes do que geralmente encontra-se nas Assembléia de Deus, com templos mais simples, padronizados e pouco destacados.

Uma das preocupações muito relatadas pelos entrevistados está relacionada à capacidade de acomodação dos templos. Na igreja 3, por exemplo, foi necessário alugar um prédio próximo para a realização de algumas atividades não comportadas pelo templo e na igreja 4 está prevista uma reforma para ampliação da capacidade. Ao surgir a necessidade de ampliação destes templos, pode-se lembrar da recomendação de Lingerfelt (s/d), afirmando sobre a necessidade de o templo se localizar em um terreno amplo, possibilitando possíveis reformas ou ampliações. Deste modo, se evitariam maiores transtornos, como pela falta de espaço disponível para estas ampliações (Igreja 3) ou pela redução de outras áreas úteis para que isso ocorra (como ocorrerá com a reforma na Igreja 4). O espaço do templo deve ser um meio facilitador para a realização da atividade religiosa. No entanto, à medida em as necessidades mudam e a comunidade religiosa cresce, estes espaços podem se tornar empecilhos para a realização de algumas celebrações religiosas. O desconforto causado por falta de ventilação ou mesmo a superlotação são fatores que desagradam os sujeitos entrevistados.

Através dos questionários foi possível compreender determinados aspectos que os fiéis consideram importantes em um templo. Analisando as respostas, pode-se entender que entre os aspectos necessários a um bom templo está o conforto no espaço, além de uma boa iluminação e estacionamento. Para uma boa localização o templo deve estar inserido em local acessível, com rua ampla e também deve ser visível na paisagem. Quanto ao tamanho do templo, não necessita ser muito grande, mas é importante que haja espaço disponível para crescimento, pois muitas igrejas tendem a crescer com o tempo, demandando maior capacidade de acomodação.

Além disso, a presença de vegetação, por exemplo, foi apontada como positiva em algumas respostas, fazendo uma ligação com a natureza. Bancos confortáveis e um espaço bem organizado e limpo também foram citados. Algumas dessas características convergem com a pesquisa feita por Mafra (2001?), ao analisar igrejas pentecostais, onde a beleza dos

templos estava atrelada a aspectos semelhantes ao que tornava bela a casa dos fiéis, incluindo aí sua organização e cuidado com o espaço.

Mesmo que alguns templos agradem mais por sua aparência, todas as igrejas foram apontadas como satisfatórias pela maioria dos sujeitos entrevistados. A forma pode agradar com maior êxito ao se mostrar imponente ou organizada (como as igrejas Universal do Reino de Deus e Batista do Farol), mas isso não impede que os demais templos também sejam importantes e agradem a seus fiéis. Como afirmou um dos entrevistados, “todas as igrejas são bonitas”.

Para os sujeitos entrevistados, o mais importante nestes espaços mostrou ser sua capacidade de abrigar os fiéis, proporcionando condições para a realização das atividades religiosas e para a interação entre os usuários do espaço. Mesmo com diversos pontos negativos apontados, os fiéis sentem-se bem naqueles templos. A interação entre os fiéis, aliada às atividades religiosas, parece suplantar qualquer dificuldade com o espaço. No entanto, quando o espaço contribui com as atividades realizadas, ele pode ser um facilitador das atividades religiosas, auxiliando o fiel em seu culto, proporcionando condições mais agradáveis para as celebrações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os templos evangélicos apresentam configurações variadas, desde aqueles adequadamente projetados até adaptações provisórias de edificações já existentes. Inserem-se nas cidades brasileiras sob as mais diferentes formas, ora com pequenos imóveis em áreas residenciais, ora com mega templos em regiões com grande fluxo de pessoas. Suas formas arquitetônicas também podem conter significados intrínsecos, seja através de formas cristãs convencionais ou formas arquitetônicas arquetípicas. Esta diversidade de soluções torna complexo o cenário arquitetônico evangélico, e conhecer estas diferenças auxilia no processo de conhecimento dos diferentes grupos existentes, cada vez mais numerosos nas cidades brasileiras nas últimas décadas.

Com o primeiro capítulo desta pesquisa, buscou-se conhecer os templos evangélicos fisicamente, suas origens e transformações ao longo do tempo e as diferenças entre as edificações encontradas atualmente. No entanto, apenas a análise física não se mostra suficiente para demonstrar o valor destas edificações e as características que as tornam pertencentes ao universo evangélico. Ainda que tais aspectos físicos contribuam para compreender a arquitetura, não são eficazes para se conhecer todo o valor da arquitetura. Este valor se encontra também nos espaços que os homens percorrem (ZEVI, 1978) e, ao percorrê-los, podem torná-los diferenciados e importantes, lhes dando vida.

Conforme visto, estes espaços que se tornam importantes para o homem são chamados de lugares e a construção desses lugares pode ocorrer de diversas formas nos templos evangélicos. A configuração espacial, por exemplo, pode contribuir para refletir a racionalidade dos templos protestantes reformados. A utilização constante do espaço contribui para transformar o templo em lugar significativo através da apropriação e sociabilidade geradas entre os membros daquela igreja. Também por meio da celebração o fiel pode sentir-se em um espaço diferenciado, contribuindo para manifestar uma sacralização do templo durante o momento das celebrações. Símbolos artificiais também podem ser utilizados para incentivar a percepção dos fiéis e proporcionar um aspecto sagrado ao ambiente, fazendo surgir o lugar na mente do fiel. A forma da edificação, o uso de elementos ou mesmo a configuração espacial podem facilitar a produção do lugar, proporcionando um aspecto sacralizado a determinado templo.

Através da fenomenologia buscou-se compreender sentimentos e sensações apresentados pela arquitetura em uma linguagem que pode ser vista a partir de sua vivência. No protestantismo, onde as formas arquitetônicas cederam importância à palavra falada, o valor dos espaços de seus templos parece estar mais associado ao seu uso do que à forma arquitetônica. Como já dito, o lugar surge aos olhos daquele que habita o espaço. No caso das igrejas evangélicas, o lugar é conformado por seus usuários. Partindo desse pressuposto, buscou-se compreender como se conformam estes lugares em alguns templos evangélicos existentes em Maceió, quais estímulos ou características físicas contribuem para isso e como estes templos são vistos por seus frequentadores.

Com a aplicação dos questionários a usuários de algumas igrejas evangélicas existentes em Maceió, buscou-se compreender diversos aspectos relacionados a estes espaços. Muitas respostas, por exemplo, tiveram mais citações de pessoas como sendo importantes, do que de aspectos físicos. Deste modo, pessoas e relações interpessoais adquirem maior importância do que aspectos físicos da edificação, construindo o lugar através de sua apropriação e não, necessariamente, por meio dos atributos físicos do espaço – ainda que estes venham a contribuir para a afirmação destas relações.

Considerando as afirmações de Pallasmaa (1986) sobre a existência de estímulos que podem contribuir para tornar os espaços significativos para seus usuários, buscou-se verificar a existência destes estímulos a partir das respostas dos questionários. Em algumas das igrejas analisadas, os frequentadores parecem prezar por sua organização, harmonia, amplitude e também por seu aspecto moderno. Em outra, a ocorrência de poucas respostas ligadas ao espaço físico leva a crer que os estímulos neste espaço não estão concentrados no campo visual ou na aparência física da edificação, mas dependem da interação entre os fiéis e do cerimonial religioso. O conforto dos usuários também foi citado, revelando a importância de uma boa acomodação individual.

Para os fiéis, um templo deve inserir-se em um local acessível, em uma rua ampla e também deve ser visível na paisagem. Quanto ao seu tamanho, não necessita ser muito grande, mas é importante que haja espaço disponível para crescimento, pois muitas igrejas tendem a crescer, demandando maior capacidade de acomodação. A superlotação foi um dos fatores negativos mais citados pelos fiéis, causando desconforto térmico ou dificuldades de locomoção devido ao excesso de assentos colocados para a acomodação dos frequentadores.

Quanto à aparência física das edificações, foi possível perceber que a preferência dos usuários seguiu duas linhas principais. De um lado, os tradicionais, com maior preferência por edificações modernas, amplas e organizadas, com uma maior limpeza visual (como o templo da Igreja Batista do Farol). De outro lado, os pentecostais, com preferência por templos de maior proeminência física, que demonstrem mais imponência e visualmente mais carregados de elementos (como o templo da Igreja Universal do Reino de Deus, em Mangabeiras). Assim, nesta pesquisa percebeu-se que os tradicionais analisados, mais contidos e sistemáticos, parecem ter predileção por espaços mais organizados e formais, enquanto os pentecostais, mais espontâneos e expressivos, preferem espaços mais robustos, ou mesmo despojados.

A partir desta visão da preferência estética de seus fiéis, seria possível relacionar os evangélicos tradicionais e pentecostais a valores da modernidade e pós-modernidade. Ao se considerar os grupos tradicionais mais preocupados com aspectos ligados à organização do espaço, funcionalidade e conforto, se poderia dizer que possuem um pensamento predominantemente moderno. Já os pentecostais, optando por aspectos mais sensitivos e com maior carga emocional em suas celebrações, teriam um modo de pensar mais voltado para o pós-moderno. No entanto, a constante troca de experiências e informações entre os diferentes grupos de igrejas evangélicas favorece também a miscigenação destes aspectos.

A preocupação com o aspecto físico dos templos parece não ser um fator determinante para a satisfação com aqueles espaços. Assim como na pesquisa realizada por Mafra (2001), a beleza destes templos, para muitos entrevistados, está atrelada a aspectos semelhantes ao que torna bela a casa dos fiéis, incluindo aí sua organização e cuidado com o espaço. Apesar de uma boa aparência física agradar alguns fiéis, todas as igrejas analisadas foram descritas como satisfatórias pela maior parte dos entrevistados. A forma pode agradar ao se mostrar mais imponente ou organizada, mas não impede que templos menos elaborados também adquiram importância e agradem seus frequentadores.

Segundo os entrevistados, o aspecto mais importante nestes espaços parece relacionar-se a sua capacidade de abrigar os fiéis, funcionando como meio para a realização das atividades e interação entre os usuários do espaço. Apesar de vários pontos negativos apontados, estes templos são espaços em que os fiéis sentem-se bem. As dificuldades com espaciais parecem ser suplantadas pelas atividades religiosas ali realizadas e pela interação entre os fiéis. Deste modo, o espaço religioso mostra-se como facilitador das atividades

religiosas, auxiliando o fiel em seu culto e proporcionando condições agradáveis durante as celebrações.

Procurando compreender a construção dos templos evangélicos, suas influências e transformações ao longo do tempo e como estes espaços se configuram atualmente, esta pesquisa contribuiu para obter um maior conhecimento sobre estas edificações, tão numerosas atualmente nas cidades brasileiras. Através dos questionários, foi possível compreender, na prática, a importância dos templos para seus usuários, identificar alguns aspectos físicos que devem ser valorizados, características que são importantes nestes espaços, além de adquirir uma melhor compreensão do valor destes templos para seus fiéis.

Mesmo que, arquitetonicamente, estas edificações não aparentem ter grande relevância, sua importância estaria guardada nos aspectos relacionados ao uso e apropriação destes espaços, fazendo surgir o lugar. Deste modo, é possível compreender que a arquitetura, para além de sua aparência física, pode guardar um grande valor para aqueles que utilizam seu espaço, pois sua importância extrapola sua aparência. Pallasmaa (1986) afirma que, por vezes, construções modernas não tocam os sentimentos dos sujeitos, enquanto velhas casas podem gerar intimidade e prazer. De igual modo, edificações aparentemente insignificantes podem adquirir importância a partir outros aspectos, como no caso de alguns templos evangélicos.

Pallasmaa (1986) acredita que a arquitetura deve despertar a imaginação, e uma boa arquitetura não deve ser projetada para atender necessidades de homens reais, mas de homens idealizados. Pode-se complementar esta assertiva sinalizando que esta arquitetura, construída para homens idealizados, pode adquirir vida ao ser habitada por homens comuns, fazendo surgir a possibilidade da construção do lugar nestes espaços. Deste modo, os templos evangélicos cumpririam também sua função de acolher o homem imperfeito na chamada Casa de Deus e torná-lo melhor mediante a participação naquele ambiente, apropriando-o.

Esta dissertação procurou apresentar um panorama geral dos templos evangélicos, tanto em sua configuração espacial, quanto no valor dado a estes espaços por seus usuários. Espera-se que a mesma sirva contribua para uma melhor compreensão das formas de apropriação do espaço religioso por quem o utiliza, servindo para compreender estes edifícios que se apresentam diferenciadamente nas áreas urbanas. As informações adquiridas com este estudo também podem contribuir para trazer melhorias físicas aos templos evangélicos abordados, revelando áreas consideradas mais significativas pelos fiéis ou partes do templo que necessitem de melhorias.

Espera-se que a pesquisa contribua para a ampliação dos conhecimentos na área, trazendo maiores informações sobre o espaço construído pelos evangélicos. Como são escassas as pesquisas sobre a arquitetura religiosa evangélica no país, espera-se que este trabalho possa servir para aprofundar investigações posteriores em arquitetura e urbanismo e também em outras áreas de conhecimento. Assim, poderão ser abordadas questões referentes ao sentido do habitar nos templos religiosos, à influência destas edificações em seu entorno, além de fatores estéticos, funcionais e outras possibilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUMANSSUR, Edin S. Moradas de Deus: representação arquitetônica do espaço sagrado entre protestantes e pentecostais. 2001. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. As Moradas de Deus: Arquitetura de Igrejas Protestantes e Pentecostais. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2004.

ALMEIDA, Ronaldo de. Religião na metrópole paulista. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 19, n. 56, p.15-27, 2004.

ARCHIMON. First Protestant Churches. 2010. Disponível em: <<http://www.archimon.nl/history/firstprotestantchurches.html>>. Acesso em: 11 jun.2010.

ARGAN, Giulio Carlo. História Da Arte Como História Da Cidade. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. Sobre Tipologia em Arquitetura. In: NESBIT, Kate (org.). Uma nova Agenda para a Arquitetura: Antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p. 267-272.

AUGÉ, Marc. Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papyrus, 1994, p.71-105.

BACHELARD, Gaston. A poética do Espaço. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 183-354.

BENÉVOLO, Leonardo. Introdução à arquitetura. Tradução Maria Manuel Ribeiro. Lisboa, Edições 70, 2007.

_____. História da Arquitetura Moderna. São Paulo: Perspectiva, 2004, 3ª ed.

BRASIL. Constituição (1824). Constituição Política da República do Brasil, de 25 de março de 1824, at.5º, 1824.

_____. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Censo Demográfico. 2000. Disponível em: <<http://www.mai.org.br>>. Acesso em: 15 jun. 2010.

BROADBENT, Geoffrey. Um guia pessoas descomplicado da teoria dos signos na arquitetura. In: NESBIT, Kate (org.). Uma nova Agenda para a Arquitetura: Antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p.142-159.

BUGGELN, Gretchen T. Sacred Spaces. 2004. Disponível em <<http://www.religion-online.org/showarticle.asp?title=3061>>. Acesso em: 01 set.2010.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Os Mapas, Atores e Números da Diversidade Religiosa Cristã Brasileira: Católicos e Evangélicos entre 1940 e 2007. Revista Estudos da Religião, São Paulo, p.9-47, dez. 2008.

CARLOS, Ana Fani. “Novas” contradições do espaço. In: DAMIANI et al. (org.). O espaço no fim do século: a nova raridade. Ed. Contexto, São Paulo, 2001, p.62-74.

_____. O lugar no/do mundo. São Paulo: Labur Edições, 2007.

CARSALADE, Flavio de Lemos. Desenho Contextual: Uma abordagem fenomenológico-existencial ao problema da intervenção e restauro em lugares especiais feitos pelo homem.

2007. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

CARVALHO, José Felício; VERGARA, Sylvia Constant. Fenomenologia e a Pesquisa dos Espaços de Serviços. Revista de Administração de Empresas, FGV-EAESP, São Paulo, p.78-91, jul. 2002.

CASTELLO, Lineu. A Percepção de Lugar: repensando o conceito de lugar em arquitetura-urbanismo. Porto Alegre: PORPAR-UFRGS, 2007.

CERTEAU, Michel de. Andando na cidade. Trad. Anna Olga Barreto. In: REVISTA do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, Rio de Janeiro, n. 23, p. 21-31, 1993.

CERVEIRA, Sandro A. Protestantismo Tupiniquim, Modernidade e Democracia: limites e tensões da(s) identidade(s) evangélica(s) no Brasil contemporâneo. Revista Estudos da Religião, São Paulo, p.27-53, mar. 2008.

CLIPART ETC. St. Peter's Basilica. 2004, il. color. Disponível em: <http://etc.usf.edu/clipart/73700/73703/73703_st_peters.htm>. Acesso em: 07 abr. 2011.

COLLINSON, Patrick. A Reforma. Tradução: S. Duarte. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

COLOSSENSES. In: A BÍBLIA SAGRADA. Nova Versão Internacional. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo, 2008, p. 1260.

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ENGLER, Steven. A estética da religião. In: USARSKI, Frank (org.). O espectro disciplinar da Ciência da Religião. São Paulo, Paulinas, 2007, p.199-227.

ESTRADA, Juan Antonio. Para compreender como surgiu a igreja. Tradução José Afonso Beraldim. São Paulo: Ed. Paulinas, 2005.

FERRARE, Josimary P. A Cidade de Marechal Deodoro: do projeto colonizador português à imagem do “Lugar Colonial”. 2006. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade de Porto, Portugal, 2006, p. 246-282.

FRADE, Gabriel. Arquitetura Sagrada no Brasil. São Paulo: Loyola, 2007.

FRAMPTON, Kenneth. Uma leitura de Heidegger. In: NESBIT, Kate (org.). Uma nova Agenda para a Arquitetura: Antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p.474-480.

GEIER, Vivian K. Marcos do patrimônio Batista em Alagoas. 2008. Trabalho Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008.

GOITIA, Fernando C.(org.). História Geral da Arte: Arquitetura I. Tradução Letras S L. Espanha. Ediciones Del Prado, 1995.

GOMBRICH, E.H. A História da Arte. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.

GOZZOLI, Maria Cristina. Como reconhecer a arte gótica. Trad. Carmen de Carvalho. Portugal, Edições 70, 1978.

GREAT BUILDINGS. Ilustrações diversas. Disponível em:<www.greatbuildings.com>. Acesso em: 06. Abr. 2011.

HAUSER, Arnold. História Social da Arte e da Literatura. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

- HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar, Pensar. Tradução: Maria Sá Schumbach. Neske, Pfullingen, 1954. Disponível em: <http://www.prourb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf>. Acesso em: 10 abr.2011.
- HURLBUT, Jesse Lyman. História da Igreja Cristã. 1967. São Paulo: Ed. Vida, 2002.
- JACQUES, Paola B. Estética da Ginga. 3ª Ed. Salvador: Casa da Palavra, 2007.
- JANSON, H. W. et al. Iniciação à História da Arte. Trad. Jefferson Luis Camargo. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- JOHNSON, Paul. História do Cristianismo. Tradução Cristiana de Assis Serra. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2001.
- KILDE, Jeanne Halgren. When Church Became Theatre. New York, Oxford University Press, 2002.
- KOCH, Wilfred. Dicionário dos Estilos Arquitetônicos. Trad. Neide Luzia de Rezende. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- LE GOFF, Jacques. História e Memória. 4ª Ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.
- LINGERFELT, James Elmer. A construção do templo evangélico. Ginásio Taylor-Egídio, Jaguaquara, BA, [194-?].
- LIRA, Elza Maria Rabelo. Por uma significação da moradia: um estudo de caso em Maceió - AL. 2009. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.
- MAFRA, Clara. Os Evangélicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- _____. Casa dos Homens, Casa de Deus. Revista Análise Social. Universidade de Lisboa. Vol. XLII, n.º 182, p. 145-161, 2007.
- MALARD, Maria Lucia. O método em arquitetura: conciliando Heidegger e Popper. Cadernos de arquitetura e urbanismo, Belo Horizonte, v.8, n.8, pp. 128-154, fev. 2001.
- MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo, Edições Loyola, 1999.
- MEIN, John. A causa Baptista em Alagoas. Recife: Typographia do CAB, 1929.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Aste, 1995.
- MONTEIRO, Laércio M. de Amorim. Igreja Batista do Farol (1917-2007): 90 anos de uma comunidade missionária. Maceió: Ed. Catavendo, 2007.
- MUMFORD, Lewis. A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MUSÉE PROTESTANT. Musée Du Protestantisme Français. 1995. Disponível em: <<http://www.museeprotestant.org/Pages/Notices.php?scatid=128¬iceid=185&lev=>>>. Acesso em: 11 jun.2010.
- NORBERG-SCHULZ, C. O fenômeno do lugar. In: NESBIT, Kate (org.). Uma nova Agenda para a Arquitetura: Antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p. 443-460.
- _____. O pensamento de Heidegger sobre arquitetura. In: NESBIT, Kate (org.). Uma nova Agenda para a Arquitetura: Antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p. 461-474.

NUNES, Élton de Oliveira. Conflito E Exclusão: O Conceito De Pós-Modernidade E Sua Recepção No Meio Protestante Brasileiro. Revista Brasileira de História das Religiões, Curitiba, ano I, n. 3, p.59-78, jan. 2009.

OBERLIN. Igreja de St. Sernim. il. color. Disponível em: <<http://www.oberlin.edu/images/Art200-08/Art200.html>>. Acesso em: 06 abr. 2011.

PALLASMAA, Juhani. A Geometria Do Sentimento: Um Olhar Sobre A Fenomenologia Da Arquitetura. In: NESBIT, Kate (org.). Uma nova Agenda para a Arquitetura: Antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p.481-489.

PASSOS, João Décio; GUERRIERO, Silas. Metamorfozes Religiosas No Centro Antigo De São Paulo: Variações Sobre A Paisagem E O Espaço. Revista Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 6, n. 6, p.117-133, out. 2004.

PRADO, Evilásio Rodrigues. Conquistando Alagoas para Cristo: breve história dos batistas de Alagoas. Maceió: E.R.Prado, 2008.

PRIMEIRA IGREJA EVANGÉLICA BATISTA DE MACEIÓ. Acervo fotográfico. Fotografias diversas, [19--].

RAMALLO, Germán. Saber Ver a Arte Românica. Trad. Jamir Martins. Coleção Saber ver a arte. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ROMANOS. In: A BÍBLIA SAGRADA. Nova Versão Internacional. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo, 2008, p.1154.

ROSSI, Aldo. A arquitetura da cidade. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

STAN, Gilberto. Disputa religiosa pelo espaço público reconfigura metrópole contemporânea. Revista diverCidade, São Paulo, n. 17, 2008.

THEIJE, Mario de. Religião e Transformações Urbanas em Recife, Brasil. Revista Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 8, n.8, p.63-84, out.2006.

TOPICS IN MEDIEVAL ART. Early Chistian and Bizantine. il. color. Disponível em: <<http://www.fpa.yzu.edu/~slsmith/ecbyzwebpage/ecbyz.html>>. Acesso em: 06 abr. 2011.

UPJOHN, E. et al. História mundial da Arte. Trad. Maria Benedicta Monteiro. Vol. 2. Editora Martins Fontes, 1979.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. Trad. Pietro Nasseti. 4 ed. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2009

WIKIPEDIA. Ilustrações diversas. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/>> Acesso em 08 abr. 2011.

VIOLA, Frank. Cristianismo Pagão. Virtual Books. [S.I.: s.n.], 2005. Disponível em: <http://www.geocities.com/projetoperiferia6/cristianismopagao1808_05.htm>. Acesso em: 02 ago. 2010.

ZEVI, Bruno. Saber ver a Arquitetura. Trad. Maria Isabel Gaspar, Gaetan Martins Oliveira. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1978.

APÊNDICES

APÊNDICE 01 – QUESTIONÁRIO PILOTO

QUESTIONÁRIO PILOTO - Pesquisa de Mestrado

Dissertação - Templos Evangélicos: configurações e importância do espaço religioso em Maceió, Alagoas

Pesquisadora - Vivian Kruger Geier

Nº:

Data:

Igreja:

A. IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

1. Nome:

2. Sexo: F M

3. Idade:

até 20 anos 21 a 40 anos 41 a 60 anos mais de 60 anos

4. Escolaridade:

1º grau inc. 1º grau comp. 2º grau comp. sup. inc. sup. comp. analf.

5. Renda:

até 2 salários 3 a 6 salários mais de 6 salários

6. Bairro onde mora:

B. RELAÇÃO COM A IGREJA

1. Há quanto tempo frequenta esta igreja?

menos 6 meses até 3 anos 3 a 10 anos mais de 10 anos

2. Costuma vir sozinho? Se não, quem o acompanha?

sim não - familiares amigos vizinhos

3. Frequentava outro templo evangélico antes deste? sim não

Se sim, de qual denominação?

4. Com que frequência costuma vir à igreja?

diariamente 1 a 3 vezes semanais quinzenal. mensalm. raramente

5. Qual seu vínculo com a igreja?

apenas frequentador membro batizado líder de grupo ou ministério/diácono

ministro/obreiro/missionário/pastor/bispo/etc.

6. De que forma participa das atividades da igreja?

apenas frequenta os cultos

trabalha em alguma atividade durante os cultos (recepção, crianças, estudos, música, etc.)

participa de atividade extra culto (encontros etários, estudos, cultos em lares, reuniões, esportes, visitas, coral, etc.)

7. Se tivesse de ir para outra igreja, o que levaria desta? (pode ser algo físico, sensação, pessoas, partes da celebração, grupos, infra-estrutura, ou outra coisa)

8. O que você acha da aparência da entrada dessa igreja?

não gosto - feia/estranha gosto - bonita

lembra outro lugar mudaria um pouco

9. O que nessa entrada/fachada lhe chama mais a atenção?

10. Você acha que esta igreja está numa boa localização? Por quê?

E. QUANTO À COMPREENSÃO DE TEMPLO

1. 1. Complete a frase como quiser: "Para você um templo é..."

2. O que o templo (espaço físico) lhe representa? Qual a importância que ele possui?

3. O que você considera que não pode faltar em um templo, em termos de estrutura física? Por quê?

4. Existe algum templo em Maceió que você considere muito bonito? Qual? Por quê?

APÊNDICE 02 - RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO PILOTO

A seguir, constam os resultados obtidos com a aplicação do Questionário Piloto. Foram aplicados 27 questionários, sendo 15 aplicados na Igreja Batista e 12 aplicados na igreja Assembléia de Deus. Quando os números relacionados aparecem em parênteses, referem-se à quantidade de vezes que a resposta foi citada pelos entrevistados.

A. IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

Questão		Batista	Assembléia	Total
1. Sexo:	Masculino	6	5	11
	Feminino	9	7	16
2. Idade:				
	Até 20 anos	2	1	3
	21 a 40 anos	8	5	13
	41 a 60 anos	5	5	10
	Mais de 60 anos	0	1	1
3. Escolaridade:				
	1º grau incompl.	2	3	5
	1º grau completo	1	1	2
	2º grau	3	7	10
	Superior incompleto	5	0	5
	Superior completo	4	1	5
	Analfabeto	0	0	0
4. Renda:				
	Até 2 salários	3	3	6
	3 a 6 salários	9	9	18
	Mais de 6 salários	3	0	3
5. Bairro onde mora:				
	Próximo ao templo	8 - Levada, Ponta Grossa, Prado	11 - Ponta Grossa, Prado, Vergel, Joaquim Leão, Trapiche	19
	Afastado do templo	7 - Jatiúca, Feitosa, Jacarecica, Novo Mundo, Pinheiro	1 - Farol	8

B. RELAÇÃO COM A IGREJA

Questão		Batista	Assembléia	Total
1. Tempo que frequenta a igreja	Menos de 6 meses	0	0	0
	Até 3 anos	5	4	9
	3 a 10 anos	4	0	4
	Mais de 10 anos	6	8	14
2. Costuma vir sozinho?	Sim	0	1	1
	Não	15	11	25
3. Frequentava outro templo evangélico antes deste? Se sim, qual denominação?	Sim	12	5	17
	Não	3	7	10
	Denominação:	Batista (9), Universal do Reino de Deus (2), Quadrangular (1)	Assembléia (3), Batista (1), Testemunha de Jeová (1)	
4. Frequência com que costuma vir à igreja:	Diariamente	0	1	1
	1 a 3 vezes por semana	14	11	25
	Raramente	1	0	1
5. Vínculo com a igreja:	Frequenteador	1	0	1
	Membro	11	9	20
	Líder de grupo	3	3	6
	Pastor/ministro	0	0	0
6. Formas como participa das atividades da igreja	Apenas frequenta os cultos	1	1	2
	Auxilia durante os cultos	11	8	19
	Auxilia atividade extra culto	14	10	24
7. Motivo de escolha da igreja:	Doutrina denominacional	4	1	5
	Gosta das pessoas	4	1	5
	Gosta das atividades	1	3	4
	Se sente bem	5	3	8
	Proximidade de casa	4	3	7
	Gosta do templo	0	0	0
	* Outro motivo apontado: por causa da família			

C. QUANTO ÀS ATIVIDADES E A IGREJA

Questão		Batista	Assembléia	Total
1. Qual o momento que considera mais importante ao estar na igreja?	Cultos	12	12	24
	Comunhão	2	0	2
	Estudos bíblicos	1	0	1
	Reuniões, ensaios, outros	0	0	0
2. Este momento (resposta anterior) precisa ocorrer no templo?	Sim	1	0	1
	Não	14	12	26
3. Qual desses momentos mais gosta de participar?	Cultos	5	7	12
	Comunhão	2	0	2
	Estudos bíblicos	3	1	4
	Reuniões, ensaios, outros	5	4	9
2. Este momento (resposta anterior) precisa ocorrer no templo?	Sim	1	0	1
	Não	14	12	26
5. Qual sensação esses momentos significativos lhe trazem?		Paz (6); Comunhão (4); Felicidade e alegria (6); tranqüilidade; presença/proximidade de Deus; intimidade com Deus; bem estar; momentos bons; interação; comunhão; descontração; reflexão; edificação; como se tivesse nascido de novo; inexplicável/sem palavras; uma bênção; satisfação; coisa boa;	De conhecimento; desejo que todos sintam o que eu sinto, me sinto bem e quero que todos estejam assim; conhecer Deus; edificação; aprendizado, conhecimento; alegria (2), felicidade; coisa boa, não sei explicar; presença do Espírito Santo; sinto que estou trabalhando para Deus e adorando a Ele; me	-

			sinto bem (2);	
6. O espaço físico do templo atende a essas atividades (respostas acima) de forma satisfatória? Por quê?	Sim	11	6 - mas pode melhorar; poderia ser maior;	17
	Não	4 - pois é pequeno ou não há espaço específico para algumas atividades; falta uma estrutura melhor; as atividades se atrapalham.	6 - precisa de melhorias; não comporta as atividades, tanto que existe uma extensão fora, um salão; a igreja é antiga, não tem conforto; é pequeno (3)	10

D. QUANTO AO ESPAÇO FÍSICO DO TEMPLO

Questão		Batista	Assembléia
1. De 0 a 10, diga o quanto gosta deste templo?	0 - 3	0	0
	4 - 7	4	6
	8 - 10	11	6
2. Qual principal sensação que este espaço lhe transmite? O que você sente neste espaço?	Paz (3); conforto (3); Alegria e felicidade (5); me sinto em casa, refugio; familiaridade (3); é agradável; prazer de estar em comunhão com os irmãos; comunhão com Deus; de estar na casa de Deus; Nada.	Segurança, esperança, força; Sinto a presença de Deus, mas isso pode ser em qualquer canto; Amo esse lugar; Alegria (2); Paz (2); sensação boa (4); Presença do senhor; Sinto o poder de Deus; Desconforto do templo; Nada.	
3. O que você mais gosta neste espaço?	Ar condicionado (5); Tamanho do templo (6); de adorar ao Senhor aqui; conforto; som; gostava das janelas abertas pois via o céu; cor, pois o branco dá sensação de mais espaço; batistério.	Púlpito (2); do espaço (1); o ambiente (1); departamento de crianças, é muito bom um espaço separado para elas (1); tudo (1); cantar no coro (1); ficar na porta (1); nada (3); não sei dizer (1).	
4. O que você menos gosta neste espaço?	Bancos e cadeiras (7); nada (4); som alto; não é simétrico; entrada estranha; teto e forro de PVC por problemas de infiltração.	Bancos/cadeiras (4); o banco dos auxiliares (muito quente); templo é pequeno (2); menino mexendo nas coisas; nada; barulho; calor, falta ventiladores;	

		espaço pequeno.	
5. O que mais lhe chama a atenção neste espaço?	organização espacial (2); tamanho do templo (3); espaço do púlpito/toda plataforma (8); decoração; detalhe de desnível nas paredes próximas ao coro e batistério.	organização espacial; tamanho do templo; púlpito (2); iluminação; gosto da água geladinha, banheiros arrumados; poderia ser maior; altura do templo; nada (4);	
6. Cite uma melhoria física que poderia ocorrer neste espaço.	bancos (5); acústica (2); nada (2); criação de uma galeria ou arquibancada superior (2); ar condicionado, que às vezes é muito frio; as saídas laterais ao lado do coro, que parecem confusas e mal projetadas; a divisão de espaços na plataforma; a possibilidade de ver o céu, o que acontecia quando as janelas ficavam abertas; mudaria o acesso ao santuário, deixando-o mais reservado para não atrapalhar as cerimônias.	Aumentar o tamanho (6); Ventiladores melhores; ventilação ou ar condicionado (2); Cadeiras fofas, ar condicionado; Os bancos; Ar condicionado.	
7. Se tivesse de ir para outra igreja, o que levaria desta?	Pessoas (8); comunhão com os outros (2); estrutura da igreja, doutrina, ar condicionado, reverência, mensagem, partes da celebração	Irmãos (4); amizade; os adolescentes; saudade (2); mensagem; louvor; a Palavra de Deus e o que eu aprendi; não sei dizer;	
8. O que você acha da aparência da entrada da igreja?	Não gosto/ estranha	1	2
	Gosto/ bonita	6	5
	Lembra outro lugar	0	0
	Mudaria um pouco	8	5
9. O que na entrada/fachada lhe chama mais atenção?	Nada/nunca reparei (4); nome da igreja/letreiro (3); jardim, mas o portão não combina; iluminação verde na grama; a entrada de veículos (não é boa); grade na frente; jardim; porta, quando entra; parte	Acho bom porque é tudo igual (as Assembléias) (1); a cor; as letras; nada (5); grade (3); O estilo antigo do prédio;	

		curva da fachada; toda ela – olha e sabe que é uma igreja.	
10. Você acha que esta igreja está numa boa localização? Por quê?	Sim	11 - pela facilidade de acesso e pela necessidade religiosa da área	11- mas falta espaço para estacionamento, o povo faz os espaços sem pensar antes; é visível, rua espaçosa (2); é tranquilo para uma igreja; é um lugar civilizado; é um lugar acessível e tem ponto de ônibus perto;
	Não	4 - devido ao tráfego intenso da avenida e perigo da área (considerada violenta).	1 - porque é muito perigoso por causa das crianças, o espaço é pequeno e quando sai já é na pista;

E. QUANTO À COMPREENSÃO DE TEMPLO

Questão	Batista	Assembléia
1. Complete a frase como quiser: “Para você um templo é...”	Lugar de adoração (3); A casa de Deus (2); Lugar sagrado; Lugar de integração; Espaço onde nos reunimos para adorar e reverenciar a Deus; Ligação com Deus; Lugar de comunhão; Uma bênção; As pessoas; Minha casa santa; A morada do Senhor; Sagrado.	Tudo; Ótimo; Socorro de Deus; Lugar onde a gente se reúne para ouvir a palavra de Deus; Local onde a gente se congrega e sente a presença do Senhor; Espaço onde venho adorar a Deus; Casa de oração; Uma casa; Meu refúgio; Um lugar sagrado; De Deus; Um local particular/específico para falar com Deus.
2. O que o templo (espaço físico) lhe representa? Qual a importância que ele possui?	Representa a igreja, espaço para cultuar; Casa de Deus; Representa união do povo de Deus para louvar e edificar vidas; Lugar onde aprendo mais de Deus e tenho comunhão com outros irmãos; Onde podemos nos reunir com segurança e comodidade; É buscar o Senhor; É um marco para as pessoas, lugar diferente, referencial onde posso encontrar Deus; Aconchego para adorar a Deus com o resto do povo de Deus;	É uma saída; É como um pronto socorro espiritual; Onde a gente se reúne com o resto do povo de Deus; Traz união; Chama a atenção dos pecadores; Nele eu venho me fortalecer, buscar algo novo; Aqui aprendo coisa boa, que vem do céu, de Deus; É importante porque transmite a palavra; Não sei dizer; Lugar de adoração, de buscar ao Senhor; Ali a gente vai se encontrar com

	<p>Importante para a comunhão, crescimento espiritual, estudo da palavra de Deus;</p> <p>Importante para ouvir a palavra de Deus, estar em comunhão com os irmãos;</p> <p>Traz comunhão com os irmãos, adoração a Deus;</p> <p>Espaço para reunir-se em comunhão com os irmãos e continuar sua adoração;</p> <p>Muita importância, porque todos me recebem bem;</p> <p>Lugar de estar reunido com Jesus;</p> <p>Casa de oração, lugar de comunhão com Deus.</p>	<p>Deus, louvar a Ele;</p> <p>Serve de refúgio;</p>
<p>3. O que você considera que não pode faltar em um templo, em termos de estrutura física? Por quê?</p>	<p>O santuário como um todo, precisa de espaço para se reunir;</p> <p>Batistério, espaço do coro;</p> <p>Plataforma elevada, que dá uma visão geral para que assiste;</p> <p>Bancos, lugar silencioso, tranqüilo;</p> <p>Uma boa acústica, cadeiras, climatização;</p> <p>Mensagem, louvor;</p> <p>Bancos confortáveis; cadeiras para sentar;</p> <p>Púlpito; Batistério;</p> <p>Bancada, som, extintores de incêndio, data show;</p> <p>Espaço; Teto.</p> <p>Água, banheiro que funcione bem;</p> <p>Instalações, bancos, banda;</p>	<p>Bíblia;</p> <p>Assistência ao povo;</p> <p>Som, sem isso, como o povo vai ouvir? Por causa do tamanho do templo;</p> <p>Cadeiras (2);</p> <p>Espaço;</p> <p>Espaço para divisão dos departamentos (diferentes atividades);</p> <p>Copo, água, papel higiênico, pagar as contas em dia;</p> <p>Pastor e a palavra;</p> <p>Iluminação boa; Luz;</p> <p>Organização.</p>
<p>4. Existe algum templo em Maceió que você considere muito bonito? Qual? Por quê?</p>	<p><u>Não</u> (1)</p> <p><u>Sim</u> (14):</p> <p>- Igreja Batista do Farol (7): gosto da acústica, do jeito do santuário, do prédio bem dividido; é toda bonita a partir da grade, é organizada, estruturada, bem cuidada; admiro o jardim, o espaço físico grande, estacionamento amplo, acho tudo bonito; espaçosa, fica solta no terreno; a frente é</p>	<p><u>Não</u> (2): Não olho isso na igreja, esses detalhes;</p> <p><u>Sim</u> (10):</p> <p>- Assembléia do Pinheiro, ela chama a atenção;</p> <p>- Assembléia do Farol, pelo espaço que tem;</p> <p>- Assembléia do Stella Maris, porque é organizada, pequena;</p> <p>- As Assembléias, cada uma tem uma diferença, mas em qualquer uma é bem recebido;</p>

	<p>bonita; jardim e fachada, o verde, a natureza; o espaço interno é bem dividido; jardim na frente e recuo, mobilidade no espaço;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Igreja Batista El Shadday, Jatiúca (2): é moderna, decorada; painel no interior é bonito; - Igreja Batista da Comunhão, Stella Maris (1): no interior, mas não na fachada; - Igreja Batista Betel, Jaraguá (1): é menor, mas bem aconchegante; - Igreja Universal do Reino de Deus, Mangabeiras (2): bem aberta, detalhada; é monstruosa, mas acho bonito; por causa do tamanho, do espaço na frente dela; 	<ul style="list-style-type: none"> - Igreja Batista do Farol: é grande, espaçosa. - Igreja Batista Betel: a estrutura é bonita, as folhagens dentro do templo na parede são lindas; - Igreja Universal do Reino de Deus, Mangabeiras (2): o estilo dela é lindo, se pudesse compraria aquele templo e traria para a Assembléia; pela beleza física, pelo tamanho; - Igreja dos mórmons: bonita só por fora, nunca entrei lá; - Catedral de Maceió (católica), pela sua parte histórica
--	--	---

APÊNDICE 03 – QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO - Pesquisa de Mestrado

Dissertação - Os Templos Evangélicos, suas configurações espaciais e seu valor para os usuários em Maceió, Alagoas

Pesquisadora - Vivian Kruger Geier

Igreja:	Nº:
	Data:

A. IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

1. Sexo: F M

2. Idade:

até 20 anos 21 a 40 anos 41 a 60 anos mais de 60 anos

3. Escolaridade:

1º grau inc. 1º grau comp. 2º grau comp. sup. inc. sup. comp. analfab.

4. Renda familiar:

até 2 salários mínimos 3 a 6 salários mais de 6 salários

5. Bairro onde mora:

B. RELAÇÃO COM A IGREJA E SUAS ATIVIDADES

1. Há quanto tempo frequenta esta igreja?

menos 6 meses até 3 anos 3 a 10 anos mais de 10 anos

2. Com que frequência costuma vir à igreja?

diariamente 1 a 3 vezes semanais quinzenal. mensalm. raramente

3. De que forma participa das atividades da igreja?

apenas frequenta os cultos

trabalha em alguma atividade durante os cultos (recepção, crianças, estudos, música, etc.)

participa de alguma atividade extra culto (encontros etários, estudos, cultos em lares, reuniões, esportes, visitas, coral, etc.)

C. QUANTO ÀS ATIVIDADES DA IGREJA

1. Qual momento considera mais importante ao estar na igreja?

momentos de culto estudos bíblicos /cultos domésticos

comunhão com outros reuniões/ensaios/visitas/atividades outras

2. Este momento (resposta acima) precisa, necessariamente, ocorrer no templo?

sim não

3. Qual desses momentos mais gosta de participar?

momentos de culto estudos bíblicos /cultos domésticos
 comunhão com outros reuniões/ensaios/visitas/atividades outras

4. Este momento (resposta acima) precisa, necessariamente, ocorrer no templo?

sim não

D. QUANTO AO ESPAÇO FÍSICO DO TEMPLO

1. O espaço físico do templo atende bem às atividades que a igreja possui? Por quê?

2. De 0 a 10, diga o quanto gosta do espaço desse templo (da parte física)?

3. Qual a sensação, ou o que você sente, quando está no espaço do templo?

4. Existe alguma coisa que você goste muito ou que lhe chame a atenção neste espaço?

5. Diga alguma coisa neste espaço que você não goste ou ache que precisa melhorar.

6. Digamos que você tivesse de ir para outra igreja. Se pudesse levar qualquer coisa daqui, o que levaria?

7. Você gosta da aparência da entrada dessa igreja? Por quê?

Sim Não

8. Existe algo nessa entrada/fachada que lhe chame a atenção ou que poderia melhorar?

9. Você acha que esta igreja está bem localizada? Por quê?

Sim Não

E. OUTRAS POSSIBILIDADES

1. Complete a frase como quiser:

Para mim, um templo é...

2. O que você acha que não pode faltar em uma igreja (fisicamente/no espaço)?

3. Existe algum templo em Maceió que você considere muito bonito? Qual? Por quê?

APÊNDICE 04 - RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO - IGREJA 1

IGREJA: BATISTA CINCO DE MAIO

A. IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

Questão:		Respostas:
1. Sexo:	Feminino	7
	Masculino	3
2. Idade:		
	Até 20 anos	0
	21 a 40 anos	7
	41 a 60 anos	2
	Mais de 60 anos	1
3. Escolaridade:		
	1º grau incompleto	0
	1º grau completo	0
	2º grau	3
	Superior incompleto	2
	Superior completo	5
	Analfabeto	0
4. Renda:		
	Até 2 salários min.	3
	3 a 6 salários	6
	Mais de 6 salários	1
5. Bairro onde mora:		
	Próximo ao templo:	7 - Ponta Grossa; Trapiche da Barra; Centro;
	Afastado do templo:	3 - Poço; Antares.

B. RELAÇÃO COM A IGREJA E SUAS ATIVIDADES

Questão:		Respostas:
1. Tempo que frequenta a igreja	Menos de 6 meses	1
	Até 3 anos	3
	3 a 10 anos	2
	Mais de 10 anos	4
2. Com que frequência costuma vir à igreja?		
	Diariamente	1
	1 a 3 vezes por semana	9
3. De que forma participa das atividades da igreja?		
	Apenas frequenta os cultos	0
	Auxilia durante os cultos	8
	Auxilia atividade extra culto	7

C. QUANTO ÀS ATIVIDADES DA IGREJA

Questão:	Respostas:	
1. Qual o momento que considera mais importante ao estar na igreja?	Cultos	9
	Comunhão	3
	Estudos bíblicos	4
	Reuniões, ensaios, outros	3
2. Este momento (resposta anterior) precisa ocorrer no templo?	Sim	1
	Não	9
3. Qual desses momentos mais gosta de participar?	Cultos	7
	Comunhão	3
	Estudos bíblicos	3
	Reuniões, ensaios, outros	4
2. Este momento (resposta anterior) precisa ocorrer no templo?	Sim	3
	Não	7

D. QUANTO AO ESPAÇO FÍSICO DO TEMPLO

Questão:	Respostas:
1. O espaço físico do templo atende bem às atividades que a igreja possui? Por quê?	<p>Sim (7) Não (3)</p> <ul style="list-style-type: none"> - no momento sim, a quantidade (de pessoas) aumenta gradativamente; - não, sinto a necessidade de mais salas; - no momento sim (2); - sim quanto ao espaço, só falta bancos/cadeiras mais confortáveis; - no momento sim, porque estamos em fase de crescimento; - não, ele precisa ser ampliado; - não, precisamos de mais espaço para atendimento social; - sim, suporta bem a membresia (2).
2. De 0 a 10, diga o quanto gosta do espaço desse templo (da parte física)?	8,0 / 7,5 / 8,0; / 9,0 / 9,0 / 9,0 / 8,0 / 5,0 / 8,0 / 9,0
3. Qual a sensação, ou o que você sente, quando está no templo?	<ul style="list-style-type: none"> - sensação de paz e segurança; - sinto bem, porém sei que poderia ser melhor; - perto da comunhão com irmãos; - me sinto amada, valorizada; - de paz, felicidade, uma união espiritual indescritível; - uma satisfação muito grande; - me sinto satisfeito para atividades normais; - sensação agradável (2);

	- satisfação e prazer
4. Existe alguma coisa que você goste muito ou que lhe chame a atenção neste espaço?	<ul style="list-style-type: none"> - não (5); - não, para mim é apenas um local onde se reúne para comunhão e adoração; - gosto do espaço (por trás do santuário), antigamente não tinha (aconchegante); - o batistério; - o templo; - tudo.
5. Diga alguma coisa neste espaço que você não goste ou ache que precisa melhorar.	<ul style="list-style-type: none"> - as salas da escola bíblica (EBD); - teto do santuário; - nada (4); - portas e janelas; - sala de jovens; - poderia climatizar; - limpeza.
6. Digamos que você tivesse de ir para outra igreja. Se pudesse levar qualquer coisa daqui, o que levaria?	<ul style="list-style-type: none"> - o templo; - não teria; - lembranças boas; - o pastor e sua família e alguns irmãos; - nada, pois tudo faria falta; - as salas de crianças; - não sei (2); - nada; - toda a igreja.
7. Você gosta da aparência da entrada dessa igreja? Por quê?	<p>(8) Sim (2) Não</p> <ul style="list-style-type: none"> - sim, entrada moderna e de destaque; - não, é muito antiga; - agora é mais claro, mais visível, o povo observa mais; - sim, porque é uma fachada de igreja mesmo; - não, gosto de fachadas modernas; - parece uma igreja.
8. Existe algo nessa entrada/fachada que lhe chame a atenção ou que poderia melhorar?	<ul style="list-style-type: none"> - já foi melhorando, coberta. Falta apenas cobrir a entrada; - sim, melhorar a semelhança com Igreja católica - vai melhorar com as portas de vidro que vão colocar - não sei; - não (4); - tudo; - deixar como está.
9. Você acha que esta igreja está bem localizada? Por quê?	<p>(9) Sim (2) Não</p> <ul style="list-style-type: none"> - sim, próximo do Centro e vários pontos conhecidos; - sim, porque fica localizada em uma rua com bom acesso; - sim, para o fim que se propõe pois tem uma vizinhança bastante grande para se alcançada; - sim, pois é perto de ônibus, é visível para quem espera no ponto; - sim, numa principal; - sim, porque é centralizada; - não, rua apertada; - sim e não. Se a missão da igreja for a de ganhar o Prado para Cristo, ela está bem localizada. Se for marcar presença na mídia (referência

	na cidade), está mal localizada; - uma via de fácil acesso.
--	--

E. OUTRAS POSSIBILIDADES

Questão:	Respostas:
1. Complete a frase como quiser: “Para mim, um templo é...”	<ul style="list-style-type: none"> - uma bênção, uma sensação de paz enorme; - um espaço físico onde nos reunimos para buscar a presença de Deus; - lugar de ajuntamento; - importante para o crescimento espiritual; - uma estrutura física, muito importante para encontros cristãos; - material, físico. O que faz o templo importante são as igrejas vivas dentro dele; - estrutura física para adoração; - o lugar onde nos reunimos para adoração e comunhão com os irmãos; - o lugar onde a igreja se reúne para celebrar ao Senhor; - apenas um local de reunião.
2. O que você acha que não pode faltar em uma igreja (fisicamente/no espaço)?	<ul style="list-style-type: none"> - bancos, cadeiras, armários nas salas de EBD; - o santuário; - não pode ter algo que provoque distração do sentido (barulho, desconforto); - os móveis necessários; - bancos e ventiladores; - lâmpadas, bancos, pessoas; - estrutura básica para o encontro; - o santuário; - uma boa sonorização; - pessoas e espaço para abrigá-las.
3. Existe algum templo em Maceió que você considere muito bonito? Qual? Por quê?	<ul style="list-style-type: none"> - Igreja Batista do Farol (7): a fachada da igreja e o jardim são bem atraentes; templo do modo físico, bastante contextualizado; pelo tamanho e espaço; design mais moderno; - Primeira Igreja Batista de Maceió (2): pelo tamanho e espaço; - Igreja Batista Betel (3): há uma harmonia na estrutura; - Igreja Batista El Shaday - não sei; - no momento, o nosso.

APÊNDICE 05 - RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO - IGREJA 2

IGREJA: BATISTA DO FAROL

A. IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

Questão:		Respostas:
1. Sexo:	Feminino	5
	Masculino	5
2. Idade:	Até 20 anos	0
	21 a 40 anos	5
	41 a 60 anos	4
	Mais de 60 anos	1
3. Escolaridade:	1º grau incompleto	0
	1º grau completo	0
	2º grau	3
	Superior incompleto	1
	Superior completo	6
	Analfabeto	0
4. Renda:	Até 2 salários min.	0
	3 a 6 salários	5
	Mais de 6 salários	5
5. Bairro onde mora:	Próximo ao templo:	8 - Farol (7); Tabuleiro.
	Afastado do templo:	2 - Gruta de Lourdes; Salvador Lyra.

B. RELAÇÃO COM A IGREJA E SUAS ATIVIDADES

Questão:		Respostas:
1. Tempo que frequenta a igreja	Menos de 6 meses	0
	Até 3 anos	1
	3 a 10 anos	4
	Mais de 10 anos	5
2. Com que frequência costuma vir à igreja?	Diariamente	1
	1 a 3 vezes por semana	9
3. De que forma participa das atividades da igreja?	Apenas frequenta os cultos	1
	Auxilia durante os cultos	3
	Auxilia atividade extra culto	7

C. QUANTO ÀS ATIVIDADES DA IGREJA

Questão:	Respostas:	
1. Qual o momento que considera mais importante ao estar na igreja?	Cultos	8
	Comunhão	1
	Estudos bíblicos	2
	Reuniões, ensaios, outros	0
2. Este momento (resposta anterior) precisa ocorrer no templo?	Sim	0
	Não	10
3. Qual desses momentos mais gosta de participar?	Cultos	7
	Comunhão	2
	Estudos bíblicos	0
	Reuniões, ensaios, outros	1
2. Este momento (resposta anterior) precisa ocorrer no templo?	Sim	0
	Não	10

D. QUANTO AO ESPAÇO FÍSICO DO TEMPLO

Questão:	Respostas:
1. O espaço físico do templo atende bem às atividades que a igreja possui? Por quê?	<p>Sim (8) Não (2)</p> <ul style="list-style-type: none"> - não, precisamos de mais cadeiras; - sim, acessível, limpo, iluminado, agradável; - Não. Porque em muitos domingos à noite, que são cultos normais da Igreja, são colocadas cadeiras no rol de entrada para as pessoas assistirem o culto, já que dentro do templo, nesta situação, já está lotado. Em eventos maiores [...] esse número fica maior ainda. Por isso, acho que não atende bem. Atende razoável; - apesar de ter sido construída há 30 anos, tem grande espaço; - sim, tem amplo espaço e locais para diferentes atividades; - sim, normalmente há espaço para todos os presentes; - sim, a igreja possui uma boa estrutura física, mas o templo poderia ser maior.
2. De 0 a 10, diga o quanto gosta do espaço desse templo (da parte física)?	8,0 / 10,0 / 9,0 / 8,0 / 10,0 / 7,0 / 10,0 / 10,0 / 9,0 / 8,0
3. Qual a sensação, ou o que você sente, quando está no espaço do templo?	<ul style="list-style-type: none"> - presença de Deus (2); - alegria; - alegria de celebrar, estar perto dos irmãos; - tranquilidade; - bem estar (2);

	<ul style="list-style-type: none"> - em casa; - amplidão; - paz (3).
4. Existe alguma coisa que você goste muito ou que lhe chame a atenção neste espaço?	<ul style="list-style-type: none"> - plataforma (2); - as janelas (2): chamam atenção, boa iluminação; - gosto da disposição do santuário; - Nada individualmente, gosto do coletivo; - a disposição das naves; - sim, o santuário; - sim, a fácil visualização do púlpito de qualquer ponto; - o fechamento lateral em vidro.
5. Diga alguma coisa neste espaço que você não goste ou ache que precisa melhorar.	<ul style="list-style-type: none"> - parte de vidro/esquadrias (poderia melhorar); - as cores; - poderia melhorar a acessibilidade; - a plataforma (para músicos, dirigente) é pequena e angulada; - apenas o tamanho dos espaços, que necessita ser maior; - acústica; - a utilização durante a semana, fica parado às tardes; - a fachada com letreiro, tem buracos do ar-condicionado; - o acesso à plataforma, o forro e as luminárias; - não.
6. Digamos que você tivesse de ir para outra igreja. Se pudesse levar qualquer coisa daqui, o que levaria?	<ul style="list-style-type: none"> - família; - o ar-condicionado; - espírito da igreja, confraternização; - a acústica; - piano; - nada em específico; - o púlpito; - o som (equipamento); - não sei (2).
7. Você gosta da aparência da entrada dessa igreja? Por quê?	<p>Sim (9) Não (1)</p> <ul style="list-style-type: none"> - sim, gosto do jardim, gramado (2); - sim porque é grande; - sim, ampla, jardins, limpa, plana; - sim, me parece limpa, bonita e bem estruturada; - sim, parece ser lateral mas é frontal; - sim porque é bem bonita e elegante; - sim, porque é uma igreja bem cuidada como um todo (2); - não, está bastante desgastada, a fachada.
8. Existe algo nessa entrada/fachada que lhe chame a atenção ou que poderia melhorar?	<ul style="list-style-type: none"> - formato (chama atenção); - melhorar na pintura; - poderia ser mais harmônica; - a torre de identificação da igreja (chama atenção); - o verde em contraste com a parede chama a atenção; - chama a atenção é a boa quantidade de acessos ao templo; - acesso dos veículos; - a torre poderia ser melhor iluminada; - sim, as câmulas para ar-condicionado estão tirando sua beleza; - poderia ser mais imponente.

9. Você acha que esta igreja está bem localizada? Por quê?	Sim (10) Não (0) - sim, é central, fácil acesso (6); - já esteve melhor, por causa do viaduto, mas para o funcionamento está bom; - sim, porque está em um ponto central e bem visível no bairro; - sim, está entre o centro e o Farol, com área para crescer; - sim, se encontra numa via de alto fluxo de pessoas.
---	---

E. OUTRAS POSSIBILIDADES

Questão:	Respostas:
1. Complete a frase como quiser: <p style="text-align: center;">“Para mim, um templo é...”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - a casa de Deus; - lindo; - lugar de comunhão; - espaço onde tudo deve convergir para Deus; - Local de adoração (4); - um lugar onde as pessoas que querem conhecer a Deus se reúnem; - muito bonito, amplo e bem desenhado (moderno).
2. O que você acha que não pode faltar em uma igreja (fisicamente/no espaço)?	<ul style="list-style-type: none"> - bancos (2); - púlpito; - local para estudos bíblicos, estacionamento; - boa acústica, bons sons, acesso amplo e plano; - plataforma, o local onde é celebrado o culto; - Templo, banheiros, um salão social, local destinado a crianças e salas para escolas bíblicas, estacionamento, salas específicas para trabalhos ministeriais, secretaria. Talvez isso seja um pouco difícil para a realidade de nossas Igrejas, mas seria o mínimo ideal; - pastor; - local afastado para crianças; - amplo espaço interno.
3. Existe algum templo em Maceió que você considere muito bonito? Qual? Por quê?	<ul style="list-style-type: none"> - Igreja Batista do Farol (5): porque é ampla; acho um templo bonito, porque tem uma estrutura que não fica ultrapassada e pode ser adaptada e ir se modernizando ou melhorando; é o mais bonito daqui; a pesar de antigo ainda tem ares modernos/atuais. - a maioria é réplica de outro e tentam copiar o da Igreja Batista do Farol - Primeira Igreja Batista de Maceió, tem templo moderno; - Igreja Batista Betel (2): é pequena mas bonita, a fachada; - Igreja Adventista da Serraria; - Igreja Universal do Reino de Deus, Mangabeiras.

APÊNDICE 06 - RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO - IGREJA 3

IGREJA: ASSEMBLÉIA DE DEUS DA PONTA GROSSA

A. IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

Questão:		Respostas:
1. Sexo:	Feminino	5
	Masculino	5
2. Idade:		
	Até 20 anos	1
	21 a 40 anos	4
	41 a 60 anos	4
	Mais de 60 anos	1
3. Escolaridade:		
	1º grau incompleto	2
	1º grau completo	1
	2º grau	6
	Superior incompleto	0
	Superior completo	1
	Analfabeto	0
4. Renda:		
	Até 2 salários min.	2
	3 a 6 salários	8
	Mais de 6 salários	0
5. Bairro onde mora:		
	Próximo ao templo:	10 - Prado; Joaquim Leão; Ponta Grossa; Vergel; Trapiche da Barra;
	Afastado do templo:	0

B. RELAÇÃO COM A IGREJA E SUAS ATIVIDADES

Questão:		Respostas:
1. Tempo que frequenta a igreja	Menos de 6 meses	0
	Até 3 anos	4
	3 a 10 anos	0
	Mais de 10 anos	6
2. Com que frequência costuma vir à igreja?		
	Diariamente	1
	1 a 3 vezes por semana	9
3. De que forma participa das atividades da igreja?		
	Apenas frequenta os cultos	1
	Auxilia durante os cultos	8
	Auxilia atividade extra culto	8

C. QUANTO ÀS ATIVIDADES DA IGREJA

Questão:	Respostas:	
1. Qual o momento que considera mais importante ao estar na igreja?	Cultos	10
	Comunhão	0
	Estudos bíblicos	0
	Reuniões, ensaios, outros	0
2. Este momento (resposta anterior) precisa ocorrer no templo?	Sim	0
	Não	10
3. Qual desses momentos mais gosta de participar?	Cultos	5
	Comunhão	0
	Estudos bíblicos	1
	Reuniões, ensaios, outros	4
2. Este momento (resposta anterior) precisa ocorrer no templo?	Sim	1
	Não	9

D. QUANTO AO ESPAÇO FÍSICO DO TEMPLO

Questão:	Respostas:
1. O espaço físico do templo atende bem às atividades que a igreja possui? Por quê?	<p>Sim (5) Não (5)</p> <ul style="list-style-type: none"> - não, precisa de melhorias; - não, é pequeno (3); - não, pois a igreja é antiga, não tem conforto; - sim (3); - sim, mas poderia melhorar; - sim, mas poderia ser maior.
2. De 0 a 10, diga o quanto gosta do espaço desse templo (da parte física)?	7,0 / 7,0 / 6,0 / 7,0 / 10,0 / 9,0 / 8,0 / 9,0 / 8,0 / 9,0
3. Qual a sensação, ou o que você sente, quando está no espaço do templo?	<ul style="list-style-type: none"> - sinto a presença de Deus (2); - desconforto do templo; - paz, reverência; - paz; - alegria (2); - bem estar (3); - sensação melhor, inexplicável, de segurança, esperança, força.

<p>4. Existe alguma coisa que você goste muito ou que lhe chame a atenção neste espaço?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - gosto de ficar na porta (recepção); - púlpito (2); - gosto de tudo; - gosto do departamento de crianças, é muito bom um espaço separado para elas; - gosto do espaço, chama atenção a altura do templo; - nada (4).
<p>5. Diga alguma coisa neste espaço que você não goste ou ache que precisa melhorar.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - o banco dos auxiliares, porque é muito quente. Poderia ter mais ventiladores; - o espaço é pequeno, poderia ser maior (4); - o templo é pequeno, ventilação ruim, deveria colocar ar condicionado; - do calor, falta ventilador, poderia ter ar condicionado; - não gosto dos bancos (3); - barulho, também poderia ser maior; - menino mexendo nas coisas. Poderia ter cadeira fofa, ar condicionado.
<p>6. Digamos que você tivesse de ir para outra igreja. Se pudesse levar qualquer coisa daqui, o que levaria?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - o amor dos irmãos; - saudade (2); - pastor e pessoas (3); - não sei; - a mensagem; - o louvor.
<p>7. Você gosta da aparência da entrada dessa igreja? Por quê?</p>	<p>Sim(6) Não (4)</p> <ul style="list-style-type: none"> - não, é estranha; - sim, mas mudaria um pouco (2); - não, mudaria um pouco; - não gosto do modelo das Assembléias, todas elas.
<p>8. Existe algo nessa entrada/fachada que lhe chame a atenção ou que poderia melhorar?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - chama atenção a cor; - não/nada (4); - o estilo antigo do prédio chama a atenção; - o ferro (grade) poderia ir até em cima; - as letras me chamam atenção; - a grade de ferro chama atenção; - acho bom porque é tudo igual.
<p>9. Você acha que esta igreja está bem localizada? Por quê?</p>	<p>Sim (9) Não (1)</p> <ul style="list-style-type: none"> - mas falta espaço para estacionamento, o espaço foi feito sem pensar; - é centralizada, numa rua boa; - é tranquilo para uma igreja; - por causa da rua visível, espaçosa; - é muito perigoso por causa das crianças, o espaço é pequeno e quando sai já é na rua;

E. OUTRAS POSSIBILIDADES

Questão:	Respostas:
<p>1. Complete a frase como quiser:</p> <p style="text-align: center;">“Para mim, um templo é...”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - socorro de Deus; - espaço onde venho adorar a Deus; - local onde a gente congrega e sente a presença do Senhor; - um lugar sagrado; - ótimo, aqui aprendo coisa boa do céu; - uma casa; - lugar onde a gente de reúne para ouvir a palavra de Deus; - meu refúgio; - casa de oração; - tudo.
<p>2. O que você acha que não pode faltar em uma igreja (fisicamente/no espaço)?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - assistência ao povo; - espaço para divisão dos departamentos; - espaço; - iluminação boa; - copo, água, papel higiênico, pagar contas em dia; - cadeiras (2); - som, sem isso como o povo vai ouvir? (por causa do tamanho do templo); - o pastor e a palavra; - Bíblia.
<p>3. Existe algum templo em Maceió que você considere muito bonito? Qual? Por quê?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - não (2); - Assembléia do Pinheiro, ela chama a atenção; - Assembléia do Farol, pelo espaço que tem; - Assembléia do Stella Maris, porque é organizada, pequena; - As Assembléias, cada uma tem uma diferença, mas em qualquer uma é bem recebido; - Igreja Batista do Farol: é grande, espaçosa. - Igreja Batista Betel: a estrutura é bonita, as folhagens dentro do templo na parede; - Igreja Universal do Reino de Deus, Mangabeiras (2): o estilo dela é lindo, se pudesse compraria aquele templo e traria para a Assembléia; pela beleza física, pelo tamanho;

APÊNDICE 07 - RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO - IGREJA 4

IGREJA: ASSEMBLÉIA DE DEUS DO STELLA MARIS

A. IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

Questão:		Respostas:
1. Sexo:	Feminino	4
	Masculino	6
2. Idade:		
	Até 20 anos	0
	21 a 40 anos	4
	41 a 60 anos	6
	Mais de 60 anos	0
3. Escolaridade:		
	1º grau incompleto	1
	1º grau completo	0
	2º grau	5
	Superior incompleto	1
	Superior completo	3
	Analfabeto	0
4. Renda:		
	Até 2 salários min.	0
	3 a 6 salários	3
	Mais de 6 salários	7
5. Bairro onde mora:		
	Próximo ao templo:	6 - Stella Maris; Ponta Verde; Jatiúca;
	Afastado do templo:	4 - Gruta de Lourdes; Tabuleiro; Farol; Forene;

B. RELAÇÃO COM A IGREJA E SUAS ATIVIDADES

Questão:		Respostas:
1. Tempo que frequenta a igreja	Menos de 6 meses	0
	Até 3 anos	4
	3 a 10 anos	6
	Mais de 10 anos	0
2. Com que frequência costuma vir à igreja?		
	Diariamente	1
	1 a 3 vezes por semana	9
3. De que forma participa das atividades da igreja?		
	Apenas frequenta os cultos	2
	Auxilia durante os cultos	5
	Auxilia atividade extra culto	6

C. QUANTO ÀS ATIVIDADES DA IGREJA

Questão:	Respostas:	
1. Qual o momento que considera mais importante ao estar na igreja?	Cultos	8
	Comunhão	1
	Estudos bíblicos	3
	Reuniões, ensaios, outros	1
2. Este momento (resposta anterior) precisa ocorrer no templo?	Sim	2
	Não	8
3. Qual desses momentos mais gosta de participar?	Cultos	9
	Comunhão	1
	Estudos bíblicos	2
	Reuniões, ensaios, outros	1
2. Este momento (resposta anterior) precisa ocorrer no templo?	Sim	2
	Não	8

D. QUANTO AO ESPAÇO FÍSICO DO TEMPLO

Questão:	Respostas:
1. O espaço físico do templo atende bem às atividades que a igreja possui? Por quê?	<ul style="list-style-type: none"> - não, é deficitário; - não, mas querem ampliar; - é pequeno (3); - sim (2); - não, o templo é pequeno para o número de membros (2); - sim, menos em dias festivos (fica pequeno).
2. De 0 a 10, diga o quanto gosta do espaço desse templo?	5,0 / 6,0 / 9,0 / 8,0 / 7,0 / 10,0 / 7,0 / 10,0 / 9,0 / 9,0
3. Qual a sensação, ou o que você sente, quando está no espaço do templo?	<ul style="list-style-type: none"> - a igreja tem seu trabalho prejudicado, sobretudo na escola dominical (todos no santuário); - me sinto bem em estar na casa de Deus; - inexplicável, paz, comunhão; - sinto bem; - sensação de conforto; - felicidade, alegria, prazer em estar na casa de Deus; - momento de muita alegria; - presença de Deus (3).
4. Existe alguma coisa que	- cadeiras (2);

<p>você goste muito ou que lhe chame a atenção neste espaço?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - decoração; - nome na plataforma; - forro (2); - parte da frente (plataforma); - o templo como um todo; - cadeiras, climatização; - o ambiente tranquilo.
<p>5. Diga alguma coisa neste espaço que você não goste ou ache que precisa melhorar.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - reverência, circulação (pode melhorar); - o som (equipamentos, caixa) fica muito perto das cadeiras; - nada (3); - tamanho (2); - fachada; - pode ampliar o espaço (2).
<p>6. Digamos que você tivesse de ir para outra igreja. Se pudesse levar qualquer coisa daqui, o que levaria?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - o amor dos irmãos; - cadeiras (3); - pastor (3); - humildade; - púlpito; - conforto.
<p>7. Você gosta da aparência da entrada dessa igreja? Por quê?</p>	<p>Sim (8) Não (2)</p> <ul style="list-style-type: none"> - não, deixa a desejar; - não tem aparência de igreja. Muitos passam e não sabem que é igreja; - sim, gosto por vi a transformação desde o início; - sim, o vidro dá uma aparência agradável, de conforto.
<p>8. Existe algo nessa entrada/fachada que lhe chame a atenção ou que poderia melhorar?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - não parece igreja; - ela poderia melhorar; - plantas chamam a atenção; - chama atenção o vidro, as plantas; - chama atenção a forma triangular (vista de dentro); - poderia ter estacionamento maior; - nome, letreiro chama a atenção (2); - o símbolo da AD chama atenção; - a placa da igreja – gosto muito.
<p>9. Você acha que esta igreja está bem localizada? Por quê?</p>	<p>Sim (8) Não (2)</p> <ul style="list-style-type: none"> - não, porque esse espaço é mais comercial; - não, é praticamente na pista, tem dificuldades para estacionar; - sim, fácil acesso (2); - sim, está numa avenida (2); - sim, por causa da avenida, é de fácil acesso; - sim, é perto de tudo; - sim, porque não incomoda a vizinhança (sem residências próximas).

E. OUTRAS POSSIBILIDADES

Questão:	Respostas:
<p>1. Complete a frase como quiser:</p> <p style="text-align: center;">“Para mim, um templo é...”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - representação da vida de um cristão; - é coisa de Deus; - essencial; - maravilhoso; - local de adoração a Deus; - onde eu me realizo e conquisto um grande avivamento espiritual em minha vida; - a casa de Deus e a porta dos céus; - um lugar de oração e comunhão; - morada do Espírito Santo; - Jesus.
<p>2. O que você acha que não pode faltar em uma igreja (fisicamente/no espaço)?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - espaço reservado para conversar com o pastor; - uma boa acomodação; - pastor / líder (2); - uma boa arrumação; - púlpito; - pessoas da igreja; - departamento infantil, berçário; - os instrumentos para poder cultuar a Deus; - Espaço de locomoção.
<p>3. Existe algum templo em Maceió que você considere muito bonito? Qual? Por quê?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - não. Não me ligo ao templo, acho que é você quem faz o templo, contanto que seja satisfatório para a igreja. - não (2); Igreja Universal do Reino de Deus, Mangabeiras (4): por causa da estrutura, do tamanho, as pilastras na frente; pela arquitetura da igreja; pela estrutura física; pelo jeito que lembra muito Israel; - Assembléia do Farol, por causa da estrutura, foi bem projetada; - Assembléia do Bosque das Acácias: tem uns degraus no templo, é bem organizado; - Batista El Shaday, por causa da fachada.